

Raízes

Publicação semestral da
Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul
Distribuição gratuita

70

AGO
2025

Palavra da Presidência

Marisa Catalão Camposana

Nova gestão, novos desafios, novos tempos. É com grande força e esperança que a Revista *Raízes* chega à sua 70ª edição. Embalada por histórias importantes e por memórias inesquecíveis, a revista, que possui uma trajetória de 36 anos de circulação ininterrupta, ratifica o seu compromisso com a disseminação do conhecimento histórico acerca de São Caetano do Sul e com as narrativas memorialísticas por ele abarcadas.

Distribuídos por variadas seções, os textos que compõem essa edição apresentam temas bastante diversos, contemplando diferentes períodos e personagens da cidade, o que atesta a riqueza e a profundidade da nossa memória histórica.

Que o nosso público possa fazer uma bela e nostálgica jornada pelas páginas de *Raízes*, com o coração repleto de amor pela cidade, palco de suas experiências, vivências e caminhada. Boa leitura!



Raiões

Ano XXXVII - Número 70
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Agosto de 2025

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - /SP
Fone: (11) 4223-4780

Jornalista Responsável: Paula Fiorotti (Mtb. 28.927). Edição e organização: Cristina Toledo de Carvalho. Revisão: Paula Fiorotti, Cristina Toledo de Carvalho e Suzel Magalhães Tunes. Serviço de Difusão Cultural: Cristina Toledo de Carvalho. Comissão Editorial: Marisa Catalão Campozana, Ana Maria Guimarães Rocha, Cristina Toledo de Carvalho, Heloísa Canga, Humberto Pastore, Maria Zulema Cebrian, Paula Fiorotti, Rodrigo Marzano Munari, Sandra Regina Bittancourt Gouveia. Projeto Gráfico: Roberta Giotto. Digitalização de Imagens: Larissa Thais Lopes

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC. A seleção do material é de responsabilidade da Comissão Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Prefeito Municipal: Anacleto Campanella Júnior. Secretária Municipal de Cultura: Camila Zanon Costa. Presidente da Fundação Pró-Memória: Marisa Catalão Campozana. Conselho Diretor: Marisa Catalão Campozana - Presidente, Anna Figueira, Brenno Diorrener Pereira, Candido Giraldez Vieitez, Charly Farid Cury, Eva Bueno Marques, João Tarcísio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Paula Fiorotti, Priscila Ferreira Perazzo, William Pesinato. Conselho Consultivo: Donizetti Tadeu Moretti, Elisabete Montesano, Issao Toyoda Kohara, José Luiz Cabrino, Marcos Eduardo Massolini, Newton Mori, Paulo Alves Rosa, Wander Correa.

Carta ao leitor

Paula Fiorotti

É com muita satisfação que a Fundação Pró-Memória apresenta mais uma edição da Revista *Raízes*, um espaço especial criado para contar a história e celebrar a memória da nossa querida São Caetano do Sul.

Nesta 70ª edição, reunimos pesquisas, histórias, fotos e depoimentos que mostram o quanto nossa cidade é rica em cultura e tradição. A ideia é trazer à tona tudo aquilo que faz parte das nossas raízes, para que possamos conhecer melhor o passado e, assim, valorizar ainda mais o presente e o futuro.

Nesta edição, você vai encontrar temas que falam sobre diferentes momentos e personagens que ajudaram a construir a São Caetano que conhecemos hoje, além de curiosidades que muitas vezes passam despercebidas no nosso dia a dia.

Eu gostaria de agradecer de coração a todos os colaboradores, pesquisadores e leitores que tornam a publicação um trabalho vivo e cheio de significado. Um agradecimento mais que especial à historiadora Cristina Toledo de Carvalho, que está assumindo o projeto da revista com grande entusiasmo e dedicação.

Esperamos que esta edição inspire você a se apaixonar ainda mais pela nossa cidade e a valorizar as memórias que nos unem.

Boa leitura!

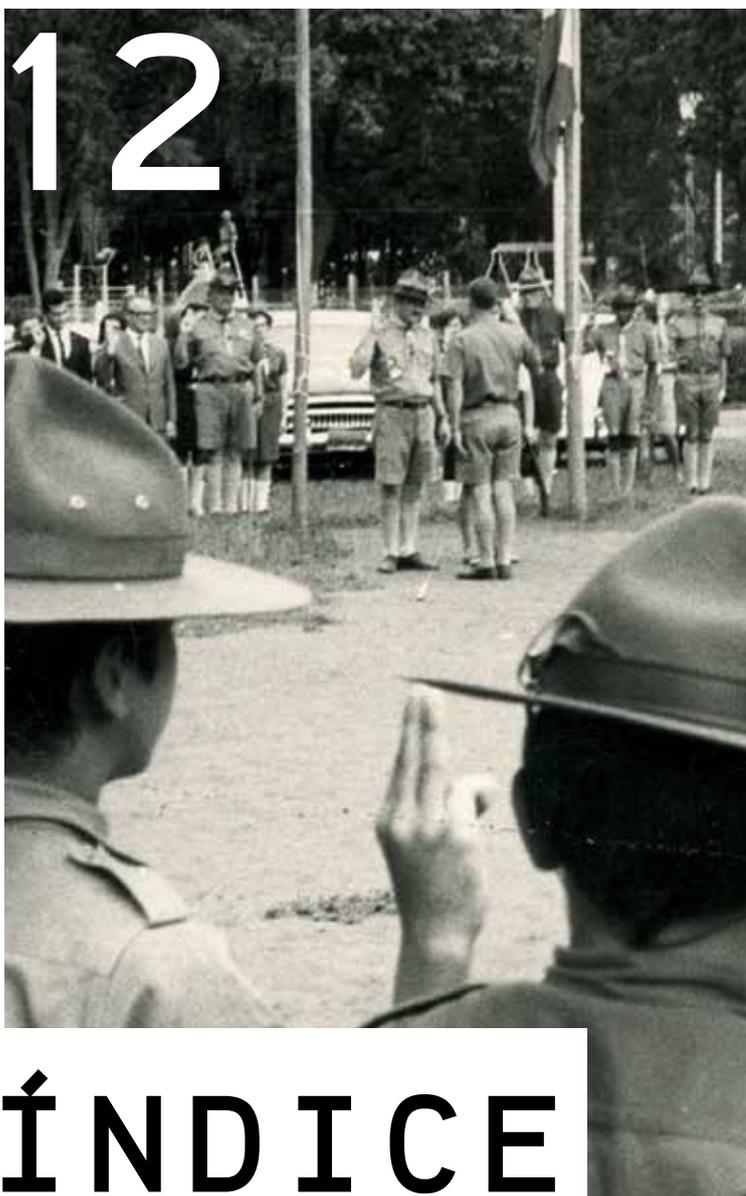
Paula Fiorotti

é jornalista formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, tem pós-graduação em Comunicação Empresarial e Relações Públicas pela Faculdade Cásper Líbero e especialização em Gestão de Patrimônio e Cultura pela Unifai (Centro Universitário Assunção). Atualmente cursa MBA em Curadoria, Museologia e Gestão de Exposições na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul. Atuou em diversas áreas na Fundação Pró-Memória de 2001 a 2024 e atualmente é assessora na Secretaria Municipal de Cultura da cidade.

CAPA

75 Anos de história, natureza
e cidadania: o legado do
Grupo Escoteiro
São Francisco de Assis

Maria Clara da Silva Marotti



ÍNDICE

Integrantes do
Grupo Escoteiro São
Francisco de Assis
reunidos em 1975
Acervo/FPMSCS

6 ALMANAQUE

ARTIGOS

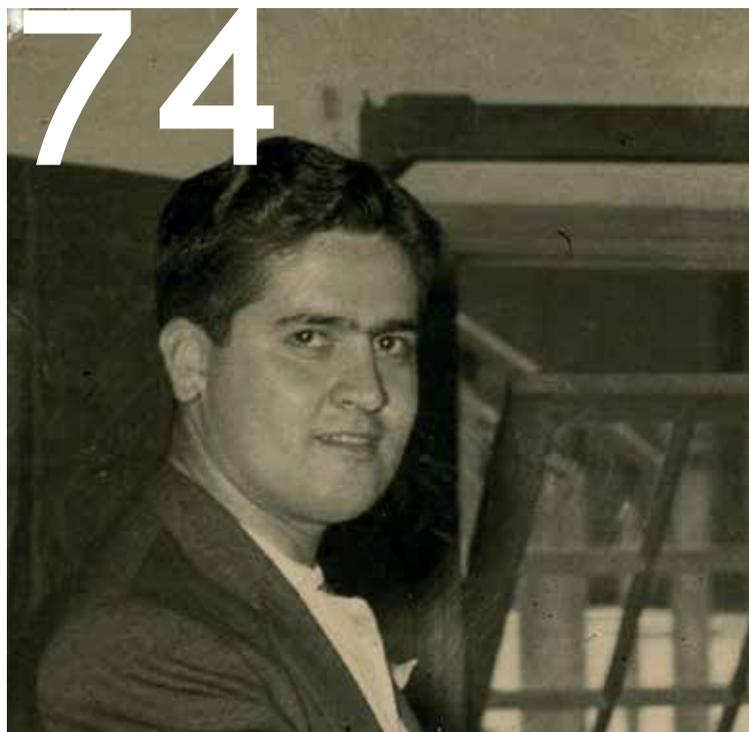
- 20 Rua: um espaço de memória(s)
Virgílio Antiqueira

MEMÓRIA

- 27 Origens do Colégio Técnico
Industrial Jorge Street
Marco Mandarino
- 34 Estádio Anacleto Campanella:
os 70 anos da inauguração
da “maior construção desportiva
do município”
Cristina Toledo de Carvalho
- 41 Chitãozinho e Xororó: uma
história de sucesso ligada a
São Caetano do Sul
Mario Edson Botteon
- 46 São Caetano do Sul e
Gulliver: Lilliput é aqui!
Marcos Eduardo Massolini
- 55 Família Navarro e sua história
em São Caetano do Sul
Robson Navarro Diniz
- 59 Uscs completa 57 anos de história
em São Caetano do Sul, unindo
tradição e inovação
Leandro Prearo

CURIOSIDADES

- 25 Um aparelho de TV no
badalado Mercado Inca
- 54 As artesãs de objetos de palha
do Núcleo Colonial de São Caetano
- 92 Uma declaração curiosa e anticomunista
- 101 Aulas particulares em 1950



BAÚ DE MEMÓRIAS

- 33 Doação/Maria de
Lourdes Pires Barros

MEMÓRIA E AFETO

- 63 Bazar e Papelaria Ao Carioca
deixou lembranças nostálgicas

HISTÓRIA ORAL

- 64 Dametto Rogatto: a família que
tem história para contar
Eliane Parmezani

- 69 Vanda e Vilma, as
gêmeas da Rua Urupema
Maria Angélica Ferrasoli

HOMENAGEM

- 74 O mais autonomista dos
autonomistas!
João Tarcísio Mariani

QUEM FOI?

- 78 Cardeal Arcoverde

ESPORTES

- 79 Bengala Azul: uma torcida de
futebol diferente, exemplar e
disciplinada que encantou o Brasil
e tem uma história de mais de 30
anos para ser contada
Luiz Domingos Romano

- 84 Os jogos do Santos Futebol Clube
em São Caetano do Sul
Renato Donisete Pinto

CRÔNICAS E CAUSOS

- 93 O patinete e eu
Angelo Honorato Zucato
- 94 Um passeio na primeira perua policial de
São Caetano do Sul
Moacir Ricci
- 95 O meu bairro também
tem a sua história
Sonia Cordeiro

NOSSO ACERVO

- 98 PINACOTECA MUNICIPAL
- 99 MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

100 TRANSFORMAÇÕES

102 ACONTECEU

106 MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

General Motors: 100 anos de Brasil,
95 anos de São Caetano

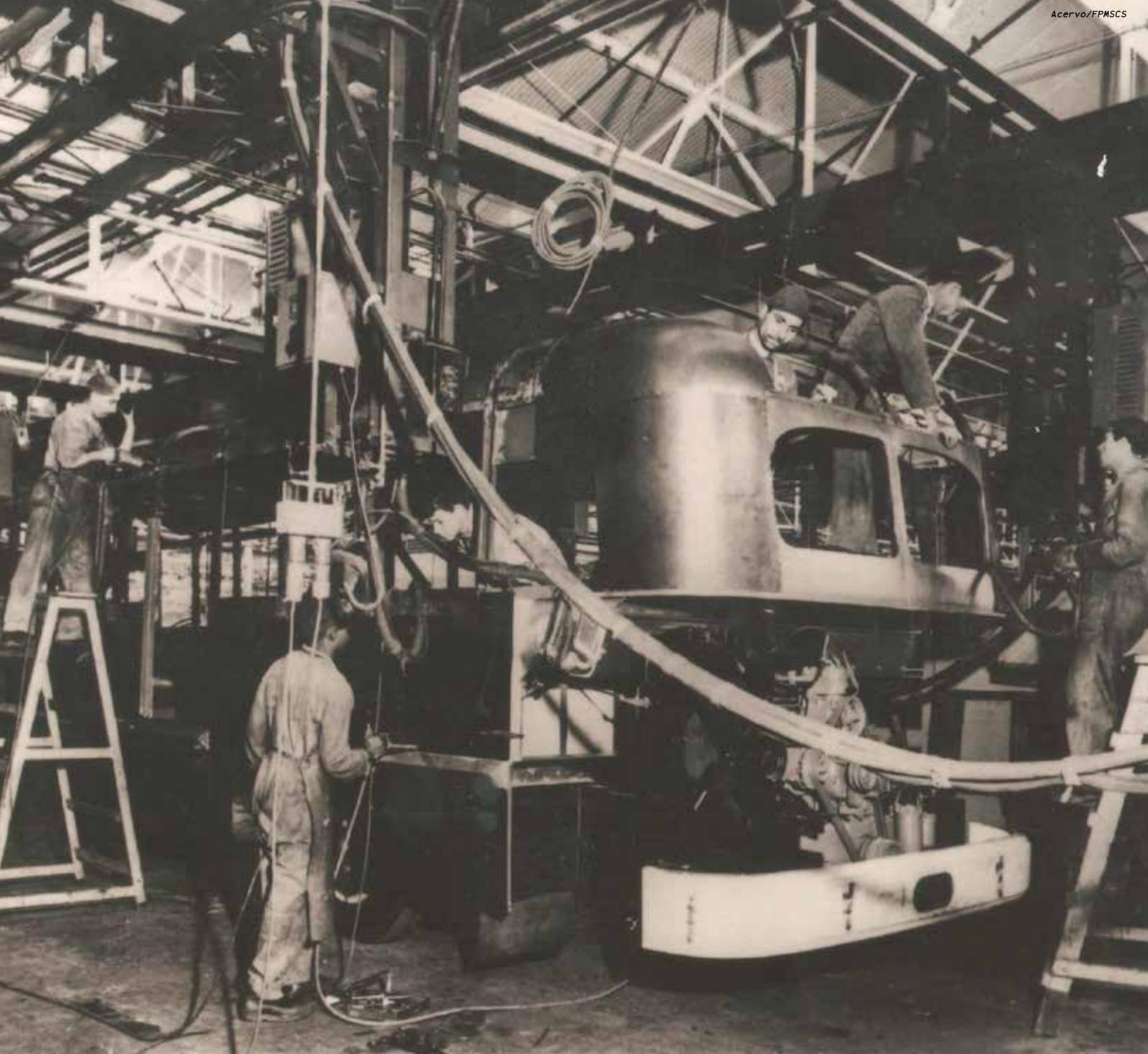


Arquivo/FPMSCS

O ano de 2025 marca o centenário da General Motors no Brasil e os 95 anos de sua inauguração oficial em São Caetano do Sul. Antes de sua instalação na cidade, a empresa comandava, desde 1925, a sua produção em galpões situados na Avenida Presidente Wilson, nº 2.935, no Bairro Ipiranga, em São Paulo. O início de sua quase centenária trajetória em território sul-são-caetanense remonta, todavia, a um período anterior ao da data de sua inaugu-

ração oficial, mais precisamente ao dia 24 de setembro de 1927, quando se iniciaram as obras para o erguimento de suas instalações em uma área descampada de aproximadamente 45 mil metros quadrados (na imagem, autoridades reunidas na área em questão, marcando solenemente o começo das obras). A escolha desse novo endereço deveu-se ao fato de a localidade apresentar um cenário favorável, pois, na época, o então distrito de São Caetano já dava significativas

mostras de seu potencial industrial. De seu nascente parque fabril faziam parte empresas do porte da Cerâmica São Caetano e das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. A General Motors chegava, assim, para compor um poderoso trio ao lado dessas unidades fabris. Representava uma possibilidade concreta de fortalecimento para o segmento industrial local, que passaria a contar com as atividades de uma fábrica do setor automobilístico – ramo que já reivindicava espaço



na economia brasileira frente aos anseios prementes por modernização oriundos, principalmente, das camadas urbanas. Em 1º de outubro de 1929, iniciaram-se as operações de montagem de veículos na fábrica de São Caetano, mas sua inauguração oficial ocorreu dez meses depois, no dia 12 de agosto de 1930. Foi sob

um contexto histórico de eferescência político-econômica, tanto do ponto de vista mundial (a grande depressão instalada no mundo capitalista) quanto nacional (a Revolução de 1930 e a chegada de Getúlio Vargas ao poder) que se observou a integração da General Motors à vida de São Caetano. Sua presença na cidade

trouxe diversas perspectivas para o cotidiano local, como aumento da oferta de emprego, vinda de novos habitantes e aperfeiçoamento da mão de obra. Na outra foto aqui contemplada, operários trabalham na linha de montagem da fábrica durante a primeira metade do século passado.

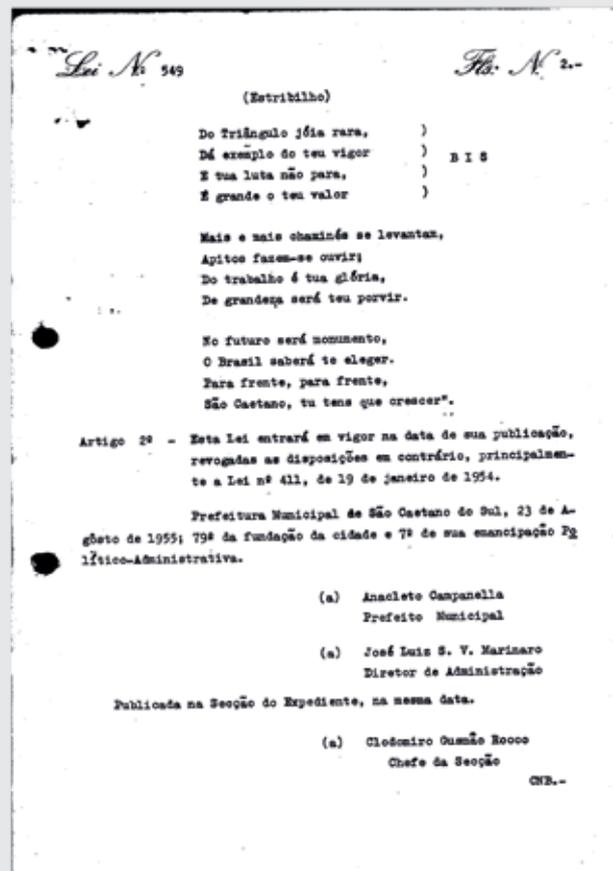
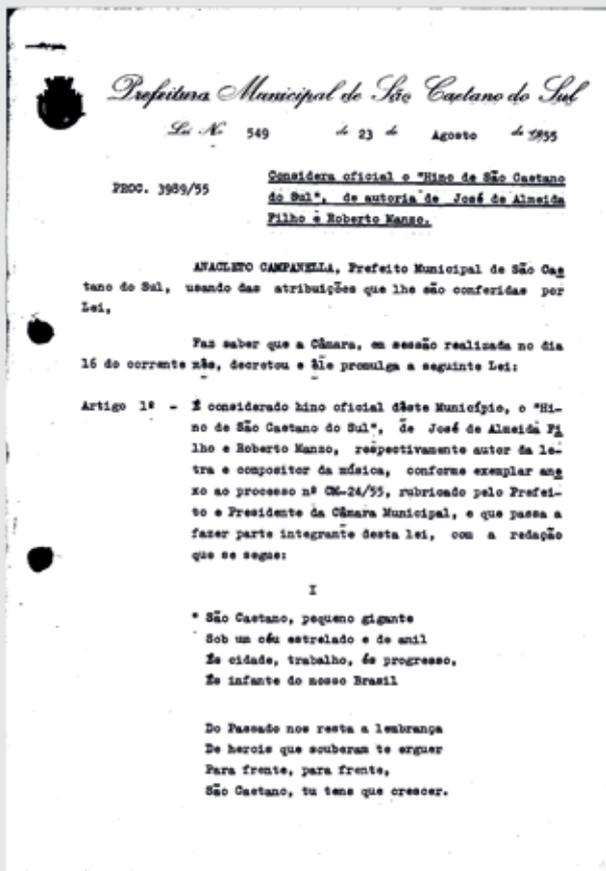
Os 70 anos da instituição do hino oficial do município de São Caetano do Sul



Com a obtenção da autonomia político-administrativa, São Caetano do Sul passou a contar com símbolos cívicos representativos de sua condição de município e das tradições que identificam e caracterizam o seu território e a sua gente. Entre tais símbolos, encontra-se o seu hino oficial, instituído há 70 anos pela lei municipal nº 549,

de 23 de agosto de 1955. Os autores de sua letra e de sua música são José de Almeida Filho e Roberto Manzo, respectivamente. Ambos venceram o concurso organizado pela municipalidade em 1954, tendo em vista a elaboração do símbolo cívico em questão. Ao longo de sua letra, o hino faz menções à pujança e ao desenvolvimento econômico de

São Caetano do Sul, dialogando com todo um contexto de forte apelo à construção de uma identidade local, presente de maneira mais intensa na cidade nos primeiros anos de sua vida municipal. As imagens que ilustram este texto constituem reprodução dos termos que constam na lei que instituiu o hino oficial.



Credito/Disponivel em: https://administracao.saocaetanodosul.sp.gov.br/storage/uploads/11200.pdf



Lions Clube de São Caetano do Sul: há 70 anos prestando importantes serviços à cidade



O Lions Clube de São Caetano do Sul foi fruto das articulações de um grupo de pessoas, que, desde maio de 1955, deu início aos entendimentos necessários à instalação desse clube de serviço na cidade. A tal proposta aderiram figuras de relevo da sociedade sul-são-caetanense, como Abib João Kirche, Jacob Timerman, Antônio Souza Voto e José Geraldo Moraes Alves. O grupo foi ganhando novos adeptos à medida que a ideia avançava, propagando-se, sobretudo, por meio de reuniões realizadas no Clube Comercial e na Sociedade Israelita. Assim, no dia 27 de junho daquele ano de

1955, foi fundado o Lions Clube de São Caetano, o primeiro do município e da região do ABC. A primeira diretoria ficou sob a presidência de Dirceu Oliveira Lima. Com o surgimento de outro clube na cidade, em 29 de outubro de 1968, o pioneiro Lions Clube de São Caetano do Sul passou a denominar-se Lions Clube de São Caetano do Sul-Centro (numa referência à região do município na qual foi organizado). Com uma trajetória de 70 anos e alinhado aos propósitos do Lions Internacional, fincados nos ideais de amizade, companheirismo e compreensão mútua, o Lions Clube

de São Caetano do Sul-Centro reúne um rol extenso de obras e iniciativas promovidas em prol da sociedade local, destacando-se a construção do Asilo da Velhice Desamparada (Lar Nossa Senhora das Mercedes), iniciada na década de 1960 em terreno doado pela prefeitura municipal a partir de concorrência pública vencida pela entidade. A imagem apresentada registra a campanha promovida em favor da construção do asilo, situado na Rua Arlindo Marchetti, nº 627, e a cargo da Congregação das Irmãs das Anciãs Desamparadas.

O 65º aniversário da inauguração do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul



Em 2025, comemora-se o 65º aniversário da inauguração do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul, ocorrida em 23 de julho de 1960. A sua história, entretanto, inicia-se meses antes, mais precisamente no dia 30 de novembro de 1959, data de sua criação pelo decreto nº 716. Sob a direção de José de Souza Martins (o primeiro encarregado da instituição), o Museu teve como sede pioneira as instalações situadas na Rua Baraldi, nº 929, esquina com a Rua Rio Grande do Sul, na região central da cidade. Com a denominação de Museu Histórico

Municipal e da Imigração Italiana Oswaldo Samuel Massei, foi reaberto em 16 de agosto de 1977, durante as comemorações do Centenário de São Caetano. Na ocasião, foi instalado num espaço localizado nas dependências do Bosque do Povo (Parque Municipal José Alves dos Reis), na Estrada das Lágrimas, onde permaneceu até o final da década de 1980, quando se transferiu para a sede atual, inaugurada no dia 29 de dezembro de 1988 no número 122 da Rua Maximiliano Lorenzini, no Bairro da Fundação. Desde 2005, essa instituição cultural, que hoje integra a

Fundação Pró-Memória, atende pelo nome de Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul. Em homenagem aos 65 anos da sua inauguração, apresentamos a reprodução da nota divulgada na edição de 17 de julho de 1960 (ano III, nº 115, primeira página) do jornal *News Seller*, dias antes da cerimônia inaugural do espaço, e a imagem que constitui registro do evento propriamente dito, ocorrido no dia 23 de julho daquele ano de 1960. Na ocasião, foi aberta a exposição *Pinacoteca Circulante*.



Arquivo/FPMSCS

INAUGURA-SE O MUSEU MUNICIPAL

No próximo sábado, dia 23, às 16 horas será inaugurado o Museu Municipal de SCS, à rua Baraldi nº 929.

Será aberta na ocasião, a visitação pública, apenas a exposição de quadros famosos pertencentes à Pinacoteca do Estado, feita em colaboração com o Serviço de Fiscalização Artística da Secretaria de Governo.

O descerramento da placa inaugural e o corte da fita serão feitos pelo sr. Oswaldo Samuel Massei, Prefeito Municipal, e pelo sr. Marcio Ribeiro Porto, Secretário de Governo.

A exposição ficará aberta ao público, nos dias úteis, das 14 às 21 horas e aos domingos das 9 às 12 horas, no período de 23 a 31 do corrente. Após, será montada a exposição permanente do Museu, cujas vitrinas encontram-se em fase de fabricação.

Arquivo/FPMSCS



**Escola
Sylvio Romero:
75 anos de
atuação em São
Caetano do Sul**



No dia 7 de setembro de 1950, era inaugurado o então Grupo Escolar Sylvio Romero. O terreno no qual foi construído havia sido obtido pela prefeitura (na época, sob o comando de Ângelo Raphael Pellegrino) junto a Stefan Gutmann, Gisela Heinsfurter e Francisco Canger, proprietários da antiga Vila Monte Alegre, um dos loteamentos que deram origem ao atual Bairro Oswaldo Cruz, onde se encontra a escola (Av. Dr. Vital Brasil Filho, nº 600). A primeira grande reforma em seu prédio ocorreu no final da década de 1970, durante o mandato do prefei-

to Raimundo da Cunha Leite (1977-1982), que a reinaugurou em 28 de julho de 1981. No final dos anos 1990, para adequar-se às novas exigências da cidade no setor educacional, o então prefeito Luiz Olinto Tortorello reformou e ampliou as instalações da escola. Em 2006, a unidade escolar foi municipalizada, passando a se chamar Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Sylvio Romero. Na foto, a antiga fachada da escola, cuja atuação em São Caetano do Sul completa 75 anos em 2025.

CAPA

75 Anos de história, natureza e cidadania: o legado do Grupo Escoteiro São Francisco de Assis

Maria Clara da Silva Marotti



Evento realizado por volta de 1970. Em primeiro plano, o chefe Antônio Martinelli, junto aos lobinhos, pombinhas (nomenclatura para meninas utilizada no Gesfa na época), escoteiros e escoteiras, fazendo a tradicional saudação escoteira



Arquivo/Gesfa

No coração de São Caetano do Sul, à sombra de uma árvore centenária da Praça Baden-Powell, pulsa a história viva de um dos grupos escoteiros mais antigos em atividade do Estado de São Paulo: o Grupo Escoteiro São Francisco de Assis (Gesfa), que completa, em 2025, notáveis 75 anos de fundação. Sua trajetória é um testemunho não apenas da força e resistência do movimento escoteiro no Brasil, mas também de como valores como cidadania, solidariedade e respeito à natureza podem se enraizar profundamente em uma comunidade.

Fundado oficialmente em 16 de maio de 1950, o Gesfa nasceu do idealismo e da persistência de Antônio Martinelli, um jovem visionário que encontrou no escotismo não apenas uma atividade, mas um propósito. Desde seus primeiros passos, Martinelli colecionou aprendizados que moldaram sua liderança e fundaram a base do Gesfa.

O grupo escoteiro encontrou casa em muitos lugares, mas foi sob a copa de um frondoso *Ficus benjamina*, na Praça Baden-Powell, que fincou raízes definitivas. A árvore, hoje tratada quase como uma guardiã da memória local, assistiu à transformação de gerações e se tornou símbolo da permanência e do crescimento do grupo ao longo das décadas.

A história do Gesfa acompanha de perto o processo de unificação do escotismo brasileiro, ocorrido em 1950 com a criação do Estatuto Social da União dos Escoteiros do Brasil (UEB). Na época, o grupo já operava com autonomia e força, atraindo jovens

e consolidando sua presença na vida pública da cidade.

Em um tempo de desafios e imprevistos, os escoteiros do Grupo São Francisco construíram sua sede com a ajuda da comunidade, utilizando materiais doados pela General Motors e pela Cerâmica São Caetano. A união de esforços foi um marco não apenas de autonomia, mas também de envolvimento coletivo — algo que define o espírito do grupo até os dias de hoje.

Reconhecido como o grupo escoteiro mais antigo em atividade nas sete cidades do ABC Paulista, o Gesfa se consolidou como referência regional em perseverança e contribuição comunitária. Em 2025, foi homenageado com o Troféu Jacarandá, concedido pelos Escoteiros do Brasil como símbolo de longevidade e impacto social duradouro. A honraria foi um reconhecimento pela boa e eficiente atividade desenvolvida pela Unidade Escoteira Local (UEL) ao longo dos anos, levando em consideração o caráter meritório e os serviços prestados em prol da juventude brasileira.

Além do seu trabalho contínuo com jovens, o Gesfa também se destaca por seus momentos simbólicos. O tradicional “Fogo de Conselho” de aniversário é um dos pontos altos do ano escoteiro — uma cerimônia emocionante de celebração e renovação de propósitos. Outro momento marcante são os acampamentos de grupo, encontros que reúnem diferentes gerações em experiências ao ar livre, cheias de aprendizado, aventura e companheirismo.

O Gesfa fez toda a diferença na minha vida, desde quando eu era bem pequena, e conforme fui crescendo, percebi que meus valores, minhas atitudes e percepções foram também moldadas por todo o ensinamento e exemplos que tive dentro do grupo. Gesfa também é família, é cuidado, é aconchego, é irmandade.

— Luiza Del Santi Perrone,
escotista do Gesfa

O Gesfa tem um impacto enorme em minha vida. Quando entrei, aos 14 anos, em 1988, me ajudou a superar a timidez. A partir daí, ganhei mais uma família, com amigas de mais de 30 anos. Como chefe, sinto orgulho dos jovens que ajudei a formar e com quem ainda tenho contato até hoje. Meu marido também faz parte do grupo, estamos juntos até hoje. Tivemos nossos filhos e seguimos contribuindo com o Gesfa.

— Andrea Leal,
escotista do Gesfa

A lobinha que, aos 4 anos, teve de escolher entre ser bailarina ou escoteira, está muito orgulhosa da decisão. Ao escolher o escotismo, eu nunca poderia imaginar as oportunidades que ali estariam esperando por mim. Amigos, cidades, cursos, conselhos, envolvimento comunitário, viagens e até mesmo a formação da minha família. Sou muito grata por todos esses anos. Hoje, como diretora-presidente, estou extremamente honrada de propiciar aos nossos jovens o que alguém fez por mim um dia. É isso que me move: fazer das nossas crianças e jovens os adultos mais incríveis do futuro. Como diria nosso fundador: 'Deixe o mundo melhor do que encontrou'. E é assim que nós, escoteiros, seguimos: sempre nos guiando pelo lema do Ramo Lobinho ao fazermos o nosso 'Melhor Possível'. Que muitas gerações ainda possam viver o escotismo e ser tão ou mais felizes do que sou em minha família escoteira franciscana.

— Maria Clara Marotti,
diretora-presidente (Gestão 25/26)





Acampamento do grupo em Pindamonhangaba, interior de São Paulo, em janeiro de 1972



Integrantes do Gesfa reunidos em 1975

Muito além de acampamentos e cerimônias, o Gesfa atua como espaço de formação ética e social, promovendo o desenvolvimento de crianças e jovens cidadãos conscientes de seu papel no mundo. A educação permanente adquirida por meio do Método Educativo Escoteiro — um sistema de autoeducação progressiva no qual cada jovem é convidado a assumir a responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento — é aplicada por meio do trabalho em equipe, do respeito ao meio ambiente, da liderança, do aprender fazendo e do envolvimento comunitário, sempre com o apoio de adultos preparados.

O Gesfa representa não apenas uma organização juvenil, mas também um patrimônio imaterial da cidade de São Caetano do Sul. Sua história, transmitida de geração em geração, forma parte essencial do tecido cultural e identitário do município.

A celebração de seus 75 anos é também um convite à reflexão sobre a importância da conservação da memória escoteira e do incentivo à educação não formal como instrumento de transformação social.

A educação não formal, como a praticada no escotismo, desempenha um papel essencial na formação de cidadãos conscientes, éticos e participativos. Ao promover o aprendizado por meio da vivência, do trabalho em equipe e da conexão com a natureza, ela complementa a educação tradicional e amplia



Arquivo/FMNSCS



Uma das antigas sedes do grupo, localizada sob o Viaduto dos Autonomistas. Destaque para a placa alusiva ao Gesfa na qual há referência à União dos Escoteiros do Brasil (UEB), cujo Estatuto Social foi criado em 1950, ano de fundação do Grupo Escoteiro São Francisco de Assis





Comemoração do Dia dos Pais na sede do grupo, então situada embaixo do Viaduto dos Autonomistas. À direita, Walter Pinto e Emília Pinto da Silva, na época, presidente e chefe do Gesfa, respectivamente



Comemoração do 35º aniversário do grupo, no ano de 1985. Ao centro, sem uniforme, tia Lili

Procissão de São Cristóvão em São Caetano do Sul, na década de 1990. Da esquerda para a direita, Armando, Roberto, Pimenta, Uriel, Jaime, Ademir (Nenê), Marcos Le Pera, Fábio (Popó), Chefe Valdir (chefe de grupo) e Kupstaite



Arquivo/Gesfa



Arquivo/Gesfa

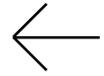
↑
Desfile de 7 de setembro de 1991, na Avenida Goiás. Na foto, a Tropa Escoteira Feminina. Da esquerda para a direita, Soraia, Márcia Bassani, Priscilla, Kelly, Andrea, Flávia Guera e Tatiane

as possibilidades de desenvolvimento humano. É nesse espaço que jovens descobrem valores, constroem vínculos e aprendem a exercer sua cidadania de forma ativa, mostrando que transformar o mundo começa com pequenas ações feitas com propósito e coração. “Pense global, atue local”.

Manter viva a história do Grupo Escoteiro São Francisco de Assis é preservar mais do que uma linha do tempo: é honrar um legado de dedicação, resiliência, voluntariado, amor ao escotismo e à comunidade.

Que a velha árvore possa continuar ouvindo histórias, e que o espírito escoteiro siga iluminando caminhos por muitas gerações mais.

**Sempre Alerta
Para Servir o
Melhor Possível.**



Integrantes do Gesfa na Estação de São Caetano, em foto de 1996, por ocasião de jornada ao Pico do Jaraguá, em São Paulo



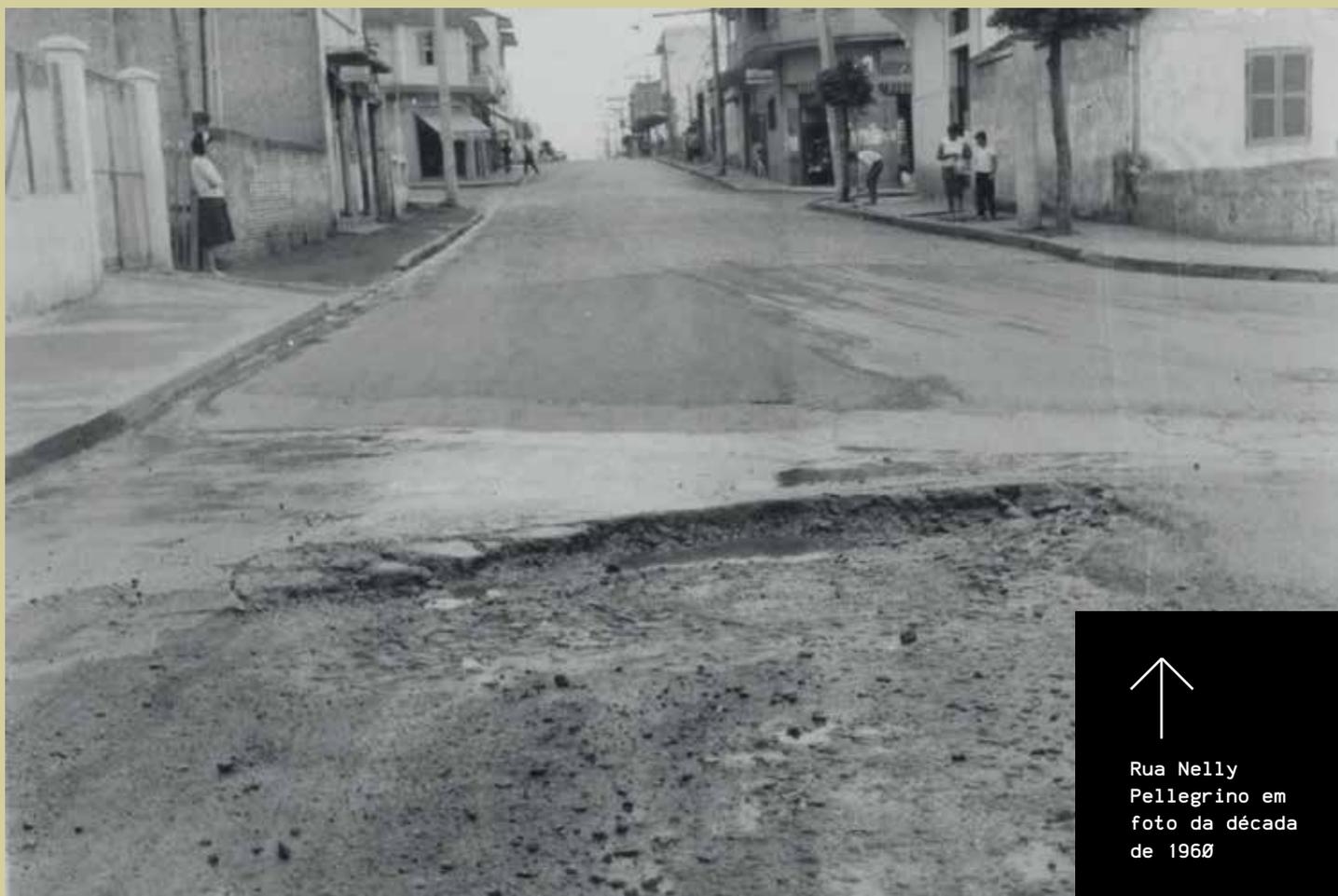
Desfile alusivo à Revolução Constitucionalista de 1932, realizado no Parque do Ibirapuera, em 2016. Na foto, Tropa Escoteira, Tropa Sênior, Clã Pioneiro, Escotistas e Pais de Apoio

Maria Clara da Silva Marotti

é bacharel em Secretariado Executivo Trilíngue pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar - Apucarana). Atuou como secretária executiva em diferentes empresas e, atualmente, dedica-se integralmente à maternidade. Aos 4 anos de idade, ingressou no Grupo Escoteiro São Francisco de Assis (Gesfa). Em 2025, assumiu como diretora-presidente do Gesfa para o biênio 2025-2026

Rua: um espaço de memória(s)

Virgílio Antikeira



Acervo/FPMSCS



Rua Nelly
Pellegrino em
foto da década
de 1960

A rua é um lugar muito importante nas construções de vidas que nela habitam ou que por ela passam. É nesse local que se criam laços de amizade, que se propagam histórias.

A rua é um ponto singular de atração da cidade, um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. Para ela tudo converge, desde o fato corriqueiro do dia a dia, o simples entra e sai das casas até as grandes comemorações solenes e festivas.¹

É esse espaço urbano ponto singular de atração, fonte de inúmeras vivências, interações, histórias, causos, memórias. Em especial a memória, “(...) na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro (...)”². Daí a importância atribuída aos estudos de memória, relacionando-os às ruas.

A rua dos nossos avós, dos nossos pais, onde moram os amigos, onde nós moramos. Essas possibilidades de interações aos poucos acabam por desaparecer em virtude do crescimento das cidades. Há muitos edifícios e, por mais que as cidades propiciem espaços de convivência, como praças e parques, nada se compara aos bate-papos no portão de casa.

“Mas a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se

dispersaram (...)”³. Porém, mesmo com o urbano alongando distâncias, os estudos de memória surgem como uma maneira de sustentar as memórias e não deixar que essas se dispersem.

Mas o que dizer quando uma rua, esse espaço de interações maravilhoso, some ou muda de nome? Como rememorar os encontros e desencontros que ocorreram nesse espaço? Em nossa construção da memória coletiva, vamos buscando meios para isso; entretanto, sempre com a ideia de que faz falta aquele espaço, aquela referência.

As cidades possuem estreita relação com as ruas que nelas estão, sendo muitas vezes esses locais que testemunharam e continuam testemunhando aspectos da vida cotidiana dos mais interessantes. O nome de lugar, um verdadeiro monumento, é entendido como um ponto de ancoragem.

Todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só têm sentido em nosso espírito porque narrados pelos mais antigos, que os percorreram no passado. (...) Mais do que espaços, ou seja, extensão de superfície, eles são territórios, porque apropriados pelo social. Mas, sobretudo, são lugares dotados de carga simbólica que os diferencia e identifica. E, se tais sentidos estão referidos no passado, fazendo evocar ações, personagens e tramas que se realizaram em um tempo já escoado, eles são lugares de

As cidades possuem estreita relação com as ruas que nelas estão, sendo muitas vezes esses locais que testemunharam e continuam testemunhando aspectos da vida cotidiana dos mais interessantes. (...)

memória, como aponta Pierre Nora, ou ainda espaços que contêm um tempo, como assinala Paul Ricoeur.⁴

Ao mudarmos o nome de um lugar, cabe a reflexão sobre o quanto dessa carga simbólica some com a colocação de um novo nome.

São Caetano do Sul possui muitas ruas repletas de memórias. Muitas delas já tiveram seus nomes alterados. A Estrada do Curandeiro de outrora hoje é conhecida como Alameda São Caetano, a Estrada de Santo André atualmente recebe o nome de Rua Nelly Pellegrino. Os exemplos são vários, mas uma delas, situada em local hoje muito importante, não teve o nome alterado. A rua não existe mais.

A Rua Ângelo Lodi, que conectava a Avenida Presidente Kennedy à Rua Pelegrino Bernardo, não tem mais o seu percurso de ligação tão importante. A engenharia de trânsito se encarrega de proporcionar novos caminhos, e o olhar urbanístico justifica a utilização da rua para ser parte integrante de um parque. Isso é uma cidade, local que vai, ao longo dos tempos, transformando-se constantemente.

Entretanto, o que nos cabe aqui é tratar de memória, ou melhor, da rua como lugar de memória(s). Para Halbwachs, a memória é construída em grupos, sendo que as memórias são cristalizadas em lugares instituídos pelo poder público, como, por exemplo, os monumentos e os museus. Convém frisar a ideia



Outro trecho da Rua Nelly Pellegrino na década de 1960. Em destaque, o prédio da Escola Estadual Padre Alexandre Grigolli

por ele trazida de marcos de memória e, aqui, para além de fotos, músicas e cheiros, há os lugares que, por extensão, incluem a rua.⁵

Aquilo que é recordado e armazenado na memória do indivíduo resulta de um horizonte de interpretação sociocultural,



de um processo colaborativo entre esse indivíduo e seus grupos de afinidade e de convivência no cotidiano.⁶

Mesmo sem a rua, ainda teremos a possibilidade de olhar para trás e falar do que se passou. Muitas vezes, quando pas-

samos pela casa em que vivemos nossa infância ou juventude, muitos sentimentos, emoções e memórias surgem, sejam elas boas ou não. Ocorrerá o mesmo com aqueles que possuem essas lembranças da rua que não existe mais? Por mais que fosse uma

rua de ligação, sem endereços residenciais, era uma importante via de acesso. As lembranças de descer a rua para chegar à Avenida Presidente Kennedy ainda existirão?

Para além das memórias do espaço, seja em caso de mudan-

(...) O apagamento de nomes tradicionais, que estavam na memória coletiva, mesmo com a justificativa de organizar melhor o território, é um retrocesso. A discussão sobre apagamento de nomes quer ser mais um elemento para ajudar na preservação da memória dos nomes (...)



Rua Ângelo Lodi em obras. Foto de 5 de setembro de 1998

ça de nome ou de extinção de via, há a memória daquele que deu nome à rua. Um olhar crítico sempre vai ter que lidar com o apagamento, com o desrespeito ao passado e à história de vida daquele que empresta nome ao local.

A Rua Ângelo Lodi, como outras no passado, não existe mais: isso é um fato. Porém essa rua deu lugar ao trecho de um parque, e, na construção de memória coletiva, precisamos sempre nos esforçar para salvar o passado, abertos ao fato de que outras memórias serão constituídas a partir do novo local.

Vale a pena pensar sobre - Aqui trouxemos um exemplo de uma rua, mas já advertiu Medici sobre uma legislação bem danosa para a constituição da memória de São Caetano do Sul:

A legislação mais radical de subdivisão de São Caetano é

de fato a atualmente em vigor, no caso um decreto, o 3064 de 1968. Se o decreto cumpriu com suas finalidades já expostas, de outro lado foi um rude golpe na própria história da cidade, que este livro tenta recuperar (...).⁷

E que golpe! O apagamento de nomes tradicionais, que estavam na memória coletiva, mesmo com a justificativa de organizar melhor o território, é um retrocesso. A discussão sobre apagamento de nomes quer ser mais um elemento para ajudar na preservação da memória dos nomes que se foram, ao lado dos esforços já despendidos por Ademir Medici e outros historiadores e memorialistas da região.

A memória toponímica é vista como elemento superficial para os legisladores que, com um decreto, uma lei, mudam nomes de determinadas localidades sem qualquer reflexão acerca do que está sendo renomeado. Em

quase todas as ocasiões, o novo nome é baseado em questões político-ideológicas nem sempre relacionadas aos contextos motivadores.⁸

Muito embora saibamos que no novo local construído muitas memórias surgirão, é fato inconteste que precisamos cada vez mais ficar atentos às substituições de nomes e aos apagamentos, para preservação de memórias.

Notas

¹ DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996, p. 133.

² LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013, p. 347.

³ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022, p. 70.

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatuby apud JAYO, Martin. *Memória da cidade, de buzzword a conceito em mutação*. Disponível em: <https://doi.org/10.18830/issa.1679-0944.n33.2022.17>

⁵ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

⁶ JAYO, Martin, *op. cit.*, p. 6.

⁷ MEDICI, Ademir. *Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993, p. 132.

⁸ ANTÍQUEIRA, Virgílio. *Memórias da Cidade: Rua Constantino Serafini ou Rua Serafim Constantino? Raízes*, São Caetano do Sul, n. 69, p. 26-31, dez. 2024.

Virgílio Antiequeira

é graduado em Letras pela Fundação Santo André, mestre em Letras pelo Programa de Linguística (USP) e doutorando em Letras pelo Programa de Filologia e Língua Portuguesa (USP). Pesquisa relações entre as nomeações dos lugares e fatores históricos, político-ideológicos sob a perspectiva da toponímia crítica.

Um aparelho de TV no badalado Mercado Inca



Acervo/FPMSCS

Em janeiro de 1951, o aparelho de TV era uma grande novidade no Brasil, provocando curiosidade e muito alvoroço junto ao povo. Os ecos desse *frisson* ressoavam em São Caetano, então um município novato que dava os seus primeiros passos como localidade político-administrativa autônoma.

O governo municipal, buscando estruturar a cidade, promovia obras e projetos em setores sociais prioritários. No campo da iniciativa privada, os empreendimentos registrados confirmam os olhares atentos de empresários e investidores, que enxergavam o potencial de São Caetano do Sul e o quanto a região podia mostrar-se promissora para o avanço dos seus negócios.

O Mercado Inca, que se localizava na esquina das ruas José Paolone e 28 de Setembro (atual Rua João Pessoa), foi um desses empreendimentos. Inaugurado no dia 16 de dezembro de 1950, pertencia à Urbs – Sociedade Imobiliária Ltda., empresa com sede em São Paulo que, desde 1948, vinha comandando a ven-



O então prefeito de São Caetano do Sul, Ângelo Raphael Pellegrino, quando discursava durante a inauguração do Mercado Inca, em 16 de dezembro de 1950. Junto ao prefeito, José Bonifácio de Carvalho (segurando o microfone) e Benedito de Moura Branco. No canto direito da imagem (atrás de Moura Branco), vemos Jacob João Lorenzini (vereador, na época)

da de casas a preços populares e a construção de um conjunto de prédios comerciais na então Vila Paula. O mercado firmou-se como a grande estrela daquela empresa na cidade, atraindo os holofotes e a atenção do *Jornal de São Caetano*, que não poupava elogios ao estabelecimento. Mesmo antes de sua inauguração, o Mercado Inca já era notícia, tendo todo o processo de seu erguimento retratado em várias reportagens do periódico. Praticamente um mês depois do início de suas atividades, o já ba-



Outro registro do evento de inauguração do Mercado Inca, em que aparece em destaque Jacob João Lorenzini. Algumas semanas depois, o estabelecimento voltou a ser palco de uma grande movimentação, com a instalação de um aparelho de TV em suas dependências

dalado mercado voltou a ser assunto e a ganhar as páginas do jornal em sua edição de 13 de janeiro de 1951:

A atenção (...) foi despertada sábado último por um afluxo de pessoas que de uma maneira fora do comum se dirigiam para o Mercado Inca. (...) Quisemos saber de que se tratava. E verificamos que lá estava, em local visível a todos, um aparelho de televisão, transmitindo imagens a todos os clientes do Mercado.

A reportagem destacou ainda que a movimentação nas dependências aumentara ainda mais no decorrer da semana, uma vez que “todos queriam apreciar essa nova maravilha que é a trans-

missão de imagens por um aparelho, aparentemente simples, do tamanho de uma rádio-vitrola”.

A repercussão causada pelo episódio é compreensível, pois é bastante provável que o televisor do Mercado Inca tenha sido o primeiro a chegar à cidade. Isso porque os primeiros aparelhos foram trazidos ao Brasil apenas poucos meses antes pelo empresário Assis Chateaubriand, proprietário da nascente e primeira emissora brasileira de televisão, a TV Tupi. Com sede em São Paulo, a primeira transmissão desse canal televisivo deu-se no dia 18 de setembro de 1950, e alguns daqueles aparelhos adquiridos por Chateaubriand foram instalados pela capital paulista, a fim de que a população pudesse assistir à programação da rede Tupi.

Não teria sido o aparelho de TV do Mercado Inca adquirido junto a Assis Chateaubriand? Não estaria esse afamado aparelho na leva dos televisores (em um total de 200, segundo consta¹) trazidos do exterior pelo empresário para impulsionar o seu empreendimento?

Questionamentos à parte, o certo é que a presença do televisor alvoroçou a cidade naquele início de 1951, mexendo com o imaginário dos seus moradores, acostumados a uma rotina árdua de trabalho nas fábricas e a opções de lazer distintas do universo que a televisão começava a desvelar.

¹ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/breve-historia-televisao.htm>. Acesso em: 22 jan. 2025.

Origens do Colégio Técnico Industrial Jorge Street

Marco Mandarino

Era o ano de 1961; o então candidato à prefeitura Hermógenes Walter Braido anunciava seus planos de ação para a cidade, caso fosse eleito. Entre tantas realizações, construiria a primeira universidade operária do país. “Uma escola completa onde não haveria a velha distinção entre cursos teóricos e práticos. Todas as matérias estariam fundidas para que o aluno recebesse uma formação total.”

Braido dizia que era preciso acabar com o “bacharel que não sabia bater um prego” e, ao mesmo tempo, criar um novo tipo de técnico que estivesse prepara-

do para trabalhar tanto com as mãos quanto com o cérebro.

Walter Braido não foi eleito em 1961, perdendo para o candidato Anacleto Campanella. Mas venceu as eleições em 1965 com o slogan: “São Caetano do Sul - cidade onde escola não é problema”. E seria ainda reeleito mais duas vezes como prefeito, em 1973 e 1983.

Ao assumir a prefeitura em 1973, seus primeiros ofícios e projetos ao então governador Paulo Egídio tratam de solicitações de assinatura de convênios para a criação da escola Alcina Dantas Feijão e do Colégio Técnico Industrial Jorge Street.

Mas não podemos dar todo o crédito somente a Walter Braido, embora a implantação efetiva do Colégio Técnico Industrial Jorge Street tenha ocorrido em sua gestão. Os primeiros movimentos em direção à criação de uma escola industrial na cidade foram iniciados anos antes, mais precisamente durante o segundo mandato do prefeito Anacleto Campanella (1961-1965). Campanella, aliás, já havia apresentado, em 1959, durante sua legislatura como deputado estadual, um primeiro projeto sobre o assunto - o projeto de lei nº 1979 -, objetivando a criação de uma escola profissional.

Acervo/Etec Jorge Street

Prédio da escola ainda com a denominação original: Faculdade de Tecnologia Alfredo Rodrigues





Sessão de instalação do Conselho Técnico Administrativo do então Colégio Técnico Industrial Estadual Jorge Street na sede da prefeitura, em 20 de março de 1975. Ao centro, o prefeito Walter Braido. À sua direita, o professor Erasmo de Freitas Nuzzi e, à sua esquerda, os professores João José Dario e Antonio Gugliotti



Momento em que o prefeito Walter Braido discursava durante a inauguração do colégio, no dia 20 de maio de 1975. À sua direita, o vereador Antonio José Dall'Anese (presidente da Câmara Municipal) e, à sua esquerda, o vereador Oswaldo Martins Salgado



A Câmara Municipal já havia solicitado a criação de uma escola industrial e profissional em São Caetano, uma vez que duas cidades da região já contavam com colégios industriais: a Escola Técnica Industrial Lauro Gomes (criada em janeiro de 1957), em São Bernardo do Campo, e o Ginásio Industrial Júlio de Mesquita (de 1935), em Santo André. A industrialização na região do ABC caminhava a passos largos, e a construção

do colégio tornava-se, cada vez mais, realidade no município.

Em maio de 1961, é aberta uma linha de crédito especial por meio da lei municipal nº 958, de 26 de maio de 1961, destinada a pagamentos da ordem de 100 milhões de cruzeiros em desapropriações para construção de diversas escolas, inclusive o futuro colégio industrial.

Em 1962, o prefeito Anacleto Campanella promulga a lei municipal nº 1.129, de 2 de julho de

1962, na qual destina parte do terreno que pertencia ao *Bank of London and South America Limited* para a construção de uma escola profissional.

Em 19 de dezembro de 1962, a lei nº 1.172 determina a aquisição, por meio de doação, de diversas áreas, onde se implantaria o Jardim São Caetano. Entre elas, inclui-se o terreno da escola, que acabou ocupando “todo o quarteirão”, mas somente após uma última desapropriação, em novembro de 1975.



O momento do corte da fita, na cerimônia de inauguração da escola. Ao centro, Ubirajara Garcia (à sua direita, Aldino Pinotti e, à sua esquerda, o professor Erasmo de Freitas Nuzzi). À esquerda, Oswaldo Martins Salgado e João José Dario. Atrás, o prefeito Walter Braido e, à direita, o padre Olavo Paes de Barros

Em 23 de dezembro de 1965, lavra-se a escritura definitiva de desapropriação do terreno, até então de propriedade do *Bank of London & South America Limited*.

Em outubro de 1966, começaram os serviços de sondagem do terreno, já aprovados pelo Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, conforme publicação do dia 26 de outubro de 1966. A construção do prédio nasceu do memorando nº 781/67 do gabinete do prefeito Walter Braido para a Diretoria de Obras, autorizando colocar em concorrência pública a construção do prédio onde deveria funcionar uma escola industrial ou faculdade de tecnologia, denominada inicialmente de “Alfredo Rodrigues”. Após a tramitação legal do processo de concorrência, foi firmado o contrato em 8 de setembro

de 1967. O prédio recebeu seu visto de término oficialmente em março de 1971, no mandato do então prefeito Oswaldo Samuel Massei, sendo inaugurado por ele em 28 de julho de 1971. Entretanto, não foi colocado efetivamente em funcionamento, como planejado.

Quando Hermógenes Walter Braido assumiu pela segunda vez a prefeitura, em 1973, tratou de providenciar a abertura da escola, cujo prédio já estava pronto desde 1971 nos moldes idealizados originalmente. Então, buscou o governo do Estado e firmou, em março de 1975, um convênio com a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, instituindo, assim, a instalação e funcionamento oficial do Colégio Técnico Industrial Jorge Street. Nesse convênio, ficou acertado que o colégio seria

administrado por um Conselho Técnico Administrativo (CTA). A denominação original designada pela prefeitura ao prédio, “Alfredo Rodrigues”, rendeu-se à denominação escolhida pelo governo do Estado, ficando como “Jorge Street” e oficializada pelo decreto nº 52.553, de 6 de novembro de 1970.

Em 20 de março de 1975, às 10 horas, reuniram-se os membros do Conselho Técnico Administrativo do Colégio Técnico Industrial Estadual (CTIE) Jorge Street no salão nobre do gabinete do prefeito, no terceiro andar do paço municipal, para a sessão de instalação e posse. A solenidade foi presidida pelo prefeito Hermógenes Walter Braido, que abriu a sessão, passando a palavra ao professor Erasmo de Freitas Nuzzi. Inicialmente procedeu-se à leitura do

decreto de 12 de março de 1975, publicado no *Diário Oficial do Estado* no dia 13 de março.

Após a leitura, Erasmo de Freitas Nuzzi disse que havia solicitado à Escola Técnica Industrial Lauro Gomes, de São Bernardo do Campo, uma cópia do regimento interno, a fim de servir de base à confecção do regimento da nova escola. Informou ainda que parte dos equipamentos já estavam à disposição da escola no Departamento de Ensino Técnico do Estado e que, na semana seguinte, seria providenciada a sua retirada. Disse ainda que, para concretizar o convênio que seria firmado com a União, só faltava uma certidão de posse do prédio, a ser fornecida pela municipalidade.

Em seguida, foram ouvidas as manifestações dos professores Elzio D'Arienzo, Wanderley de Souza, Duglas Escobar Bueno, Antonio Gugliotti, Argemiro de Barros Araújo e João José Dario. Finalizando, usou da palavra o prefeito Walter Braido, que, em nome da juventude de sua cidade, manifestou sua gratidão àqueles que foram os responsáveis pela instalação do Colégio Técnico Industrial Estadual Jorge Street. Afirmou ser um trabalho harmônico entre prefeitura e estado, o qual possibilitava resolver os problemas educacionais do município. E disse ainda que lutaria para a instalação de mais um colégio nos moldes do Jorge Street, porém na área comercial, sendo que já dispunha

de um moderno prédio para a sua instalação.

Conforme determinações legais, foi realizada a eleição do presidente e vice-presidente do Conselho Administrativo. Por aclamação dos conselheiros, foram eleitos e imediatamente empossados nos seus cargos os professores Erasmo de Freitas Nuzzi para presidente e João José Dario para vice-presidente. Nuzzi solicitou que constasse na ata especial agradecimento ao senhor prefeito, por ter presidido a sessão de instalação do conselho e por ter cedido o seu gabinete para a primeira reunião.

A inauguração oficial -

A solenidade de inauguração deu-se às 20h do dia 20 de maio de 1975, e, além do então prefeito Hermógenes Walter Braido, participaram o professor João José Dario, diretor do Departamento de Educação e Cultura; Fernando Diegues (representando Adhemar de Barros Filho), secretário de Administração do Estado de São Paulo; Ubirajara Garcia, coordenador do Ensino Técnico e representante de José Bonifácio Coutinho Nogueira, secretário da Educação do Estado de São Paulo; Claudio

Estiveram presentes à sessão de instalação:

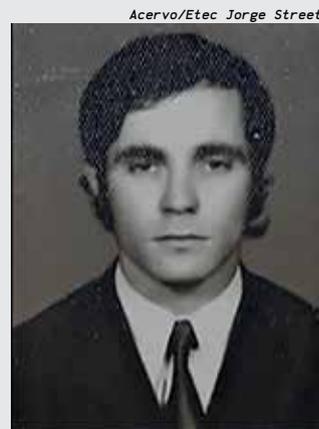
- Walter Braido;
- Erasmo de Freitas Nuzzi;
- João José Dario, conselheiro;
- Oswaldo Martins Salgado, conselheiro;
- Argemiro de Barros Araújo, conselheiro;
- Antonio Gugliotti, conselheiro;
- Duglas Escobar Bueno, conselheiro;
- Darcy Cosentino, inspetora regional do Ensino Profissional;
- Wanderley de Souza, orientador educacional da ETI Lauro Gomes;
- Elzio D'Arienzo, diretor da ETI Lauro Gomes;
- José Carlos de Oliveira, assessor do Departamento de Educação e Cultura (Depec) de São Caetano do Sul;
- Domingo Glenir Santarnecchi, chefe do setor de Relações Públicas de São Caetano do Sul.

Musumeci, assessor do prefeito Walter Braido; Angelin Darcie, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, seção de São Caetano do Sul; o ex-prefeito de São Bernardo do Campo, Aldino Pinotti; o vice-prefeito de São Caetano do Sul, Argemiro de Barros Araújo; André Beer, diretor da General Motors do Brasil; o capitão Benedito Dias, delegado da 4ª Delegacia de Serviço Militar; Enéias Chiocchetti, diretor da pasta de Assuntos Jurídicos da Prefeitura de São Caetano do Sul; Antonio Menezes do Bonfim, diretor da Saúde e Assistência Social; o presidente da Câmara Municipal de São Caetano, vereador Antonio José Dall'Anese; o vereador Waldemar Soares, representando o Legislativo da cidade de Santo André; e membros da Câmara sul-são-caetanense, além de autoridades especialmente convidadas para o ato. Compareceram ainda membros do Conselho Técnico Administrativo do colégio, alunos de diversas escolas da região e representantes de clubes desportivos e culturais da cidade. Por fim, o padre Olavo Paes de Barros Filho, pároco da Igreja Nossa Senhora Aparecida, promoveu a benção das instalações da escola, precedendo o corte da fita inaugural, que foi feito por Aldino Pinotti, Erasmo de Freitas Nuzzi e Ubirajara Garcia.

Ainda falou Paulo Pires da Costa, representando o secretário dos Negócios Metropolitanos do governo do Estado de



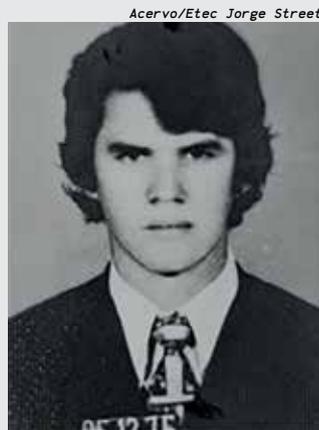
Hamilton Negrão, o primeiro diretor da escola, cuja posse aconteceu no 17 de abril de 1975



Benedito Bento Lolatto, integrante da primeira diretoria da escola na qualidade de vice-diretor



Professor Luis Carlos Zanirato Maia, o segundo vice-diretor. Em 1986, assumiu a direção da escola, permanecendo nessa função até 1994



São Paulo, Roberto Cerqueira César. Ele mencionou que os convênios firmados levantaram a cifra de 550 mil dólares destinados ao funcionamento da escola.

O prefeito ainda manifestou sua satisfação em poder contar com o apoio das autoridades educacionais do Estado e da União, o que proporcionou os meios necessários e adequados para o funcionamento do Colégio Técnico Industrial Jorge Street. As atividades seriam iniciadas no dia seguinte com 200 alunos já matriculados nos cursos de Mecânica, Eletromecânica e Instrumentação.

A primeira diretoria -

Em 17 de abril de 1975, mediante aprovação unânime do Conselho Técnico Administrativo, foi empossado como diretor da escola o professor Hamilton Negrão e, como vice-diretor, o professor Benedito Bento Lolatto.

Quando Hamilton Negrão foi convidado a assumir a direção do CTIE Jorge Street, estava lecionando no CTIE Getúlio Vargas e na Escola Técnica Walter Belian (conhecida como Escola da Antártica, pelo vínculo com a empresa fabricante de bebidas). Ele acabou então se afastando das duas escolas para assumir integralmente a direção do CTIE Jorge Street por um período de 40 horas semanais. Foi empossado diretor da Jorge Street com exatos 28 anos e

ficou no cargo de 1975 a 1986. Faleceu em 22 de setembro de 2004, na cidade de São Paulo.

Nascido em 18 de outubro de 1946 na cidade de São Paulo, em 1967 Hamilton Negrão formou-se técnico eletrotécnico pelo Colégio Industrial Estadual Getúlio Vargas (atual Etec Getúlio Vargas) e, em 1973, engenheiro elétrico pela Faculdade de Engenharia Industrial (FEI). Em 1978, concluiu o curso de licenciatura plena em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar na Faculdade de Filosofia.

Também não podemos deixar de falar sobre o vice-diretor, professor Benedito Bento Lolatto. Nascido em 22 de março de 1924, na cidade de Botucatu, em São Paulo, formou-se Técnico em Máquinas e Motores. Lecionava na Escola Técnica Walter Belian e no Ginásio Industrial Estadual Professor Aprígio Gonzaga, nesse último desde 1959. Tinha 51 anos quando assumiu o cargo de vice-diretor, em 17 de abril de 1975. Afastou-se do ensino para se dedicar integralmente ao cargo até fevereiro de 1978, quando decidiu se afastar da função. Faleceu em 8 de abril de 2008, na cidade de São Paulo.

Com a saída do professor Lolatto, quem assumiu o cargo de vice-diretor da escola foi o recém-contratado professor Luis Carlos Zanirato Maia, que

lecionava Língua Portuguesa e Literatura. Ele nasceu na cidade de São Caetano do Sul em 9 de abril de 1946. Lecionou na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Engenheiro Francisco Prestes Maia, no Bairro Planalto, em São Bernardo do Campo, até ser convidado a trabalhar no Jorge Street, em 1977. Ainda em 1978, começou o curso de Pedagogia. De meados de 1978 até 1994, Zanirato atuou na parte administrativa da escola, como professor e vice-diretor. Em 1982, assumiu a direção da escola por um ano, por conta do afastamento do professor Hamilton Negrão, que chegou a trabalhar na administração central do Centro Paula Souza. Após seu retorno, o professor Zanirato retornou ao cargo, permanecendo como vice-diretor até 1986, ano em que se tornou o segundo diretor da escola, função na qual esteve até 1994.

Marco Mandarin

é natural de São Caetano do Sul e ex-aluno da Etec Jorge Street, tendo ingressado na instituição em 1990. Possui formação em Gestão e Gerenciamento de Web Sites pela Universidade do Grande ABC, com especialização pela Universidade Federal de Lavras. Posteriormente, licenciou-se em Informática pela Fatec - São Bernardo do Campo. Formado em Fotografia pela Fundação das Artes (instituição na qual lecionou), especializou-se nas áreas de artes visuais e edição de imagens.

Doação Maria de Lourdes Pires Barros

Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade. Os documentos e objetos doados são incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico Municipal



Com a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio em 26 de novembro de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas, os empregadores passaram a emitir obrigatoriamente a Ficha Sanitária Individual aos trabalhadores de seus estabelecimentos e empresas. Nesta imagem, um exemplar desse documento que pertenceu a Joaquim Silverio Perrella, operário da Indústria de Botões Aliberti. Sua admissão ocorreu em 21 de abril de 1932, quando contava com 21 anos



Alunas do Colégio Santo Antônio (atual Externato Santo Antônio) em foto da década de 1940. Na ocasião, a escola encontrava-se sediada em um prédio localizado na esquina da Avenida Conde Francisco Matarazzo com a Rua Manoel Coelho, na região central da cidade

Certificado de Colaborador Benemérito do Museu Municipal concedido a Paulo Perrella, em 7 de setembro de 1960, pouco tempo depois da inauguração da instituição (ocorrida em 23 de julho), então sob a direção de José de Souza Martins



Estádio Anacleto Campanella: os 70 anos da inauguração da “maior construção desportiva do município”¹

\ Cristina Toledo de Carvalho

Na primeira metade da década de 1950, São Caetano do Sul estava no início de sua trajetória como município. O entusiasmo reinante então na cidade fazia-se presente nos esforços empreendidos pela administração pública, dando origem a uma gama variada de ações e projetos que nasciam com o propósito de superar o legado nada lisonjeiro de uma década de atrelamento político a Santo André. Além das realizações observadas em setores primordiais como saúde,

educação e saneamento básico, obras grandiosas e de notória envergadura marcaram o cenário urbano local, passando a simbolizar uma era de progresso para o “Príncipe dos Municípios” (expressão atribuída a São Caetano no contexto de sua campanha autonomista, em 1948, e que reflete a identidade pujante construída, a partir de então, em torno da imagem com a qual a localidade se apresentava frente à sua população e às demais unidades municipais da região e do país).²

Entre tais obras, destacam-se algumas, como o Viaduto dos Autonomistas e o Jardim Público Primeiro de Maio (o primeiro do gênero na cidade), inaugurados em julho de 1954, durante o primeiro mandato do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957). Se, por um lado, o viaduto se impôs como a obra que melhor espelhava a figura de uma São Caetano em processo de expansão e de desenvolvimento, por outro, o Jardim Primeiro de Maio, sob o modelo de praça



Entrada do Estádio Anacleto Campanella em foto da época do início de suas atividades, em janeiro de 1955. Revestida de cimento branco, a fachada possuía bases mais finas na parte inferior e os letreiros sobressalentes na cor azul. Percebe-se que a via junto ao estádio estava ainda sem pavimentação e calçamento, o que sugere que essa imagem seja um dos seus registros mais antigos

Acervo/Família de José Roberto Campanello



ajardinada (bastante usual junto aos logradouros públicos na ocasião), reunia princípios tidos como basilares de um ideário citadino, como os relacionados a uma estética bucólica aprazível, à salubridade e ao embelezamento urbanos.³

Símbolos do progresso sul-são-caetanense, as duas obras mencionadas eram referenciadas com frequência nas páginas do *Jornal de São Caetano* ao lado de outras edificadas também no período:

Em verdade nada, absolutamente nada possuíamos para mostrar aos visitantes. (...)

Hoje a situação modificou-se radicalmente. O jardim 1º de Maio, o Viaduto dos Autonomistas, o edifício do Grupo Escolar “Bartolomeu Bueno da Silva” (...), diversos outros grupos escolares, (...), o edifício Vitoria, (...), o prédio do Hospital Beneficente São Caetano, o viveiro de plantas, os postos de puericultura, além de diversos outros próprios aqui existentes, permitem aos fotógrafos a elaboração de algumas dezenas de vistas interessantes a serem adquiridas pelos que visitam São Caetano do Sul.⁴

Em outra ocasião, o jornal afirmou:

Diversas são as obras de vulto que vêm sendo executadas em nossa cidade, desde que se tornou independente e, especialmente, na gestão do atual Prefeito Municipal. Ainda amanhã (...) teremos a inauguração do Estádio Anacleto Campanella.⁵

Publicado na edição de 12 de janeiro de 1955 do *Jornal de São Caetano*, o registro em questão refere-se à inauguração oficial do estádio, ocorrida no dia 13 de janeiro daquele ano. Todavia, no segundo dia de 1955, em uma tarde chuvosa de domingo, os seus portões foram abertos a “uma assistência entusiástica e educada⁶” que, “comprimindo-se em todas as dependências do Estádio⁷”, compareceu para prestigiar a equipe local (A.A. São Bento) frente ao XV de Novembro de Piracicaba, em jogo válido pelo campeonato paulista da primeira divisão.

importância de a cidade possuir um campo de futebol melhor estruturado e equipado começaram a ganhar visibilidade no debate público local.

A relação estabelecida entre o erguimento da aclamada arena esportiva e os foros de localidade desenvolvida que se pretendia para o novato município de São Caetano do Sul foi constante a partir de janeiro de 1955, com a inauguração do tão esperado estádio sul-são-caetanense. O fragmento apresentado abaixo, extraído de uma reportagem do *Jornal de São Caetano* de 8 de janeiro daquele ano (alguns dias



Outro aspecto da entrada do estádio, já com a sua via de acesso pavimentada e com calçamento. A construção dessa arena de futebol trouxe tais melhorias, além de outras, como iluminação pública, às imediações

Embora não estivesse com as suas obras inteiramente concluídas, não foram raros os elogios reservados pela imprensa da cidade ao Estádio Anacleto Campanella, confirmando o sentimento de empolgação resultante da grande expectativa brotada em cada coração que ansiava pela sua construção desde, pelo menos, o ano de 1951, quando as primeiras discussões acerca da

depois daquele primeiro jogo contra o XV de Piracicaba), elucidada com clareza o significado da obra para a municipalidade:

O Príncipe dos novos Municípios Paulistas, a nossa querida São Caetano do Sul, está de parabéns. Nossa cidade já possui – como todos os grandes centros civilizados – um estádio à altura de seus foros de civilização (...)



Vista do
estádio lotado
durante um jogo
do campeonato
de 1956



Jamais se poderia compreender, aliás, que o nosso município, situado entre os mais desenvolvidos do Estado, permanecesse estagnado nas questões esportivas, possuindo apenas um campo de futebol cercado por muro obsoleto e em condições precaríssimas. (...) Compreendendo o elevado significado da cidade possuir mais um marco de progresso (...), que era a construção de um amplo e moderno estádio, absolutamente completo em tudo, o chefe do Executivo Municipal, sr. Anacleto Campanella, não tardou (em manifestar) o seu apoio à ideia grandiosa (da construção do estádio). (...) ⁸

“Gigante de cimento armado”, “monumental estádio”, “magnífica praça de esportes”, “grandiosa obra”, “Pacaembu em miniatura” foram alguns dos muitos qualificativos concedi-

dos ao Estádio Anacleto Campanella na época, endossando a sua inserção entre “os marcos do progresso” do município e justificando o sentimento de esperança que havia no imaginário social de São Caetano do Sul ante o projeto de sua edificação. O estádio deveria, enfim, nascer com a missão de se apresentar como uma obra que pudesse condizer com “a pujança do Príncipe dos Municípios Paulistas, que viesse corresponder às expectativas gerais e que estivesse à altura do grau de civilização da boa gente sancaetanense”. ⁹

O sonho da construção do estádio - A ideia relativa à construção de um estádio municipal na cidade começou a se delinear em 1951, ganhando visibilidade entre as pautas do *Jornal de São Caetano*. Com o título *Um Estádio Municipal para*

S. Caetano, um artigo de autoria de Antônio Russo foi publicado na edição de 28 de julho daquele ano, trazendo um panorama a respeito da situação do futebol amador local, que se encontrava sob a ameaça de um iminente colapso. Isso porque os terrenos nos quais os seus respectivos clubes ou equipes mantinham os seus campos (a maioria deles pertencente a terceiros, que cediam tais terrenos para a prática futebolística) vinham sendo cobiçados como áreas a serem loteadas ou edificadas, por força das demandas da expansão urbana verificada então no município.

Russo expôs que, na ocasião, “vários foram os casos de desaparecimento de clubes amadores, que, vendo-se desprovidos do seu campo, não tiveram outra alternativa senão a de cerrar definitivamente suas portas”. ¹⁰ Os prognósticos não eram nada ani-

madores diante do processo de escasseamento desses espaços, implicando mesmo a “derroca-da que chegará até a morte do futebol amador deste florescente Município (...) caso não sejam tomadas medidas urgentes por quem de direito”.¹¹

Em face da situação apresentada por Antônio Russo no artigo mencionado, não tardou para que viesse ao conhecimento do público o projeto sonhado pelo São Caetano Esporte Clube no tocante à construção de uma incrementada praça de esportes, configurada nos moldes de um complexo poliesportivo do qual fariam parte dois campos de futebol, piscina, quadras para a prática de tênis, basquete e voleibol e salão destinado a jogos recreativos.¹²

O referido projeto, segundo Paulo de Oliveira Pimenta e Octavio Tegão, respectivamente, presidentes do Conselho Deliberativo e da Diretoria do clube na época, extrapolava os interesses da agremiação. Ele também atendia a interesses da municipalidade, uma vez que todas as modalidades do desporto local teriam acesso à estrutura prevista no projeto, algo que, no entender deles, criaria condição para a realização de um sonho acalentado pelos atletas da cidade: “a realização de jogos abertos interioranos em São Caetano do Sul.”¹³ Além desses benefícios, a praça de esportes idealizada ajudaria no reavivamento do futebol varzeano, gravemente ameaçado, em razão do processo de desaparecimento dos seus

pequenos campos no município. Assim, “(...) os clubes menores não teriam mais as dificuldades que sempre enfrentam com relação a locais para disputa de partidas, uma vez que se serviriam da ‘canha’ complementar em referência”¹⁴ no projeto em tela.

Na qualidade de principal clube da cidade (com uma tradição que remonta a 1914, ano de sua fundação), disputando, aliás, a segunda divisão do Campeonato Paulista, o São Caetano Esporte Clube propôs ao poder público municipal a junção de forças para que o projeto da praça de esportes (do qual resultaria o estádio, obra central da proposta) saísse do papel. Desta feita, caberia à prefeitura a doação de um terreno, cumprindo à agremiação a construção do estádio.

Tal obra mostrou-se imprescindível ao São Caetano Esporte Clube, por força das exigências que a Federação Paulista de Futebol começou a endereçar-lhe quanto ao seu campo, situado na Rua Paraíba, local em que vinha mandando os seus jogos desde 1937. Denominado Conde Francisco Matarazzo, esse campo, que era murado e cercado com ripas, possuía arquibancada coberta para 600 pessoas¹⁵, características que não condiziam com os padrões estipulados por aquela federação (entre eles, a necessidade de o espaço apresentar alambrados e vestiários para jogadores e árbitros). Em vista disso, o clube viu-se privado de continuar utilizando o seu campo até que providenciasse as reformas ou adaptações necessárias.¹⁶

Sem condições financeiras para promovê-las, o São Caetano Esporte Clube vislumbrou na parceria com a prefeitura o caminho mais viável para a construção de um estádio moderno, com toda a infraestrutura que pudesse estar não só à sua disposição, mas também do município. O sonho do estádio tornou-se, assim, o sonho não apenas do clube São Caetano, mas do próprio município de São Caetano do Sul.

A adesão da municipalidade ao projeto do estádio foi ganhando solidez e adquirindo contornos variados nos anos seguintes a 1951, compondo uma história com muitas nuances, capítulos e personagens.

A campanha - A campanha estabelecida em torno do projeto da construção do estádio foi marcada por algumas possibilidades, cogitações e articulações que, trazidas ao conhecimento do público pelo *Jornal de São Caetano*, ajudaram a tecer todo o processo atinente à sua história. Entre as possibilidades aventadas nos bastidores do São Caetano Esporte Clube, no início das discussões para a implementação do mencionado projeto, quando estavam em curso os estudos para a escolha do local que pudesse abrigar o futuro estádio, encontra-se a que apontou como terreno ideal uma área situada na Estrada das Lágrimas, que media 90.921 metros quadrados e possuía uma topografia bastante favorável para a obra que se pretendia realizar.¹⁶

No dia 17 de maio de 1952, poucos meses depois de ter publicado a informação apresentada anteriormente (8 de dezembro de 1951), o jornal divulga a notícia de que as negociações entre a diretoria do São Caetano Esporte Clube (na época, sob a presidência de Octavio Tegão) e os irmãos Canger estavam “a bom ponto”.¹⁷ Acontece que, em 26 de agosto de 1953, por força da lei nº 351, a prefeitura ficava autorizada “a adquirir, por doação pura e simples, de Heinsfurter & Canger, uma área de terreno até 40 mil metros.² (...), situada na Vila Monte Alegre, neste Município (...).”¹⁸

A referida lei autorizava ainda o Executivo municipal a realizar a doação de tal área a uma entidade esportiva local mediante concorrência pública, a fim de que, a cargo dessa entidade, fosse construído o estádio. E isso se observou, conforme prescrito. Para o dia 29 de dezembro daquele ano de 1953, foi marcado o ato de abertura dos envelopes com as propostas dos clubes interessados na participação na concorrência pública em questão. A única proposta encaminhada, na ocasião, foi a do São Caetano Esporte Clube, selando o início de uma nova etapa rumo à concretização do sonho da construção do tão aclamado estádio.

A campanha ensejada a partir de então pelo clube (que já estava sob a presidência de Hermógenes Walter Braido) compreendeu alguns episódios que foram cruciais para o desenrolar de todo

o processo até a inauguração do estádio em janeiro de 1955.

Com o apoio do prefeito Anacleto Campanella, que abraçara o projeto desde o começo de sua primeira gestão, e em cuja plataforma de governo constava o item referente à edificação de um estádio para a municipalidade, foi instituída a comissão que orientaria os trabalhos da campanha, ficando assim formada: Jacob João Lorenzini (presidente), Ângelo Cianfarani (vice-presidente) e, como presidente de honra, Anacleto Campanella.

Saliente-se que, pouco tempo após o seu estabelecimento, a composição dessa comissão sofreu alterações em decorrência de um fato que marcara sobremaneira a campanha em prol da construção do estádio e os rumos do próprio futebol profissional da cidade: o surgimento da Associação Atlética São Bento. Fruto da fusão entre o São Caetano Esporte Clube e o Comercial Futebol Clube, de São Paulo, a A.A. São Bento congregou os interesses de ambas as agremiações, vindo na esteira da campanha pró-estádio. Isso porque, na condição de uma das equipes da elite do futebol paulista, disputando a primeira divisão de profissionais, por não possuir um estádio, o clube da capital viu na junção com o alvinegro do Bairro da Fundação a possibilidade de passar a contar com um campo, visto o clube sul-são-caetense já possuir o terreno para o erguimento da cancha. Por outro lado, o São Caetano, ao unir-se ao Comercial, automaticamente

conseguiria o ingresso na primeira divisão de profissionais do campeonato paulista, pretensão antiga da agremiação.

Assim, em fevereiro de 1954, foi firmada a fusão, após uma primeira tentativa frustrada em 1952.¹⁹ Com a concretização dessa fusão, a comissão encarregada da construção do estádio ganhou novos nomes, como os de Aureliano Pizzotti, Luiz Lourenço e capitão Raphael Oberdan de Nicola. A partir de então, observou-se a adoção de iniciativas voltadas ao levantamento de contribuições, como as provenientes do comércio e da indústria locais e as resultantes da venda de cadeiras cativas do futuro campo de futebol da cidade, oferecidas, inicialmente, pela importância mínima de Cr\$5.000,00.²⁰

Com a campanha pró-construção do estádio em curso, os esforços da comissão centralizaram-se nas obras propriamente ditas, supervisionadas pelo capitão Oberdan de Nicola (presidente da diretoria da novata Associação Atlética São Bento) e confiadas à Construtora Ivo Imparato & Cia. Ltda. Para alavancar o ritmo da empreitada, em relação à qual havia a expectativa de que fosse concluída já no decorrer de 1954, houve uma movimentação nos bastidores do poder político no sentido da disponibilização de verba que pudesse arregimentar os fundos que vinham sendo reunidos a partir dos resultados auferidos com a venda de cadeiras cativas e com a promoção de quermesses e demais eventos.

Na missiva que o prefeito Anacleto Campanella enviou à Câmara Municipal, há argumentos que justificam o projeto de lei que preconizava o empréstimo por parte da municipalidade de uma quantia de Cr\$1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros) ao clube São Bento. Ao ressaltar a importância das obras de erguimento do futuro estádio, Campanella deixa o seu apelo quanto à aprovação do projeto de lei pelo Legislativo da cidade, que, na ocasião, encontrava-se sob a presidência de Adriano Duarte:

Tendo remetido à Egrégia Câmara Projeto de Lei objetivando um empréstimo de Cr\$1.500.000,00 à A.A. São Bento, venho apelar a você seus bons ofícios para a rápida aprovação do referido Projeto, a fim de que as obras do monumental Estádio daquela Associação não sofram solução de continuidade.

Em verdade, lutamos com dificuldades financeiras, mas não será pelo simples empréstimo de Cr\$1.500.000,00 que deixaremos de auxiliar uma obra que reputamos mais importante que o próprio Viaduto dos Autonomistas para o Município. Um simples exame dos reais e enormes benefícios que o futuro Estádio da A.A. São Bento trará a São Caetano do Sul justifica o apelo que ora dirigimos ao alto descortínio do prezado amigo.

Vamos com isso dotar a cidade de “alma”, proporcionando aos nossos municípios satisfação material e maior entusiasmo ao esporte das multidões.

Certo do elevado espírito de compreensão do amigo, com antecipados agradecimentos, firmamo-nos.

Atenciosamente,
Anacleto Campanella, Prefeito Municipal.²¹

Por meio da lei nº 496, de 1º de dezembro da 1954, o prefeito ficava autorizado a conceder tal empréstimo, o que foi decisivo para as pretensões da comissão no tocante a criar condição para a agilização das obras, imprimindo-lhes um ritmo mais intenso. Em vista disso, o *Jornal de São Caetano* não deixou de reconhecer esse avanço, mesmo a despeito da expectativa do capitão Oberdan de que o estádio fosse entregue no dia 25 de novembro daquele ano:

Cada visita que se faz ao estádio, encontram-se novas dependências (...) Desta vez, foram os vestiários, localizados embaixo das arquibancadas de concreto armado, que verificamos estarem já prontos, com seus pisos de ladrilhos vermelhos (...) As cadeiras também já estão prontas, pintadas de azul. O gramado verde, perfeitamente nivelado, já com as marcações em cal (...) Ao lado das arquibancadas de concreto armado, foram feitas umas arquibancadas de madeira, com base de tijolos e alvenaria.²²

As duas inaugurações - Em reconhecimento aos esforços do prefeito Anacleto Campanella em favor da concretização do projeto do estádio, o Conse-

lho Deliberativo da Associação Atlética São Bento aprovou a proposta encaminhada pelo presidente da diretoria do clube, Raphael Oberdan de Nicola, designando a obra com o nome do chefe do Executivo sul-são-caetanense. Um mês após esse ato, ou seja, no dia 2 de janeiro de 1955, o agora Estádio Anacleto Campanella abriu os seus portões para o público. Na partida de estreia, iniciada às 16h20, debaixo de grande chuva, foi realizado o confronto entre a A.A. São Bento e o XV de Piracicaba, válido pela divisão principal do campeonato paulista e vencido pela equipe da casa, pelo placar de um gol a zero. Esse gol histórico foi marcado pelo jogador Zé Carlos, agitando de tal forma os espectadores que o árbitro, o uruguaio Carlo Otonello, viu-se obrigado a interromper durante alguns instantes o jogo, visto “o verdadeiro bombardeio que a torcida fez estourar”.²³

A arrecadação computada nessa partida de estreia fora de Cr\$105.055,00 (cento e cinco mil e cinquenta e cinco cruzeiros), superada pela do jogo festivo frente ao Sport Club Corinthians Paulista (Cr\$153.000,00 – cento e cinquenta e três mil cruzeiros), que marcou a inauguração oficial do estádio. Essa partida, iniciada às 16h30 e arbitrada por João Etsel, ocorreu em 13 de janeiro daquele ano de 1955 (numa quinta-feira), sendo vencida pela equipe da capital pela contagem de três gols a dois. Marcaram pelo Corinthians Nonô e Nardo (dois

gols), e pela A.A. São Bento Nelsinho e Ruiz.

Estava, assim, oficialmente inaugurado o Estádio Anacleto Campanella, palco de memoráveis pelepas ao longo destes seus 70 anos de história. Imortalizado pela crônica esportiva de São Paulo como “O Morro dos Ventos Uivantes” (título emprestado da obra clássica da escritora inglesa Emily Brontë para fazer referência aos fortes ventos que atingiam a região do campo, na parte alta da cidade), o estádio, em 1964, quase uma década depois do início de suas atividades, ganhou nova fisionomia com a instalação de um complexo poliesportivo ao seu redor. Batizado de Lauro Gomes de Almeida, esse complexo poliesportivo foi erguido para a realização dos Jogos Abertos do Interior, competição esportiva tradicional do Estado de São Paulo que teve, em outubro daquele ano de 1964, São Caetano do Sul como sede. Mas esse assunto é tema de uma outra história, aliás, muito bem retratada por Renato Donisete Pinto na 69ª edição de *Raízes*, de dezembro de 2024. Por ora, fica o registro feito por este artigo, que propôs recuperar questões que circundaram os processos de concepção, construção e inauguração do septuagênario Estádio Anacleto Campanella, fruto do sonho de uma São Caetano do Sul que dava os seus primeiros passos como município na década de 1950.

Detalhe do público em um dos setores do Estádio Anacleto Campanella em 1956



Acervo/FPMSCS



Parte das arquibancadas do estádio com grande número de torcedores em outra imagem registrada durante o campeonato de 1956

Notas

- ¹ A terraplanagem do terreno da A.A. São Bento. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 403, última página, 27 fev. 1954.
- ² CARVALHO, Cristina Toledo de. “Príncipe dos Municípios”: a invenção da identidade de São Caetano do Sul (1948-1957). 2022. Tese (Doutorado em História). Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2022, p. 21-22.
- ³ *Ibidem*, p. 140.
- ⁴ CARTÕES postais de São Caetano. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 490, primeira página, 19 jan. 1955.
- ⁵ O grandioso Viaduto dos Autonomistas. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 488, primeira página, 12 jan. 1955.
- ⁶ INAUGURADO o “Estádio Anacleto Campanella” com grande vitória do S. Bento. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 486, última página, 5 jan. 1955.
- ⁷ Reportagem citada acima.
- ⁸ SERÁ inaugurado dia 13 o Estádio da A.A. São Bento. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 487, última página, 8 jan. 1955.
- ⁹ MOVIMENTA a cidade em torno da campanha em prol do estádio da A.A. São Bento. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 406, última página, 13 mar. 1954.
- ¹⁰ RUSSO, Antônio. Um Estádio Municipal para S. Caetano. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VI, n. 192, p. 11 (1º Caderno), 28 jul. 1951.
- ¹¹ *Ibidem*.
- ¹² CONSTRUÇÃO de um Estádio pelo S. Caetano E.C. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VI, n. 209, primeira página, 24 nov. 1951.
- ¹³ Apud NUZZI FILHO, José. In: A construção de um Estádio para S. Caetano. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VI, n. 211, primeira página e p. 3, 8 dez. 1951.
- ¹⁴ Apud NUZZI FILHO, reportagem citada.
- ¹⁵ FERRARI, Narciso. A malhada fusão. *Raízes*, São Caetano do Sul, edição especial, p. 17-25, mai. 2014, p. 18.
- ¹⁶ NUZZI FILHO, reportagem citada.
- ¹⁷ ENTUSIASMO em torno da construção do estádio. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VI, n. 234, última página, 17 mai. 1952.
- ¹⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. Lei n. 351. São Caetano do Sul, 26 ago. 1953. Disponível em: <https://adm-nistracao.saocaetanodosul.sp.gov.br/storage/uploads/12287.pdf> Acesso em: 10 abr. 2025.

- ¹⁹ FRACASSARAM as negociações. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VI, n. 240, última página, 28 jun. 1952.
- ²⁰ A terraplanagem do terreno da A.A. São Bento. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 403, última página, 27 fev. 1954.
- ²¹ Documento transcrito em: Estádio para o São Bento. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 463, última página, 6 out. 1954.
- ²² QUASE pronto o estádio do S. Bento. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 480, última página, 8 dez. 1954.
- ²³ LUIZ, Mário. Vitória de gala do S. Bento estreando o seu gramado. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 487, última página e p. 3, 8 jan. 1955, última página.

Cristina Toledo de Carvalho é historiadora, com mestrado e doutorado em História Social pela PUC-SP, e autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, publicado em 2015 pela Fundação Pró-Memória. Atualmente, ocupa o cargo de assessora de difusão cultural nessa instituição.

Chitãozinho e Xororó: uma história de sucesso ligada a São Caetano do Sul

Mario Edson Botteon

É um desafio escrever um artigo sobre aquela que considero a melhor dupla sertaneja que o Brasil conhece, pelo talento incomparável e pela seriedade com que conduzem a sua impecável e brilhante carreira artística até hoje. O que dizer de Chitãozinho e Xororó? Como começar essa história tão rica e inspiradora? Bem, de algum lugar temos de iniciar... Então, vamos começar com os seus nomes verdadeiros.

José Lima Sobrinho (Chitãozinho) nasceu em Astorga (PR), em 5 de maio de 1954. Seu irmão, Durval de Lima (Xororó), nasceu na mesma cidade, em 30 de setembro de 1957. Ainda na infância, adotaram o nome ar-

tístico de Irmãos Lima. A troca do nome da dupla para Chitãozinho e Xororó foi uma escolha do radialista Geraldo Meirelles, com base na canção homônima, originalmente lançada em 1939 pelos compositores Serrinha e Athos Campos. Na música, o cantor diz que vive sozinho e só se alegra quando piam o inhambu-chintã e o inhambu-chororó.

Chitãozinho ficou com esse nome graças ao fato de a ave inhambu-chintã ser maior do que o inhambu-chororó, que, por sua vez, canta mais alto e agudo. Explicado, assim, o curioso nome da dupla, que tem mais vínculos com a cidade de São Caetano do Sul do que você imagina. Mas va-

mos deixar que os próprios artistas contem essa história.

Os relatos aqui apresentados constituem um recorte resumido e adaptado de entrevistas concedidas pela famosa dupla a diversos meios de comunicação. Por óbvias razões, optamos pelos trechos que fazem menção à região do ABC e, em especial, a São Caetano.

A ligação com a região começou a ser construída após a mudança da família Lima para Mauá, um dos sete municípios integrantes do chamado ABC paulista. Era final da década de 1960, e os irmãos José Lima Sobrinho e Durval de Lima já se revelavam como duas grandes promessas da música sertaneja, graças à influência do pai, Mário de Lima, que, durante sua adolescência, fez dupla com João Mineiro (o mesmo que, mais tarde, faria sucesso ao lado de Marciano, formando a dupla João Mineiro e Marciano).

Chitãozinho e Xororó apresentando-se durante a 4ª edição da Festa do Peão de Boiadeiro de São Caetano do Sul, em 30 de agosto de 1992. Trata-se de uma das diversas passagens e apresentações da dupla na cidade



Arquivo/FMCS

Xororó: “Quando nosso pai nos ouviu cantando pela primeira vez, ele ficou bobo e falou: ‘Nossa, vocês sabem cantar direitinho! Quem ensinou?’ Nós falamos: ‘Pai, foi o senhor e a mãe. Quando vocês cantam aqui em casa, a gente fica perto ouvindo e assim a gente aprendeu’. Aí ele falou: ‘É o violão? Quem ensinou? Vocês sabem?’. ‘É, a gente também sabe um pouquinho o lá, o ré, o dó’. Aí, mais uma vez, ele falou: ‘Daqui pra frente, eu vou ensinar pra vocês tudo o que eu sei’. E assim começou a dupla Os Irmãos Lima.”

Chitãozinho: “Bem, o nosso pai começou a mostrar a gente pra todo mundo; na escola, na igreja, onde tivesse festa ele estava colocando a gente pra cantar. E tinha um programa de calouro na cidade, lá no clube, lá em Rondon, que premiava os melhores. O prêmio que a gente ganhava dava pra comprar pipoca e ingresso do cinema. E a gente adorava porque havia matinê todos os domingos. A gente ganhava o prêmio e já comprava o ingresso e ia assistir ao filme.”

O estrelato que Os Irmãos Lima vinham obtendo em território paranaense teve, contudo, uma ruptura, em virtude da mudança da família para São Paulo.

Chitãozinho: “Bem, quando eu tinha 12 anos, a gente teve que mudar para São Paulo. O nosso pai quis sair do interior porque a nossa mãe tinha uma doença (ela era bipolar), que a gente veio descobrir muitos anos depois. Ele levou nossa mãe para fazer o

tratamento numa clínica em São Paulo e aproveitou para começar a mostrar a gente nas rádios.”

Xororó: “Na mudança, a nossa mala era um saco de pano, o cadeado era um nó. Eu me lembro direitinho como se fosse hoje. Nós, de calças curtas, que era como os meninos usavam naquela época, final dos anos 1960. Viajamos na carroceria de um caminhão de Rondon até Londrina. Pegamos um trem e descemos na Estação da Júlio Prestes, em São Paulo, seguindo em direção à cidade de Mauá, situada no ABC paulista, onde o meu pai havia arrumado emprego como motorista de ônibus na empresa Barão de Mauá. A nossa casa ficava no Jardim Zaíra, mais precisamente na Rua 17, hoje Rua Raimundo Eduardo da Silva. E, assim que chegamos, fomos matriculados na Escola Estadual Dona Marcelina Maria da Silva Oliveira, onde estudamos.”

Chitãozinho: “A gente era muito pobre e passava muita dificuldade; eu não via a hora de completar 14 anos para ajudar, para começar a ganhar um dinheiro. Inclusive, eu até parei de estudar para começar a trabalhar. E aí, nosso pai me arrumou um emprego de cobrador de ônibus na mesma empresa em que ele trabalhava. Foi meu primeiro emprego, foi lá que tirei a minha carteira de trabalho, que tenho até hoje. Mas esse emprego durou apenas um ano, porque a música já estava tomando espaço na nossa vida, graças a Deus.”

De fato, os irmãos cantores passaram por muitas dificuldades, vindos de uma região humilde do ABC para se tornarem um dos maiores ícones do sertanejo brasileiro. A trajetória não foi nada fácil, eles tiveram que lutar muito até encontrar o caminho do sucesso. E o caminho do sucesso passava por São Caetano do Sul...

Xororó: “Lembro quando acordávamos por volta das quatro horas da manhã. A gente saía da nossa casa em Mauá, caminhava 20 minutos, pegava um ônibus por mais 20 minutos, depois 30 minutos de trem até a Estação de São Caetano do Sul para cantarmos na Rádio Cacique, ao vivo, já que não tínhamos disco gravado.

Logo depois fomos convidados pelo Geraldo Meirelles, que tinha um programa na Rádio 9 de Julho, e arrumou um horário, todas as sextas-feiras, às 7h30 da manhã. Fazíamos praticamente o mesmo percurso, mas com 40 minutos de trem até a Estação da Luz, mais 20 minutos de ônibus até chegar à rádio, que ficava na Vila Mariana. Dois moleques sozinhos, com dois violões. Foi lá que a gente cantou pela primeira vez a música *Galopeira*. Aí, gravamos um disco, e a nossa carreira começou profissionalmente. Isso foi em 1970.

Em 1972, seu Geraldo montou uma caravana, e fomos nós fazer o nosso primeiro show em praça pública, para mais de 10, 15 mil pessoas. Éramos dois adolescentes, de 16 e 14 anos. A

banda de abertura tocou um baita som. Nós entramos em seguida, só com dois violões acústicos, o som foi lá pra baixo. Quando acabou o show, a gente falou com seu Geraldo: ‘Seu Geraldo, não dá pra cantar com dois violões. A gente precisa de instrumentos eletrônicos’. O Geraldo falou: ‘Eletrônicos?’ ‘Sim’, e aí veio a ideia de montar a nossa primeira banda, um conjunto, como se falava naquela época. Isso era algo inédito para a música sertaneja.”

Chitãozinho: “Mais ou menos em 1972, por aí, nós conseguimos comprar o nosso primeiro carro, um Fusca azul-clarinho, e a gente saiu fazendo show em circo com esse Fusca. Aí nós fomos para o Paraná em 1975 e lá deu uma geadada muito forte, que arrasou a economia do estado. Então, o dinheiro que nós ganhamos lá a gente gastou lá mesmo. E, quando nós chegamos em casa, nossos irmãos e nossos pais estavam passando muita necessidade. Aluguel atrasado, não tinha comida em casa ... O único bem que a gente tinha era o Fusca. Então a gente pensou assim: ‘vamos dar um tempo na carreira, vamos vender esse Fusca e usar esse dinheiro para pagar as contas. De repente, a gente arruma um trabalho e esquece um pouco a música, porque não está dando para sobreviver’. E, pensando nisso seriamente, dentro do carro, um conversando com o outro, ali por perto da Avenida São João, eu falei: ‘Ai, Xororó, vamos ter que vender esse carro, não tem jeito, nossa vida está muito difícil’. E bem nesse momento, no rádio do carro, começou a tocar a música *Tente Outra Vez*, do Raul Seixas, do disco que ele estava lançando.”



Em 1991, a prefeitura de São Caetano do Sul homenageou o compositor Darci Rossi (autor da letra da canção *Fio de Cabelo*) dando o seu nome a uma praça da cidade. A imagem constitui registro do descerramento da placa inaugural de tal logradouro. Darci Rossi é o segundo, à direita, junto à placa. À esquerda, o então prefeito Luiz Olinto Tortorello



O cantor Marciano ao lado do prefeito Tortorello durante o evento de inauguração da Praça Darci Rossi, em 1991. Ao lado de Rossi, compôs a icônica música *Fio de Cabelo*, um dos sucessos mais marcantes de Chitãozinho e Xororó



Com perseverança, a dupla prosseguiu, alcançando, alguns anos depois, grande visibilidade junto à mídia e ao público.

São Caetano do Sul e o fio de cabelo que levou a dupla ao sucesso

Um dos maiores sucessos da trajetória de Chitãozinho e Xororó foi a canção *Fio de Cabelo*, do disco *Somos Apaixonados*, lançado em 1982. Com uma vendagem de mais de 1,5 milhão de cópias, esse trabalho abriu as portas das rádios FM para a música sertaneja.

Chitãozinho: “*Fio de Cabelo* foi a primeira música sertaneja a ser tocada nas rádios FM. E nós começamos a ser convidados também para participar de programas de televisão que, até então, nunca tinham apresentado uma dupla sertaneja. A gente era jovem, tinha uma aparência bacana e se apresentava de uma forma bem profissional.”

Xororó: “Eu me lembro que, naquela época, o Silvio Santos chamou a gente pra fazer um programa no SBT todo domingo, e ali a nossa imagem ficou muito, muito conhecida. Fizemos muito sucesso mesmo. Então, foi muito importante a música *Fio de Cabelo*. E a gente sempre cuidou da nossa carreira. Naquela época, na televisão, a gente começou a usar cabelo grande, usar umas roupas mais incrementadas. Tínhamos visto o Rod Stewart no *Rock in Rio* com aquele cabelo arrepiado e comprido atrás. Nós começa-

mos a imitá-lo, e o nosso corte de cabelo virou sucesso nacional; as pessoas passaram a ir ao cabeleireiro e pedir pra cortar o cabelo igual ao do Chitãozinho e Xororó.”

Chitãozinho: “O nosso pai faleceu em 1983, mas chegou a ver um pouco do nosso sucesso. Ele morreu muito jovem, com 51 anos, mas chegou a acompanhar a gente em alguns shows. Ele começou a sentir um pouco o sucesso da música *Fio de Cabelo* e, infelizmente, se foi muito cedo, mas deixando um legado muito bacana. Não só colocou a gente no caminho da música, mas nos uniu. Essa harmonia que existe entre nós se deve muito ao sonho de nosso pai que realizamos, o sonho dele sempre foi fazer de nós dois uma dupla famosa.”

Darci Rossi e José Marciano foram os compositores da música *Fio de Cabelo*. Rossi nasceu na cidade mineira de Guaxupé, mas, com 1 ano de idade, veio para São Caetano do Sul, onde cresceu e passou a trabalhar na General Motors do Brasil, como gerente do Banco GM. A amizade com a dupla aconteceu quando os cantores procuraram o mencionado banco para um financiamento, tendo em vista a compra de um Chevrolet Opala produzido pela GM, já que o fusquinha não atendia mais às expectativas.

A mudança de Darci Rossi para Campinas (SP) acabou influenciando a dupla a se mudar para lá, devido às inúmeras vi-

sitas que faziam à casa do compadre (ele foi padrinho de casamento de ambos).

Infelizmente, Darci Rossi nos deixou em 20 de janeiro de 2017, aos 69 anos, vítima de uma infecção pulmonar. José Marciano, natural de Paulistânia (SP) e também morador de São Caetano do Sul, faleceria dois anos depois, em 18 de janeiro de 2019, aos 74 anos de idade. Sofreu um infarto fulminante às duas da manhã, enquanto dormia em sua casa, em São Caetano.

Show histórico - Como não poderia deixar de ser, Chitãozinho e Xororó foram creditados por introduzir a música sertaneja nos veículos de massa do Brasil, numa época em que o gênero tinha pouco espaço nas rádios e televisão. Antes deles, a música sertaneja limitava-se à cultura do campo. Eles são recordistas em vendas de discos no Brasil, com mais de 40 milhões de CDs e DVDs vendidos. A dupla também se tornou conhecida por modernizar a música sertaneja, introduzindo instrumentos como a guitarra elétrica e o banjo em seus álbuns.

De acordo com uma pesquisa feita pela *Karaoke World Championships Brasil* em 2017, a canção *Evidências* era a faixa mais executada em karaokês do país. O cantor José Augusto foi quem a compôs. Comentando o estrondoso sucesso, ele declara: “*Evidências* foi a loteria, ninguém esperava. Os primeiros produtores que ouviram disseram que não era legal. A gente



jamais imaginou que a música pudesse ultrapassar o tempo e as fronteiras, ser gravada em espanhol e outros idiomas”.

Irmãos, sócios, amigos. Todas essas relações envolvem dedicação. Manter todas elas juntas com a mesma pessoa e alcançar sucesso tão duradouro envolve muita sabedoria e amor. Por isso, estamos mergulhados na emocionante história de uma das duplas mais conhecidas, amadas e longevas do Brasil: Chitãozinho e Xororó.

A única certeza que temos é a de que a história não termina aqui. Mesmo resumindo ao extremo, não conseguiríamos escrever nem a metade da brilhante carreira que eles edificaram. Mas o mais importante de tudo é que o município de São Caetano do Sul se sente orgulhoso por figurar nas fases mais decisivas da carreira da dupla, seja no início, nas apresentações na Rádio

Cacique, seja no lançamento da música *Fio de Cabelo*, composta em nossa cidade, que foi um divisor de águas na caminhada musical de Chitãozinho e Xororó, ou no histórico show *Amigos*, realizado no Espaço Verde Chico Mendes, em 1995 (sendo a primeira edição desse especial exibido pela Rede Globo a cada fim de ano, entre 1995 e 1998, ano da realização da quarta e última edição, mais uma vez, no Espaço Verde Chico Mendes), diante de um público de 100 mil pessoas. Nesse show de 1995, a dupla Chitãozinho e Xororó apresentou-se com outras duas, também de bastante sucesso na época: Leandro e Leonardo e Zezé Di Camargo e Luciano.

Obrigado, Chitãozinho e Xororó, por essas passagens e por saber que a cidade de São Caetano do Sul estará sempre em seus corações. \



Foto tirada durante o show *Amigos*, realizado no Espaço Verde Chico Mendes, em 1995. Na ocasião, a dupla Chitãozinho e Xororó apresentou-se com Leandro e Leonardo e Zezé Di Camargo e Luciano

Referências

Chitãozinho e Xororó. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Chit%C3%A3ozinho_e_Xoror%C3%B3. Acesso em: jun. 2024.
Chitãozinho e Xororó em Os bastidores do sucesso. Disponível em: <https://staging.plenae.com/para-inspirar/chitaozinho-e-xororo-em-os-bastidores-do-sucesso/>, 20 dez. 2020. Acesso em: jun. 2024.
DANIEL, Marcelo. Mulets, viola e 1 milhão de sucessos: os 45 anos de carreira de Chitãozinho e Xororó. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/45-anos-de-carreira-de-chitaozinho-xororo/>, 3 dez. 2015. Acesso em: jun. 2024.
KRAUSS, Thiago. Ação será onde dupla sertaneja estudou. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/346926/acao-sera-onde-dupla-sertaneja-estudou>, 25 mai. 2007. Acesso em: jun. 2024.

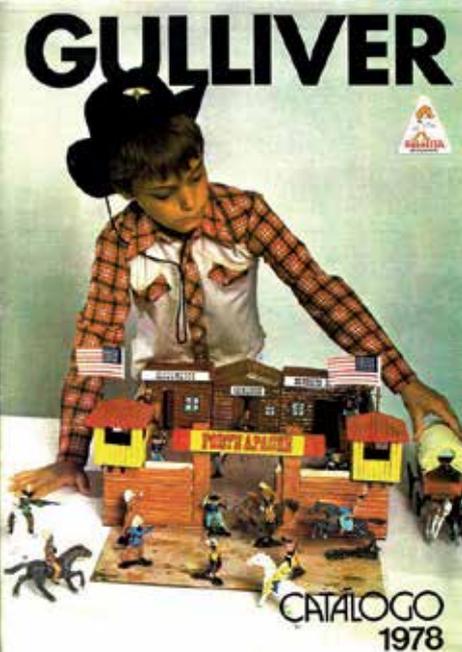
Mario Edson Botteon

é empresário aposentado, descendente de família de imigrantes italianos chegados ao Núcleo Colonial de São Caetano em 1877.

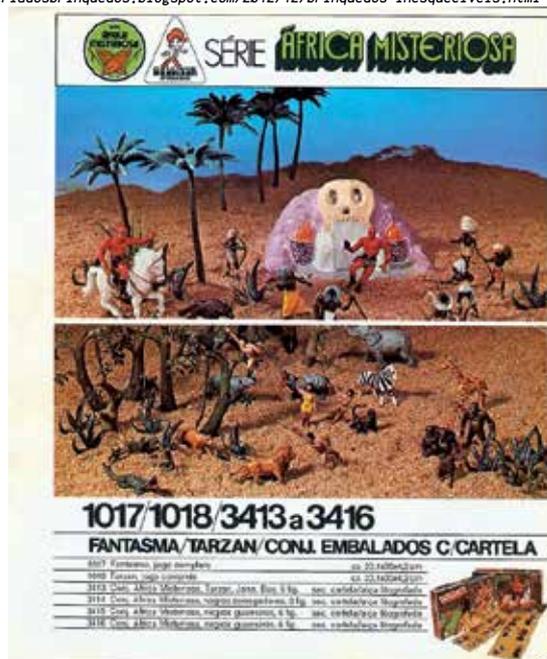
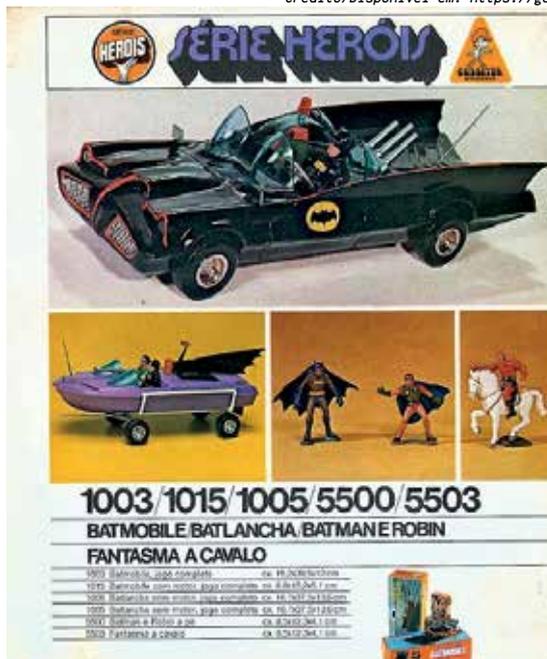
São Caetano do Sul e Gulliver: Lilliput é aqui!

Marcos Eduardo Massolini

Crédito/Disponível em: <https://anacaldata.blogspot.com>



Crédito/Disponível em: <https://galeriadosbrinquedos.blogspot.com/2012/12/brinquedos-inesqueciveis.html>



Catálogo de divulgação dos brinquedos, edição de 1978, cuja capa destacou o icônico Forte Apache



Catálogos da série *Heróis*, uma das mais famosas da empresa, e da série *África Misteriosa*

No mundialmente consagrado romance do irlandês Jonathan Swift (1667-1745), *As Viagens de Gulliver* (1726), o protagonista que dá nome ao livro, um cirurgião inglês que clinicava em navios, aporta em lugares inacreditáveis após passar por naufrágios. Originalmente, a obra foi dividida em quatro volumes, e a primeira aventura, *Viagem a Lilliput* – na qual Gulliver encontra uma terra habitada por seres minúsculos e se envolve em conflitos políticos e culturais –, tornou-se a mais famosa do personagem.

O fazendeiro e empresário espanhol Mariano Lavin Ortiz, um grande admirador dessa obra e apaixonado pelo universo infantil, era proprietário de uma pequena fábrica de brinquedos em Madri desde o começo dos anos 1950. Mas teve de deixar o país em 1959, por divergir do governo do ditador Francisco Franco, também conhecido como “Generalíssimo Franco”, no poder desde 1939 (e que só deixaria de governar em 1975, com sua morte). Resolveu imigrar para a América do Sul com a esposa e os quatro filhos. O plano inicial era ir para o Uruguai, mas, quando chegou ao Brasil, pelo Porto de Santos, apaixonou-se pelo país e ficou por aqui.

Em maio de 1964, logo após o golpe militar, retomou o negócio dos brinquedos e fundou a Ortega, Lavin & Companhia, em sociedade com seu filho mais velho, Andrés Luis, e com um amigo espanhol, Francisco

(...) a primeira aventura, Viagem a Lilliput – na qual Gulliver encontra uma terra habitada por seres minúsculos e se envolve em conflitos políticos e culturais –, tornou-se a mais famosa do personagem.

O fazendeiro e empresário espanhol Mariano Lavin Ortiz, um grande admirador dessa obra e apaixonado pelo universo infantil, era proprietário de uma pequena fábrica de brinquedos em Madri desde o começo dos anos 1950. Mas teve de deixar o país em 1959 (...)

Ortega Blanco. A empresa, que mudou de nome para Casablanca em 1966, foi responsável pelo lançamento do Forte Apache no Brasil. Esse brinquedo, que se tornou uma febre em vários países, foi criado em 1953 pela americana Louis Marx and Company, considerada, na época, a maior fábrica de brinquedos do mundo, e trazia para a gurizada todo o ambiente do velho oeste americano, com índigenas, caubóis, cavalos, militares e, claro, um forte de madeira em miniatura. Mariano Lavin Ortiz queria que Andrés fosse artista, mas, com 18 anos, o filho já batia o pé: “Quero fazer um Forte Apache, porque esse brinquedo foi você que lançou na Espanha”, disse para o pai. Desejo pedido, destino cumprido.

Catálogo de divulgação dos brinquedos produzidos pela Casablanca, fábrica fundada por Mariano Lavin Ortiz em sociedade com o filho Andrés Luis Lavin e com Francisco Ortega Blanco. Essa fábrica foi responsável pelo lançamento do Forte Apache no Brasil, brinquedo que, ao lado de outros, foi inserido, posteriormente, no catálogo da Gulliver

Pinturas à mão - O Forte Apache logo virou mania também no Brasil e, assim como em seus primórdios nos Estados Unidos, vinha com todas as suas peças pintadas manualmente, uma a uma, trazendo originalidade para os personagens. Com esse toque artesanal, cada peça tinha uma diferença sutil nas cores e pinceladas, fazendo com que não houvesse miniaturas idênticas. Mariano Lavin seguiu essa



Credito/Disponível em: <https://anacaldata.blogspot.com>

tradição e, tanto em Madri como no Brasil, fez questão de manter uma equipe de colaboradores para a pintura dos seus kits.

O desenhista Osvaldo Sequetin, nascido em 1958, foi testemunha ocular dessa parceria da empresa com a comunidade. Um veículo da Casablanca deixava semanalmente na casa de sua família, na Vila Prudente, tintas especiais para plástico e caixas cheias de bonequinhos do Forte Apache para que seu pai, torneiro-mecânico de dia, e sua mãe, que costurava para fora, pintassem manualmente, à noite, cada figura e peça do brinquedo, com a intenção de obter uma renda extra no mês. A função de Sequetin, ainda muito novo para pintar, era separar as peças idênticas, todas ainda com o tom marrom original – cavalos, carruagens, indígenas, paliçadas para o Forte, etc –, que vinham misturadas da fábrica. Ele as deixava selecionadas e alinhadas, como numa linha de montagem. Além do seu núcleo familiar, primos e tios também faziam esse serviço para a Casablanca. Esses trabalhos extras fora do expediente eram muito comuns na época, principalmente entre a classe média baixa. Sequetin lembra que, além do Forte Apache, sua família recebia de outra empresa caixas de grampos para cabelo; e lá ia ele separar os grampos que vinham num emaranhado só para dispô-los alinhados em cada sulco de uma régua especial, a fim de receber depois o

arremate final na fábrica.

Se a urgência financeira era o mote, ao mesmo tempo, as empresas se tornavam mais próximas da sociedade.

Surge a Gulliver - Com dificuldades financeiras no final dos anos 1960, agravadas por um incêndio em 1969 nas instalações da fábrica na Mooca, em São Paulo, a Casablanca fechou oficialmente suas portas em outubro de 1970. Contudo, um ano antes, outro filho de Mariano Lavin, Mariano Lavin Cebada Filho, e a nora, Ana Exposito Cantero, chamaram Andrés Luis Lavin e fundaram, em São Caetano do Sul, a Gulliver Manufatura de Brinquedos. Era praticamente uma continuação e, certamente, uma homenagem à Casablanca, com quase o mesmo catálogo de brinquedos, incluindo, claro, o Forte Apache. Embora instalada na cidade em outubro de 1969, os sócios adotaram mais tarde como fundação oficial da empresa a data do registro: 3 de fevereiro de 1970. A homenagem ao patriarca ficou ainda mais clara com o nome escolhido: *As Viagens de Gulliver* era um dos livros de cabeceira da família e lido com frequência pelo pai ainda na Espanha.

Na apresentação da empresa, a Lilliput de Jonathan Swift era comparada ao Brasil e a São Caetano do Sul, por também serem um berço de seres pequeninos – no caso, as crianças. Mariano pai faleceu pouco tempo depois, em 1973, aos 59 anos, mas teve tempo de



Fachada do prédio da fábrica, na Rua Barão de Mauá, nº 280. Nesse endereço, a Gulliver se encontra desde o final da década de 1980

Andrés Luis Lavín,
um dos fundadores da
Gulliver, em foto da
década de 1970



Crédito/Reprodução



vivenciar a continuação de seu legado. A logomarca da Gulliver – um menino loiro estilizado – foi desenhada por Andrés Luis.

A empresa se instalou na esquina da Avenida Senador Roberto Simonsen com a Rua São Paulo, no Bairro Cerâmica. Com o mesmo *modus operandi* da pioneira Casablanca, a nova empresa, mantendo o esquema cooperativo de famílias, rapidamente criou vulto, e sua história passou a se misturar com o cotidiano de muitos sul-são-caetanenses.

Heróis - O sucesso do Forte Apache levou a empresa a lançar outras séries com o tema faroeste: Acampamento Apache, Caravana e Chaparral (nome também de uma série de TV americana e de uma loja de discos e livros em São Caetano na mesma época). Em seguida, na onda dos gibis e desenhos animados da TV, chegaram às prateleiras os super-heróis. O embrião da coleção foi a série *Heróis Gulliver*, que misturava personagens da DC (Batman, Robin), Marvel (Homem-Aranha, Capitão América,

Falcão), além de Fantasma (com um segundo modelo sentado em seu cavalo Herói), Zorro e Coyote (esses dois também a cavalo). Paralelamente, sob a marca *África Misteriosa*, foram lançadas as séries dedicadas a Fantasma e Tarzan, incluindo vários componentes que formavam o universo de cada um dos protagonistas. O sucesso dessa primeira leva foi estrondoso e fez com que fossem incluídos veículos (como o batmóvel, além de lanchas e motos) e super-heróis e vilões nos lançamentos posteriores.

Havia personagens tanto da Marvel – Homem de Ferro, Namor, Thor, Hulk, Visão, Duende Verde e Surfista Prateado (além do Pantera Negra, que, na verdade, era o Surfista remodelado e pintado de preto) – como da DC – Superman, Mulher Maravilha, Aquaman, Coringa, Pinguim, Batgirl, Gavião Negro e Capitão Marvel (Shazam). A coleção acabou sendo batizada definitivamente como *Super-Heróis Gulliver*. Além de algumas séries em caixas, os itens podiam ser encontrados também em cartelas de papelão, com dois ou



quatro personagens, além de saquinhos com os heróis sem pintura. Entre os anos 1970 e 1980, a coleção variou bastante na matéria-prima utilizada (plástico rígido, mantido com uma só cor e depois vinil maleável, pintado posteriormente à mão), nas diferenças de cores e tonalidades e nas mudanças das bases que sustentavam as figuras e embalagens.

Vale ressaltar que, antes da empresa Atma (que lançou super-heróis da Marvel em parceria promocional com os postos Shell, em 1969) e da Gulliver, a Casablanca já tinha lançado em 1968 alguns super-heróis como Batman, Batgirl, Hulk e Thor, entre outros, bem leves e ocios, num formato inusitado de “asa-delta”, além do primeiro batmóvel lançado no Brasil, uma raridade absoluta nos dias de hoje.

Integração - Ainda na primeira metade da década de 1970, com uma linha bem eclética de lançamentos e uma base sólida na cidade, a Gulliver criou um elo de integração com a comunidade, que até hoje mantém ramificações. Em entrevista, Andrés Lavin lembra que, no auge, a empresa chegou a ter 2.800 famílias pintando bonecos, em esquema de cooperativa, sem contar a seção de pintura interna, formada por dezenas de funcionárias bem-treinadas. Nas redes sociais, um grupo intitulado *Meninas da Gulliver*, com mais de 100 ex-funcionárias da empresa, relembra histórias da época e faz encontros anuais

para celebrar os bons tempos da “firma”. Numa época em que não era comum, a Gulliver contratava grande número de mulheres para vários setores e, principalmente, para a seção de pintura das miniaturas de plástico e vestuário das bonecas. Além do treinamento ser levado muito a sério, o salário era dos mais altos do mercado.

A relação com o entorno era outra característica inerente. Na tradicional padaria Ziza, também localizada na Avenida Senador Roberto Simonsen (hoje, com instalações modernas, no mesmo endereço), era comum, em dia de pagamento, encontrar muitos funcionários da Gulliver. Nessa data especial do mês, os colaboradores da fábrica de brinquedos deixavam a marmita diária de lado e iam almoçar no estabelecimento, fazendo questão de se vestirem impecavelmente. Era o dia de “almoçar fora”.

Enquanto isso, diversas famílias do município e de cidades vizinhas seguiam a mesma logística da pioneira Casablanca e mantinham a roda girando com as pinturas manuais em domicílio. O artista e restaurador Roberto Wally, com raízes em São Caetano do Sul e atualmente residindo em Itu, no interior paulista, tem boas recordações dessa sinergia empresa-comunidade no seu próprio núcleo familiar. Sua avó, dona Felicia Romero, foi, a partir da segunda metade da década de 1970, uma das pintoras terceirizadas dos bonecos. Dona Felicia, nasci-

(...) Numa época em que não era comum, a Gulliver contratava grande número de mulheres para vários setores e, principalmente, para a seção de pintura das miniaturas de plástico e vestuário das bonecas. Além do treinamento ser levado muito a sério, o salário era dos mais altos do mercado.

da na Espanha, veio com a família para São Caetano ainda nos anos 1920, vindo a morar na Avenida Lemos Monteiro (que, na época, chamava-se Alameda Ariranha), no Bairro Santa Paula. Para ter um complemento de renda no orçamento doméstico, assumiu a tarefa de pintar soldadinhos e indiozinhos da marca Gulliver. Ela recebia periodicamente o material necessário – um saco plástico com centenas de bonequinhos, tinta, solvente e pincéis – e, curiosamente, como toda equipe cooperada nessa época, só pintava com uma cor um único detalhe de cada peça para que as pinturas terminassem o mais rápido possível. Se a solicitação era para pintar de branco apenas a pena do cocar de um indígena específico do lote, assim era feito. Com cada



Crédito: RODRIGUES, Toni. Splash - Uma breve história da publicidade em quadrinhos: Ucha Editorial, 2025

← Anúncio publicado em 1973 em revistas em quadrinhos para divulgar o Jogo de Xadrez do Mequinho. Sucesso de vendas, consagrou-se como uma das produções mais conhecidas da Gulliver

família trabalhando uma única cor, o processo ficava mais ágil e prático.

Enquanto rememorava esses momentos tão preciosos, Roberto Wally manuseava e separava os heróis, caubóis, indígenas e soldados do seu acervo de brinquedos antigos – só da marca Gulliver são perto de 60 peças. Cada bonequinho de plástico rígido pintado traz de volta o espírito empreendedor de sua avó, uma força criativa da natureza que o fez também ser artista anos depois.

Crises e resiliência - No começo do século 21, a Gulliver, em novo endereço no município – Rua Barão de Mauá, nº 280, onde se instalou no final dos anos 1980 –, esbanjava fôlego, mesmo tendo passado por di-

versas crises econômicas entre o final dos anos 1970 e começo dos anos 1990: crise do Petróleo, Plano Verão, Plano Bresser, Plano Cruzado, Plano Collor (quando o governo abriu de vez as importações). Assumindo o processo de importação e atendida com a TV e o cinema em lançamentos como os bonecos articulados do Homem-Aranha, Meninas Superpoderosas, personagens de *O Senhor dos Anéis*, Scooby-Doo e Bratz (a boneca mais vendida nos Estados Unidos, no Natal), a empresa atingiria, na virada de 2001 para 2002, um faturamento de R\$ 22 milhões. Além dos personagens *blockbusters*, a empresa expandiu a linha de produtos para crianças em idade pré-escolar, nicho que contribuía com 25%

do faturamento, graças à parceria com a francesa Smoby a partir de 1997. A fábrica seguia no seu ritmo de lançamentos e produção, mas o mercado de brinquedos não era o mesmo.

Em 2009, um episódio trouxe consequências negativas para a empresa, comprometendo gravemente os seus rendimentos: as multinacionais começaram a vender os produtos diretamente no país, sem intermediários, o que representou uma queda de 70% do faturamento na época. Nos últimos anos, em decorrência da pandemia, da importação direta dos brinquedos chineses e do aumento dos jogos digitais, o desempenho caiu ainda mais: na comparação de 2007 para 2023, o faturamento foi em torno de 90% a menos, o que levou a empresa à recuperação judicial.

Contudo, mesmo nas situações mais difíceis, a Gulliver nunca deixou de lado suas origens e o contato direto que sempre teve com a população. Em 2013, no Mês da Criança, a empresa fez, em parceria com a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, a exposição *Brinquedos Gulliver: a arte do brincar*, no salão expositivo do Espaço Verde Chico Mendes. A mostra de 27 telas trazia um recorte cronológico do lançamento dos brinquedos da marca. Além das fotos de catálogos e textos, os visitantes puderam apreciar, na ocasião, a exposição de dois exemplares originais do antológico Forte Apache.

Em visita à exposição, o diretor industrial e neto do fundador, Rodrigo Lavin Gamboa, demonstrou otimismo ao falar sobre a crise do mercado de brinquedos: “Com o tempo, percebemos que, apesar de toda a capacidade do parque industrial chinês, eles não conseguiam transmitir expressão artística aos brinquedos. Assim, a solução foi fazer uma aliança com eles: os chineses têm a parte industrial, mas contratam a parte criativa”.

A chave é a resiliência: operando com 50 funcionários (no auge, chegou a 1.500), a Gulliver não tem pretensões de fechar, e o plano é se recuperar em quatro ou cinco anos. Aos poucos, há sinais dessa retomada.

Depois de conseguir a suspensão de dois leilões dos imóveis da fábrica nos dois últimos anos, voltou a aparecer em eventos públicos: marcou presença sutil em 2024 dentro do estande da Brinquedos Estrela, na Abrin (Feira Internacional de Brinquedos) e, em 2025, surpreendeu o público ao participar da mesma feira (a maior do mercado) com estande próprio. Entre as atrações, lançamentos inusitados, como a volta do clássico brinquedo SOS Comandos e a ilustre presença do fundador Andrés Luis Lavin, como anfitrião do espaço, distribuindo disposição e energia aos 83 anos.

Brinquedos icônicos da Gulliver

Forte Apache

Um dos brinquedos mais tradicionais e mais lembrados pelos colecionadores, é produzido até hoje, embora num cenário mais “light” e com cenas mais sutis e menos violentas entre indígenas e caubóis.

Soldadinhos

As miniaturas de soldados fizeram muito sucesso e existem até hoje com o nome oficial de Forças Armadas.

Super-Heróis

Longa série, com personagens da Marvel e da DC.

Fazendinha da Alegria

Outro sucesso da marca nos anos 1980, vinha com miniaturas de animais e todos os apetrechos e cenários próprios do universo rural.

Big Frota

A coleção vinha com caminhões e máquinas de construção dos mais diversos tipos e formas.

Caneta Maluca

Lançada em 1984, parecia um aquaplay portátil com as funções de uma caneta. Eram vários modelos, variando as cores e os temas.

Jogo de Xadrez do Mequinho

Com 150 mil jogos vendidos no primeiro ano, o jogo bombou em torneios promovidos pela Gulliver em clubes como Esperia e Juventus, com 7.500 e 10.000 participantes respectivamente, a maioria crianças.

Futebol de Botão

Produzidos até hoje, os jogos de futebol de botão da Gulliver começaram a ser vendidos na primeira metade da década de 1970.

Família Peposo

Em 1975, surgiram os personagens de pelúcia da Família Peposo (Papai e Mamã Ursos e seus dois filhotes Peposinho e Peposinha), com dois milhões de unidades.

Agarradinhos

Bonequinhos de pelúcia que conseguiam se segurar nas roupas ou na ponta de lápis e canetas. O brinquedo virou febre entre as crianças, que os penduravam em todo canto possível. A Gulliver vendeu oito milhões de unidades em quatro anos.

Zoo

Dentro de um balde grande ou em saquinhos menores, bichos de várias espécies e tamanhos faziam a alegria da petizada.

Pino Gol

Inusitado campo de futebol onde os pinos faziam a vez dos jogadores. A série contou com nomes de grandes times brasileiros

e homenagens a jogadores, como Marcelinho Carioca. Outra variação era o Pin-Bolinho.

Linha Náutica

Com barquinhos flutuantes, lanchas, submarinos e até um transatlântico, essa criativa série marcou época.

Gulliverlândia

Série muito querida nos anos 1980 e 1990, começou com as casinhas e seus moradores, estendendo-se depois para dezenas de itens avulsos, como carros, pets, prestadores de serviços etc.

Bratz

A boneca importada era um tipo de heroína jovem, vestida com roupas coloridas e que não ostentava medidas perfeitas, como suas rivais Barbie e Susi. Estourou em vendas.

SOS Comandos

Em 1984, a Estrela lançou no Brasil a coleção GI Joe, na escala 1/18, batizando-a no Brasil de Comandos em Ação. Com o sucesso alcançado, outras empresas do ramo viram uma oportunidade nesse filão e criaram suas próprias séries. A Gulliver lançou SOS Comandos Contra o Terror em 1989, baseada na coleção americana Commando, com Arnold Schwarzenegger, mudando os moldes e os nomes. A série seguiu até 2011, com grandes variações. Depois de alguns anos no limbo, voltou com tudo no ano passado.

Acervo/José Zinnerman Nogueira



Exemplares do Duende Verde (acima) e do Homem-Aranha, dois dos personagens da famosa série *Super-Heróis*

Outra iniciativa promissora foi anunciada no final de 2024: uma parceria inovadora com o Projeto *Fazer Criativo* e a clínica Thetis Vida e Mente para o uso de brinquedos como instrumentos terapêuticos em projetos sociais como o do Núcleo Menino Jesus, de São Caetano do Sul.

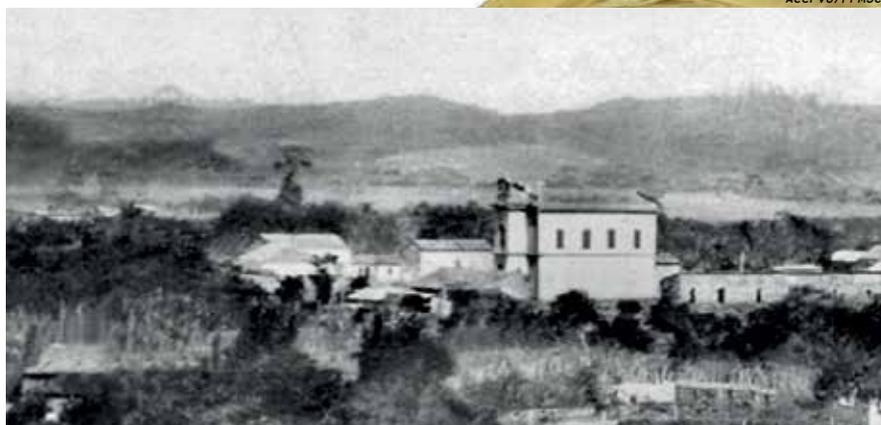
Mariano Lavin Filho faleceu em 2007, mas Andrés Lavin conta com a força familiar da filha Káthia Lavin e do neto Rodrigo Lavin para a recuperação da empresa. Essa resiliência e esperança admiráveis só podem vir de duas fontes: do próprio personagem de ficção Gulliver, que enfrentou inúmeros naufrágios e sobreviveu para contar suas histórias, e do patriarca Mariano Lavin Ortiz, que, em busca de liberdade, fez sua própria viagem gulliveriana ao lado da família, encontrou uma Lilliput bem mais acolhedora numa região chamada ABC paulista e, em vez dos inflamados pequeninos da obra clássica, deparou-se com centenas de crianças ao redor, ávidas para brincar.

Marcos Eduardo Massolini

é jornalista e escritor. Em 2001, lançou, de forma independente, o livro *Borboletas Abissais*. Mantém o blog *Almanaque do Malu* desde 2009 e o grupo *São Caetano Inesquecível*, no Facebook. Em 2014, lançou seu segundo volume de poesias, *Aura de Heróis*, e, em 2016, o livro de ficção *Abílio e o Espelho* no formato e-book. O ano de 2021 marcou o lançamento de seu terceiro livro de poesias: *Quase Oásis*, já em sua segunda edição (2024)

As artesãs de objetos de palha do Núcleo Colonial de São Caetano

Imagem de 1900. Nela, destaca-se a igreja na qual hoje se encontra a Paróquia São Caetano (Bairro da Fundação). Atrás dela, estão as senzalas da antiga Fazenda de São Caetano, em cujas terras foi instalado o núcleo colonial. Essas senzalas abrigaram os primeiros imigrantes chegados à localidade na tarde de 28 de julho de 1877. Entre esses pioneiros, estavam as artesãs de objetos de palha



Segundo um extenso artigo publicado no dia 7 de novembro de 1877 pelo *Correio Paulistano*, a respeito dos recém-fundados núcleos coloniais de São Paulo, as mulheres do núcleo de São Caetano revelaram-se como artesãs de objetos de palha.

Em São Caetano, trata-se com afinco das plantações e já existe muita madeira tirada para a construção das habitações. Neste Núcleo, as mulheres, além dos trabalhos domésticos, ocupam-se também da fabricação de objetos de palha que aos domingos são vendidos na capital.¹

Esse tipo de atividade remete ao início da existência do Núcleo Colonial de São Caetano,

fundado em 28 de julho daquele ano de 1877; portanto, quase quatro meses antes da publicação do artigo do *Correio Paulistano*.

Em razão de seu caráter fragmentário, as informações acerca dessa fase inicial da trajetória do núcleo são-caetanense não conseguem trazer à tona detalhes mais apurados sobre o assunto, o que o deixa submerso no mar da história e suscetível a uma bruma de mistério e a diversas interrogações provenientes do nosso fértil imaginário: Quem eram essas artesãs? Como se chamavam? Trouxeram do Vêneto (Itália) o costume de produzir e esculpir com palha objetos diferentes? O comércio de tais objetos dava-se em que condições em São Paulo? Essa

atividade perdurou por quanto tempo no Núcleo Colonial de São Caetano?

Vale lembrar que esse núcleo se mostrou também como local de “hábeis artesãos da madeira”², o que indica a diversificação das atividades na região. Para além da produção agrícola, base da economia de São Caetano durante boa parte da existência do núcleo colonial, a artesanaria imprimiu a sua marca na localidade, costurando e forjando os desafios impostos pelo curso dinâmico da história.

¹ Citado por MARTINS, José de Souza. *Diário de uma Terra Longe: os 'fatos diversos' na história do Núcleo Colonial de São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015, p. 71.
² *Ibidem*, p. 187.

Família Navarro e sua história em São Caetano do Sul

A cidade de São Caetano do Sul sempre se destacou pelo acolhimento e desenvolvimento de histórias de famílias que ajudaram a construir seu legado. Entre essas, a história da família de Anna Fernandes Navarro e Gonçalo Navarro y Navarro é mais uma que se destaca pelo empenho, coragem e forte laço comunitário consolidados ao longo dos anos.

Anna Fernandes, nascida em Pirajuí (SP) no ano de 1916, e Gonçalo Navarro, natural de Jaú (também no interior de São Paulo), nascido em 1911, ambos descendentes de imigrantes espanhóis, uniram-se em matrimônio em 1937. Inicialmente, construíram sua vida no sítio da família de Gonçalo Navarro y Navarro, na cidade paulista de Cafelândia, dedicando-se à lavoura de café. Com o passar dos anos, na década de 1950, investiram em um armazém de secos & molhados no distrito de Cafesópolis, pertencente a Cafelândia, vendendo uma diversidade de produtos que atendiam às necessidades dos trabalhadores das fazendas vizinhas. O casal teve sete filhos: José, Gonçalo Filho, Izabel, Antônio e Antônia (gêmeos), Walter e Oswaldo.

Navarro era um homem de muitos talentos. Além de comerciante, era um exímio sanfoneiro autodidata; animava festas em fazendas e eventos comu-



nitários, tornando-se querido e requisitado. Seu grupo musical contava com violinistas, violeiros e cavaquinistas, proporcionando momentos de alegria em casamentos, quermesses e aniversários. Outra habilidade desenvolvida por Gonçalo Navarro surgiu ao observar a demanda de seus clientes, que necessitavam



Da esquerda para a direita: Izabel, Gonçalo Navarro, José, Antônia, Anna Fernandes Navarro, Gonçalo Filho e Antônio em foto de 1951. Os dois filhos menores, Walter e Oswaldo, ainda não eram nascidos

Para abastecer o comércio, Navarro viajava a São Paulo, adquirindo produtos na zona cerealista, no Mercado Municipal e na Rua 25 de Março. Durante essas viagens, hospedava-se na casa de parentes em São Caetano do Sul, onde moravam primos e um irmão. (...), surgiu a oportunidade de adquirir uma casa na Alameda São Caetano, sem imaginar que ali, pouco tempo depois, um novo capítulo da história da família seria iniciado.

de cuidados pessoais: montou uma barbearia ao lado do armazém, otimizando o tempo dos fregueses que conciliavam suas compras com um corte de cabelo.

Para abastecer o comércio, Navarro viajava a São Paulo, adquirindo produtos na zona cerealista, no Mercado Municipal e na Rua 25 de Março. Durante essas viagens, hospedava-se na casa de parentes em São Caetano do Sul, onde moravam primos e um irmão. Enquanto Gonçalo Navarro fazia compras em São Paulo, Anna fazia a gestão do armazém e gerenciava muito bem os negócios, além de cuidar dos filhos. Em uma dessas estadas, surgiu a oportunidade de adquirir uma casa na Alameda São Caetano, sem imaginar que ali, pouco tempo depois, um novo capítulo da história da família seria iniciado.

Na década de 1960, dificul-

dades econômicas e a inflação impactaram os negócios, levando a família a tomar uma decisão definitiva: mudar-se para São Caetano do Sul em 1963. José, o filho mais velho, já casado, veio primeiro. Na sequência, toda a família se mudou para São Caetano do Sul. Nessa transição, o casal adquiriu um caminhão Chevrolet zero quilômetro para uso dos dois filhos mais velhos, os quais, inúmeras vezes, transportavam mercadorias de São Paulo para o interior do estado.

Após a chegada, Anna Fernandes dedicou-se a cuidar da família, enquanto Navarro ajudava seus filhos nos trabalhos do caminhão, inclusive como agregados da empresa Rhodia. Os outros filhos logo encontraram oportunidades de trabalho em empresas da região, como Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC), Alpargatas, General

Acervo/Família Navarro



Gonçalo Navarro e seu caminhão Chevrolet, que trouxe a família do interior para morar em São Caetano do Sul. Foto de 1962

Motors, Volkswagen e em comércios menores, como a Tinturaria do Lauro San, vizinha à residência dos Navarro, no Bairro Barcelona. Foi também no ano de 1963 que nasceu Rosemeire Espósito Navarro, a primeira neta do casal, legítima sul-são-caetanense!

A casa na Alameda São Caetano, nº 1532, tornou-se um ponto de encontro familiar e comunitário. Receber bem amigos, vizinhos e parentes sempre foi uma marca registrada do querido casal. Anna e Gonçalo Navarro eram católicos fervorosos e assíduos na Paróquia São Francisco de Assis. Uma lembrança marcante da família era a alvorada do Domingo de Páscoa, quando o filho Gonçalo, goleiro do Estrela Vermelha Futebol Clube, buscava com seu caminhão a banda que prestigiava a missa da Ressurreição. As crian-

ças colecionavam ovos de Páscoa da Fábrica de Chocolates Pan, e o padre Jorge sempre almoçava com a família após a celebração.

O envolvimento da família com a cidade também teve um capítulo político. Walter Navarro, o filho caçula de apenas 22 anos, candidatou-se a vereador em 1976 pela Aliança Renovadora Nacional (Arena) e recebeu expressiva votação, embora não tenha sido eleito. Essa participação aproximou a família do futuro prefeito Luiz Olinto Tortorello, que compartilhava uma origem interiorana semelhante e desenvolveu uma amizade fraterna. Em outras ocasiões, Walter Navarro voltou a ser candidato, mas também não foi eleito.

Com o passar do tempo, os filhos de Gonçalo Navarro e Anna Fernandes também constituíram suas famílias e, em sua maioria, continuaram residindo em São Caetano. Escolas como Emei Antônio de Oliveira, Emef Rosalvito Cobra, Instituto de Ensino de São Caetano do Sul e Alcina Dantas Feijão, entre outras, fizeram parte da formação dos filhos, netos e bisnetos do honrado casal.

Em 1989, a família Navarro sofreu uma grande perda: o falecimento de Anna Fernandes Navarro. O sofrimento da família foi amenizado em 21 de fevereiro de 1990, quando o prefeito Luiz Olinto Tortorello, em reconhecimento ao seu legado, inaugurou a Praça Anna Fernandes Navarro, entre a Avenida Presidente Kennedy e a Rua Teffé. Eternizava, assim, sua memória

Acervo/Família Navarro



Gonçalo Navarro e o ex-prefeito Luiz Olinto Tortorello na inauguração da Praça Anna Fernandes Navarro, no dia 21 de fevereiro de 1990

Acervo/Família Navarro



Antônio Ermírio de Moraes, Luiz Olinto Tortorello e Walter Navarro em evento político na década de 1980

Acervo/Família Navarro



O casal Gonçalo e Anna em evento da Paróquia São Francisco de Assis, no Bairro Santa Maria, na década de 1970



Alameda São Caetano em frente à casa dos Navarro, no Bairro Santa Maria, entre o final dos anos 1970 e o início da década de 1980

na história da cidade, selando a grande relação dos Navarro com São Caetano do Sul. Após o falecimento de sua amada esposa, Gonçalo Navarro contou com o apoio e carinho incondicional de seus filhos, netos e bisnetos, e encontrou conforto e distração desfrutando das estruturas públicas da cidade, como os campeonatos de bocha e outras atividades do “Clube da Terceira Idade”, como ele mesmo chamava. O querido Gonçalo Navarro y Navarro nos deixou em 2008, aos 97 anos.

Assim como São Caetano, a família Navarro cresceu e se espalhou. Já fomos 51, mas alguns também já partiram; hoje somos 44 membros. Apesar de alguns

terem se mudado da cidade, as lembranças da casa da vó, do cheiro de café fresco, do bife na panela de ferro, das rosquinhas de pinga saindo do forno e das partidas animadas de truco aos domingos permanecem vivas em seus corações.

A trajetória de Anna e Gonçalo Navarro é um verdadeiro exemplo de dedicação, trabalho e amor para com a família e amigos, entrelaçando-se com a própria história da localidade e deixando um legado que jamais será esquecido. Anna, Gonçalo e seus descendentes são gratos por terem desenvolvido suas histórias de vida em São Caetano do Sul.



Acervo/Família Navarro

Gonçalo Navarro e sua inseparável sanfona, relíquia que a família guarda com carinho. Foto da década de 1970

Robson Navarro Diniz

é descendente da família Navarro e arregimenta as informações dos antepassados.

Uscs completa 57 anos de história em São Caetano do Sul, unindo tradição e inovação

Leandro Prearo

A Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) chega aos seus 57 anos com uma trajetória de desenvolvimento, conquistas e crescimento ao longo dos anos. Suas primeiras atividades como Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais são marcadas pelo início das aulas em 1968, quando a instituição contava apenas com 130 alunos matriculados, um quadro de 11 professores e três funcionários.

No ano seguinte, as aulas, que antes aconteciam na Rua Visconde de Inhaúma (atual Fundação das Artes), passaram a ocorrer no endereço que, hoje, representa o campus Barcelona, na Avenida Goiás, nº 3.400. Os primeiros cursos oferecidos pela instituição foram Economia, Ciências Políticas e Sociais, Administração (1968), Comércio Exterior (1976), Ciência da Computação (1986), Publicida-

de e Propaganda (1997), Direito (1997), Jornalismo e Rádio e TV (1999) e muitos outros que atualmente estão representados em diferentes áreas do conhecimento.

Ao longo dos anos, e conforme seu crescimento, a instituição foi modificando sua nomenclatura e se desenvolvendo, até chegar ao status de universidade. Em 1970, a faculdade passa a



Entrada principal do prédio do campus Barcelona, na Avenida Goiás, nº 3.400

Acervo/Uscs



ser denominada Instituto Municipal de Ensino Superior, com a sigla Imes, nome que marcou sua presença na região e que até hoje é lembrado por muitos daqueles que estudaram e tiveram contato com a instituição pelos mais de 20 anos que levou a denominação. Em 2000, o então Imes transforma-se em Centro Universitário, resultado de um período de crescimento pelo qual a instituição passava. Em 2004, a instituição conquista o status de universidade, tornando-se, então, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, passando a ser conhecida pela nova sigla Uscs em 2008.

Dos pontos de vista qualitativo e quantitativo, avanços significativos elevaram a Uscs a níveis jamais alcançados nas últimas décadas. A Universidade de São Caetano do Sul, de fato, rompeu a barreira de seus muros para interagir com a comunidade e exercer um dos papéis da universidade: de extensão dos seus serviços à população.

Hoje, a instituição conta com mais de 50 cursos de graduação (em modalidades presencial e à distância), tendo como os mais recentes os cursos de Letras; Design Gráfico; Design de Interiores; Produção Cultural; Escola de Formação de Professores e Inovação Pedagógica; Estética e Cosmetologia; Mídias Sociais e Influência Digital; Inteligência Artificial e Cybersecurity. Na área de pós-graduação *stricto sensu*, foi lançado, em 2024, o Programa de Doutorado em Educação e o Programa de Mes-

trado Profissional em Direito, Tecnologia e Inovação, além dos programas já existentes nas áreas de Administração, Tecnologia, Informação e Comunicação e Ensino em Saúde. Além disso, desde 2019, é oferecido ensino médio, por meio do Colégio Universitário Uscs, e cursos livres de curta duração.

A partir de seus cursos, são oferecidos serviços à comunidade em diversas áreas, como na saúde (Academia-Escola de Educação Física, Clínica de Nutrição, Clínica de Enfermagem, Clínica de Fisioterapia, Clínica de Odontologia, Clínica de Psicologia, Farmácia-Escola e Laboratório de Análises Clínicas), no direito (Núcleo de Assistência Jurídica), na área contábil (Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal), na psicologia (Clínica de Psicologia) e na pedagogia (Brinquedoteca). Só no primeiro trimestre de 2025, foram prestados mais de 20 mil atendimentos à população, sempre com participação de alunos atuando, supervisionados por professores e profissionais.

As contribuições no âmbito de saúde incluem também o projeto Índice de Poluentes Hídricos (IPH/Uscs), criado em 2003. A partir de coletas em reservatórios da região metropolitana de São Paulo e análises no laboratório de Análise Ambiental da universidade, são gerados dados que contribuem com a população e autoridades, permitindo subsidiar políticas públicas nas áreas de meio ambiente, saneamento e saúde.

Por meio da série de ações realizadas no enfrentamento à pandemia da Covid-19, em 2020 e 2021, a Uscs ganhou destaque nacional ao gerenciar programas como o Disque Coronavírus (em parceria com a Prefeitura de São Caetano do Sul). Destacou-se também pela testagem das vacinas da Janssen (braço farmacêutico da multinacional Johnson & Johnson) e da Coronovac (Butantan e Sinovac) pelo Centro de Pesquisa Clínica (lançado em 2020) – que, além da atuação inicial de testagem dessas importantes vacinas, participa de outros relevantes estudos na área.

Em 2022, a Uscs lança seu terceiro curso de Medicina, com a inauguração do seu campus em Itapetininga, interior de São Paulo. Em 2025, expandiria sua estrutura em mais 2.600m², também ampliando a diversidade de cursos oferecidos no município.

Em 2023, é inaugurado o Hospital Veterinário Universitário Municipal São Lázaro; o novo Centro de Pesquisa Clínica (que passa a funcionar na Rua Santo Antônio, nº 117, Centro, próximo ao campus da Uscs) e a maior e mais moderna clínica de odontologia da cidade, com equipamentos de última geração, todos com atendimento à comunidade. Além disso, no mesmo ano, a instituição dá início às primeiras atividades relacionadas ao projeto Inova Uscs e à Escola de Governo, programa de formação gratuita a agentes públicos da Prefeitura de São Caetano, suas fundações e au-

tarquias, com base em demandas das organizações públicas.

Em 2024, a instituição inaugura o seu Campus Centro - Unidade II, localizado no Edifício São Caetano, no centro da cidade. O espaço sedia alguns cursos da sua Escola de Saúde, sendo mais um polo de educação que terá também como consequência benefícios econômicos à região, pela ampliação da movimentação de pessoas na região central e, com isso, o aumento do consumo local. Em março de 2025, a universidade inaugura o novo espaço da sua Academia Escola, localizado no 2º andar do Centro Comercial Empresarial São Caetano (Rua Manoel Coelho, nº 600). No mês de maio, ocorre a inauguração do Centro de Inovação Inova Uscs para o Desenvolvimento Regional, que tem como propósito incentivar a pesquisa, o desenvolvimento e a inovação (PD&I) e a transferência de tecnologia, além de promover a interação entre a universidade e as empresas, governo e outras organizações integrantes do ecossistema de inovação e da sociedade do conhecimento e promover a inovação em produtos, processos, mercados e organizações, buscando contribuir para aumentar a competitividade empresarial/organizacional, e, com isso, contribuir para o resgate da competitividade regional.

A Uscs em 2025 - A Universidade Municipal de São Caetano do Sul conta hoje com mais de 50 cursos de gradua-



Centro de Pesquisa Clínica. Lançado em 2020, no contexto da pandemia da Covid-19, teve atuação destacada na testagem das vacinas da Janssen e da Coronavac. Está localizado na Rua Santo Antônio, nº 117, próximo ao campus Centro da Uscs



Fachada do Hospital Veterinário Universitário Municipal São Lázaro. Inaugurado em 2023, está situado na Rua Pernambuco, nº 76, no Centro



Alunas do curso de Medicina do campus de Itapetininga (SP), o terceiro da área oferecido pela Uscs. Foi lançado em 2022

ção (incluindo cursos à distância), além de especializações, por meio da pós-graduação *lato sensu*, em diversas áreas. Já na pós-graduação *stricto sensu*, a universidade conta com os seguintes programas: Mestrado em Administração; Mestrado Profissional em Tecnologia, Informação e Comunicação; Mestrado Profissional e Doutorado Profissional em Educação, Mestrado Profissional em Inovação no Ensino Superior em Saúde e Mestrado Profissional em Direito. Em sua história, formou mais de 30 mil profissionais. Hoje, seus cursos são oferecidos em diferentes *campi*, nas cidades de São Caetano do Sul, São Paulo e Itapetininga.

Uma universidade feita de pessoas - Nessa trajetória percorrida, tem destaque a participação das pessoas que passaram e aquelas que ainda estão na universidade: seus estudantes, servidores administrativos e docentes, membros da comunidade, autoridades e tantas outras pessoas que ajudam a construir, cotidianamente, a Uscs. Essas pessoas fazem parte do que a universidade é na atualidade, uma instituição que oferece ensino de excelência e que segue buscando gerar impacto direto na sociedade por meio de seus cursos e pesquisas em áreas como inovação, saúde e empreendedorismo, entre tantos outros.

Inova Uscs

No âmbito da inovação e empreendedorismo, a Uscs, com o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), empresa pública do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), lançou, em maio deste ano, o Centro de Inovação Inova Uscs para o Desenvolvimento Regional. Esse projeto, constituído pela tríade Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, Uscs e Fundação de Apoio à Uscs (Fauscs), hoje conta com uma incubadora de empresas, três laboratórios com equipamentos de última geração (metabolômica e proteômica, biologia molecular e biobanco); área de *coworking* com 60 estações de trabalho, tanto para utilização por *startups*, quanto por empresas já consolidadas; área de prototipagem rápida com quatro impressoras 3D e demais espaços de infraestrutura destinados a eventos, treinamentos, convivência, reuniões e espaços administrativos. Há também um grande investimento em capacitação: já foram 420 professores e alunos capacitados em empreendedorismo, ideação e ferramentas de Inteligência Artificial. Além disso, foram treinados 170 professores e alunos de diversos países da América do Sul, fomentando o intercâmbio de conhecimento e criando uma rede de inovação internacional.

Projeto IPH

O Projeto Índice de Poluentes Hídricos (IPH/Uscs) iniciou suas atividades de pesquisa em reservatórios da região em 2003, sob coordenação, desde sua criação até os dias de hoje, da docente e bióloga Marta Angela Marcondes. O Projeto IPH/Uscs estuda os seguintes corpos hídricos: Represa Billings, rios Pinheiros, Tietê e Tamanduateí, Ribeirão dos Meninos, Ribeirão dos Couros, Ribeirão do Soldado, Rio Mogi Mirim e Represa Guarapiranga, sendo o mais antigo o Rio Tamanduateí (desde 2003) e o mais atual o Rio Pinheiros (desde 2019). O projeto também atende a demandas específicas para projetos da comunidade. As coletas são feitas periodicamente por docentes e estudantes da Uscs, e os materiais coletados são analisados no Laboratório de Análise Ambiental da universidade, localizado no campus Centro (Rua Santo Antônio, nº 50). As ações do IPH vão ao encontro dos objetivos da instituição, de levar informações que proporcionem a prevenção de doenças na população, além de dados às autoridades que possam subsidiar políticas públicas de saneamento ambiental, buscando a universalização do saneamento. É um exemplo do papel da Uscs junto à sociedade, ou seja, oferecer um serviço que tenha impacto direto na vida da população.

Leandro Prearo é reitor da Uscs. Graduado em Matemática com ênfase em Informática, é mestre e doutor em Administração (Métodos Quantitativos) pela Universidade de São Paulo (USP). Na Uscs desde 2003, teve atuação destacada também no Instituto de Pesquisa (Inpes), do qual se tornou diretor.



Bazar e Papeleria Ao Carioca deixou lembranças nostálgicas

Um dos pontos comerciais mais populares da cidade, o Bazar e Papeleria Ao Carioca marcou época e deixou lembranças nostálgicas na memória afetiva de várias gerações de moradores de São Caetano.

A origem do seu nome é bastante curiosa. Segundo consta, existiu na Rua Augusta, em São Paulo, um bar homônimo que teria servido de inspiração para a escolha da denominação do estabelecimento sul-são-caetaneense, inaugurado em 1927 por Antônio de Melo Neto na Rua Perrella, como uma charutaria.

Pouco tempo depois, passou a funcionar na antiga Rua São

Caetano (atual Avenida Conde Francisco Matarazzo, na esquina com a Rua Serafim Constantino), endereço no qual o comércio se expandiu com a venda de materiais escolares e artigos para escritório. Acostumado a promover inovações desde a época da charutaria, Melo Neto lançou uma nova moda ao publicar na capa dos cadernos comercializados a foto dos grupos escolares existentes na cidade.

O Bazar e Papeleria Ao Carioca, após uma trajetória de muitos anos em São Caetano, encerrou suas atividades, ocasião em que se encontrava instalado na Rua Santa Catarina, nº 251.



Prédio que abrigou o Bazar e Papeleria Ao Carioca, situado na esquina da Avenida Conde Francisco Matarazzo com a Rua Serafim Constantino, em foto da década de 1950, durante a época do Natal

Acervo/FPMSCS



Dametto Rogatto: a família que tem história para contar

Eliane Parmezani

Acervo/Marina Dametto Rogatto



Fotos do dia 2 de outubro de 1948, data em que Marina Dametto e Luiz Rogatto se casaram, tiradas em frente à casa onde Marina vive até hoje, no Bairro São José

Acervo/Marina Dametto Rogatto



Marina Dametto nasceu em 12 de fevereiro de 1925, em Campinas, interior paulista. Veio para São Caetano do Sul aos 20 anos, em 1945, acompanhada do pai, Angelo Baptista Dametto, e dos irmãos. Luiz Rogatto, nascido em Amparo (São Paulo), chegou posteriormente junto da família – dos pais, Cândida Traversim Rogatto e João Rogatto, e dos irmãos – para se casar com Marina, no dia 2 de outubro de 1948. Formava-se, assim, a família Dametto Rogatto, cuja história se confunde com a própria história de São Caetano do Sul.

Vindos de Campinas para São Caetano, os pais de Luiz, Cândida e João Rogatto, foram viver na Rua Osvaldo Cruz. O pai de Marina, Angelo Dametto, viúvo¹, instalou-se no atual Bairro São José, com os filhos. Desde que chegou à cidade, há 80 anos, Marina mora na mesma casa que o pai mandou construir nos anos 1940. Hoje, vive com o filho caçula, João Batista Rogatto, de 63 anos. Tem cinco filhos, oito netos e cinco bisnetos.

Em 16 de dezembro de 2017, Marina foi condecorada pela municipalidade com o título de Cidadã da História.² Na ocasião, moradores, estabelecimentos comerciais, indústrias e entidades estabelecidas no Bairro São José receberam a honraria. Luiz Rogatto foi homenageado pela prefeitura dez anos antes, em 21 de setembro de 2007.

Helenice Rogatto, de 72 anos, filha da dona Marina e do senhor Luiz, falecido em 10 de fevereiro de 2018, aos 96 anos, relembra, na entrevista a seguir, realizada na casa da dona Marina, alguns momentos marcantes da história da família Dametto Rogatto em São Caetano, parte da história da cidade.

Mesma casa - "Meus pais casaram-se nesta casa. Aqui nasceram, foram criados e formados seus cinco filhos: Isabel Regina Rogatto (74 anos), eu (Helenice Rogatto), Luiz Alberto Rogatto (69), Maria Cristina Rogatto (67) e João Batista Rogatto. À exceção do meu irmão Luiz Alberto que, junto da esposa, filhos e netos, vive hoje na Alemanha, todos nós do restante da família moramos em São Caetano.

Quando veio de Campinas, meu avô Angelo comprou um lote de terreno, onde mandou construir esta

casa para a família. Conforme meus tios se casavam, saíam para constituir seus próprios lares, e minha mãe permaneceu aqui. É como se tivesse ficado tomando conta do meu avô. Casados, meus pais ficaram morando com ele. Nasceram os filhos. Hoje, somente o caçula, o João, vive com minha mãe e a Antonia Nogueira, a cuidadora, que a acompanha de segunda a sexta-feira.

Quando o meu avô Angelo faleceu³, meus pais compraram a casa, renovando alianças até quase 70 anos de casamento, casando os filhos e até os netos aqui. Meus filhos, Alexandre e Luiz Gustavo, casaram-se aqui. Meus pais celebraram as bodas aos 25, 50 e 60 anos de casamento, até que meu pai morreu a poucos meses de completar 70 anos de união conjugal.

Até uns quatro anos atrás, eu morava neste mesmo quintal, no fundo. Agora vivo na Vila Gerty (Bairro Nova Gerty), em um apartamento. Quando meu avô construiu esta casa, tudo aqui era pasto. No fundo do quintal, tinha um portãozinho que dava para um pasto. Quando era criança, saía por este portão e me deparava com um terreno enorme, onde foi construída uma vila de sobrados.

Eu era bem pequena e pedia para a minha mãe comprar um sobrado ali, eu achava chique. Ela respondia: "Onde vou aparar e estender a roupa?" Os quintais eram bastante grandes, com gramado, que as mulheres usavam para aparar a roupa. Minha mãe saía com um bastião de roupas

enorme na cabeça, um balde d'água e um regador. Ia regar a roupa no pasto. Na rua de trás, também tinha um pasto grande, que se tornou essa vila de sobrados. E veja só: depois de tantos anos, em 2001, comprei um sobrado neste mesmo local, hoje para alugar."

Clube Cerâmica - "Meu tio Leopoldo Vallim, casado com a irmã da minha mãe, trabalhou na Cerâmica São Caetano⁴. Ele perdeu um braço e dois dedos trabalhando nas prensas. Por conta do acidente, ele ganhou, importado dos Estados Unidos, um braço mecânico, que se recusou a usar. A intenção dos superiores era que continuasse empregado na Cerâmica, mas ele não quis, se aposentou. Depois, chegou a trabalhar de pedreiro, levantou casa sem o braço.

Ao lado da nossa casa, ficava o Buracão da Cerâmica⁵, onde se retirava a terra. E, em frente, armazenava-se a terra para fazer os ladrilhos. Depois, veio o clube da indústria, onde aconteciam as festas dos funcionários da Cerâmica, bem aqui na frente.

Na infância, brincávamos com as crianças dos Simonsen. José Bernardo Filho, o marido da minha vizinha, a dona Laura, trabalhava na Cerâmica. Por conta dessa amizade e pela proximidade mesmo com a indústria e o clube⁶, tínhamos passe livre para as festas. Quando os Simonsen faziam festa para os funcionários, participávamos todos juntos.

Lembro-me de que tinha shows no clube, muitos de artistas

famosos, inclusive, e a festa junina da Cerâmica, com quadrilha. Éramos crianças e íamos às festas, aos bailes, quadrilhas, junto das moças e dos rapazes da época.

Atravessávamos a rua e já estávamos lá dentro⁷. Tinha também parquinho para as crianças dos funcionários; aulas de crochê, bordado, pintura. As filhas da dona Laura frequentavam. Aos domingos, o parquinho abria para todo mundo. Eu trabalhei no Clube Cerâmica também, na limpeza. Na verdade, o meu pai foi chamado para esta função e me propus a ir no lugar dele.

Desde lá de baixo, dos portões da Cerâmica, a saída era na (Rua) Casemiro de Abreu, uma fila de arcos de bambu decorados subia pela avenida, até esta rua. Então, vinham os carros com os cavalos, e a noiva dentro, rumo à igreja. Era tradicional. Somente muitos anos depois foi construído o parque Chico Mendes⁸."

Estudos - "Minha irmã Isabel e eu estudamos em colégio de freiras, o Nossa Senhora da Glória, que ficava na Rua Amazonas. Depois, seguimos os estudos no Grupo Escolar Roberto Simonsen⁹ até o quinto ano. Só depois que comecei a trabalhar na prefeitura¹⁰, fiz ginásio e colégio. Meu irmão Luiz, a Cristina e o João estudaram no Torloni (Escola Estadual Maria Trujillo Torloni) e no Roberto Simonsen, que, depois, mudou para Vicente Bastos (EME Professor Vicente Bastos, na Rua Humberto de Campos, situada ao lado da EE M. T. Torloni)."



Celebração das Bodas de Ouro de Marina e Luiz Rogatto, em outubro de 1998 na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, no Bairro São José. A celebração foi presidida pelo padre Gino Sorgon



Marina exibe a placa *Cidadão da História*, homenagem concedida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul aos moradores mais antigos de cada bairro da cidade. Foto de 16 de dezembro de 2017



Família reunida no dia 12 de fevereiro de 2025, durante a comemoração do centenário da matriarca Marina Dametto Rogatto. Com a mão em seu ombro, aparece a filha Helenice Rogatto



Marina Dametto Rogatto ladeada pelas filhas Helenice (à esquerda) e Maria Cristina e pela cuidadora de idosos Antonia Nogueira

Dal'Mas - "O meu avô Angelo foi funcionário da Dal'Mas¹¹ (Dal'Mas S/A Indústria Agro Química Brasileira), único estabelecimento em que trabalhou em São Caetano, aposentando-se por invalidez, pois tinha problemas na coluna.

Na época, a agroquímica tinha por matéria-prima ossos e sebo. Chegamos a conhecer o senhor Victorio Dal'Mas, os filhos João e Ettore.¹²

Meu pai também foi funcionário desta empresa, por 36 anos. O senhor Mário Dal'Mas permitiu que ele retornasse à fábrica depois da aposentadoria, para fazer o que quisesse. Mesmo assim, continuou trabalhando até os 86 anos, por opção, carregando materiais recicláveis. Minha irmã Isabel foi funcionária na Dal'Mas por 30 anos: entrou com 15 anos e saiu aposentada, aos 45. Lá, conheceu o funcionário com quem se casaria, José da Silva."

GM e o Clube dos 30

- "Foi por intermédio do meu cunhado José, marido da Isabel, que começamos a participar do Clube dos 30 da GM¹³. Depois do Dal'Mas, ele foi para a General Motors, onde trabalhou até se aposentar. Toda última quinta-feira de cada mês, era oferecido um jantar no Samyr Buffet (localizado no Bairro Barcelona) para as pessoas que completavam 30 anos de GM. A princípio, eram só os casais (um dos quais, pelo menos, funcionário). Não era permitido levar mais acompanhantes, por conta da capacida-

de do local.

Em decorrência da idade avançada, muita gente do Clube dos 30 está morrendo. Por conta disso, não estão conseguindo mais manter o grupo toda última quinta-feira de cada mês. Então, o encontro passou a ser trimestral.

A GM se desvinculou, não financia mais. Os membros se organizaram para manter a tradição¹⁴. A Isabel é quem organiza os participantes da nossa família, que chega a umas 20 pessoas. Costumávamos ir, além da Isabel, a minha mãe, a Cristina e o marido, e eu. Hoje vão também o João e meus sobrinhos.

Em algumas ocasiões, a Isabel estava viajando e ela voltava só para participar deste jantar. Até o marido falecer, ela não perdia um. Acabou se afastando por ter enviuvado; foi convidada a retornar, está participando novamente e levando mais gente da família.

No dia 20 de março, foi realizado o primeiro jantar de 2025, agora já podendo contar com mais membros das famílias desses antigos funcionários. Desta vez, não fui para ficar com minha mãe; na ocasião, a Antonia teve a oportunidade de conhecer o evento. Costumam ir a esses encontros umas 400 pessoas ou mais."

Religião e fé - "Na época em que chegou a São Caetano, minha mãe frequentava a Igreja Sagrada Família, a Matriz Nova¹⁵.

Eu tinha entre 4 e 5 anos, e minha mãe me levava à missa das 5h30 da manhã. Íamos de

ônibus. A missa era celebrada pelo padre Êzio¹⁶, que trouxe artistas da Itália para pintar aquelas lindas imagens no interior da igreja. O padre Paulo Dall'Orto¹⁷, que sucedeu o padre Êzio, deu continuidade à obra do antecessor. Quando íamos à missa no período da reforma, não se via nada: os andaimes ficavam cobertos. De repente, quando a cobertura foi retirada, surge a coisa mais linda, até hoje. É um patrimônio da nossa cidade¹⁸.

O terreno da Igreja Matriz Nova, o material de construção, tudo era doado. As famílias religiosas faziam doações para cobrir os gastos: elas se uniam e quem podia mais doava mais. Os Baraldi, os Perrella, Lorenzini, todas essas famílias dos fundadores de São Caetano contribuíam com as quantias mais generosas. E famílias simples, humildes, faziam doações de terra, cimento, areia, de material de pintura, do que podiam. A minha tia caçula por parte de mãe, Odete Dametto Migliatti, então funcionária da Porcelana Real, também participou, fornecendo o que pôde para a igreja. Nessa época, eu ainda nem tinha nascido. Nos bancos da igreja, inclusive, ficavam os nomes de doadores, registrados em chapinhas.

Depois, minha mãe passou a frequentar a igreja da Vila São José (Sagrado Coração de Jesus). Meu pai era liguista¹⁹ e minha mãe, do Apostolado da Oração.

Nas romarias, uniam-se os liguistas da nossa igreja aos de paróquias de outras partes do Brasil. Todo último domingo

de agosto, tinha o encontro dos liguistas em Aparecida do Norte. Só da nossa igreja saíam sete ônibus. Meu pai organizava essa romaria e, ainda criança, o meu filho Alexandre (Tavares de Andrade) o acompanhava. O Alexandre conhece o funcionário que abria a porta da igreja de Aparecida naqueles tempos e, por conta dessa amizade que perdura até os dias de hoje, ele e a família costumam ficar no círculo central, no altar, para assistir à missa de perto.

Meus pais eram integrantes do coral da Igreja Sagrado Coração de Jesus e até faziam apresentações em outras paróquias, como convidados. Já se apresentaram, inclusive, na escadaria do Teatro Municipal de São Paulo, na véspera de Natal, isso pelos anos 1980. Um maestro de orquestra que os ensaiou para este evento. O coral tinha até organista."

Nesta parte da entrevista, dona Marina intervém: "Eu cantava no coral da igreja. Coisa mais linda. O padre falava pra mim: 'Marina, como você canta bonito!' Eu cantava, rezava o terço."

E Helenice prossegue: "A fase que ela mais gostava na vida era essa, a que frequentava a igreja, participava da comunidade e cantava no coral. Ela e o meu pai. Eles tinham muito orgulho de participar da vida paroquial. Ensaíavam para o coral praticamente todos os dias. Só não iam às segundas-feiras, por conta do Terço dos Homens²⁰, do qual meu pai participava. Na terça, quarta, quinta, sexta e sábado, lá iam os dois juntos en-



↑
Marina
Dametto
comemorando
o seu
aniversário
de 100 anos

saír para cantar no domingo.

Eu colaborava nas festas da igreja do Sagrado Coração de Jesus: fazia os pudins e recebia as doações dos bolos para vender na barraca. Na Sagrada Família, eu frequentava as missas. Com o avançar dos anos, minha mãe foi precisando me ter mais por perto e acabei me afastando das festas. Mas não deixo de ser católica e de continuar frequentando a minha missa.

Meu irmão João frequenta a Sagrado Coração de Jesus e ajuda nas quermesses. A cada 15 dias, missionários dessa paróquia vêm em casa para ofertar a hóstia consagrada à minha mãe. Quando meu pai era vivo, todos os sábados, vinha um casal oferecer a comunhão para os dois,

fazíamos as orações do evangelho todos juntos. Minha mãe, inclusive, recebeu a hóstia no dia do centenário, 12 de fevereiro."

Centenário - "No dia 12 de fevereiro, uma quarta-feira, fizemos uma festa aqui, entre nós, os filhos, netos, bisnetos, quem pôde vir. Depois, no sábado (15 de fevereiro), foi a celebração oficial, no salão de festas do apartamento do meu sobrinho André Vinícius da Silva, filho da Isabel.

No domingo (16), a missa de ação de graças pelo centenário da minha mãe aconteceu na Igreja São Bento (Bairro Olímpico). O padre Pedrinho (José Pedro Teixeira de Jesus) costuma sortear quem levará para casa a imagem de Nossa Senhora Aparecida, para passar a semana. Naquele domingo, o padre a entregou à minha mãe: 'nada mais justo do que deixar a imagem com a dona Marina, que está completando 100 anos', ele disse. Aí a imagem passou a semana aqui, e os devotos vinham fazer suas orações. No domingo seguinte (23), retornamos à Paróquia São Bento, na missa, para devolver a imagem. E a história continua... Tem quem diga que vivemos do passado. Nós não vivemos do passado: nós temos história para contar."

Notas

- 1 Maria Regina Simonetti Dametto, esposa de Angelo Dametto e mãe de Marina, faleceu aos 38 anos de idade, por complicações no parto.
- 2 Em 2017, a Fundação Pró-Memória retomou o projeto *Cidadão da História*, realizado como parte do programa *Bairro a Bairro*, promovido pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul.
- 3 Angelo Dametto morreu no dia 4 de abril de 1966, de infarto.
- 4 Armando de Arruda Pereira veio para São Caetano em 1923, com Roberto Simonsen, quando ambos adquiriram a Cerâmica Privilegiada do Estado de São Paulo (fundada em 6 de maio de 1913, por Antônio R. Cajado). A empresa passa a se chamar Cerâmica São Caetano S/A a partir de 19 de fevereiro de 1924. A indústria localizava-se no Bairro Cerâmica, em um terreno de 400.000 metros quadrados de área e 12.000 metros quadrados de edificações, aproximadamente. Em parte das construções cerca de 50 casas destinadas aos operários, escola, playground e outras dependências, todas ligadas entre si por uma linha férrea. XAVIER, Sônia Maria Franco, Armando de Arruda Pereira. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 4, p. 13-17, jan. 1991, p. 14.
- 5 A Cerâmica São Caetano fabricava telhas brilhantes, foscas, coloniais, ladrilhos, ladrilhos, tijolos prensados, tijolos furados e diversos tipos de materiais refratários. O diretor presidente era Roberto Simonsen e o diretor industrial, Armando de Arruda Pereira. VERONESI, Henry, História de vida e História vivida (a casa, a rua, a fábrica). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 4, p. 24-30, jan. 1991, p. 30.
- 6 Todos os ladrilhos que apresentavam defeitos de fabricação eram descartados e enterados no chamado "Buraco da Cerâmica", aproveitando as inúmeras crateras que se originaram da extração de argila, matéria-prima existente no local, e que acabou sendo fator decisivo para a construção dessa indústria pioneira em São Caetano. BOTTEON, Mário. No tempo dos ladrilhos de cimento. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 1, p. 13, jul. 1989.
- 7 Na década de 1920, existiam em São Caetano diversos clubes recreativos, entre eles o São Caetano Esporte Clube, o Ideal, o Monte Alegre, o Cerâmica, que praticavam o futebol, pingue pongue (o mais popular esporte de salão da época) e que desenvolviam, também, interessantes atividades culturais em seus palcos, particularmente a montagem de peças teatrais, que atraíam sempre grande número de afeiçoados. GRIGOLETTO, Gisberto. Clubes recreativos. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 4, p. 58-60, jan. 1991, p. 58.
- 8 O Clube Cerâmica foi fundado em 13 de maio de 1925, ficava na Rua Pandiá Calógeras, no Bairro São José. Teve sua época de glória, com grandes e famosos carnavais, festas juninas e shows. O clube surgiu em consequência das festas, atividades esportivas e sociais que ocorriam na Cerâmica São Caetano. MACHADINHO, Saudades!... In: ORTEGA, Cristina. *São Caetano em crônicas*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, p. 105-108, out. 2018, p. 105.
- 9 O Espaço Verde Chico Mendes foi inaugurado no dia 4 de março de 1989 no Centro de Lazer, Esportes e Recreação Senador José Ermirio de Moraes, cuja inauguração ocorreu em 1988 na área que ficou conhecida como Buraco da Cerâmica.
- 10 O Grupo Escolar Roberto Simonsen foi inaugurado em 18 de fevereiro de 1956 em homenagem à data natalícia do senador Roberto Simonsen. O prédio foi construído pela Prefeitura Municipal na Estrada das Lágrimas, nº 531, em terreno doado pela Cerâmica São Caetano S/A. Além do terreno, a Cerâmica São Caetano doou também todo o material de construção por ela fabricado. Memória Fotográfica. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 58, jul. 1994.
- 11 Aos 72 anos, Helenice permanece na ativa: é merendeira concursada na Emef Luiz Olinto Tortorello, no Bairro Cerâmica, há 21 anos.
- 12 Em 1920, Victorio Dal'Mas montou a indústria Fábrica de Cola Dal'Mas, que produzia adubos em geral, e diversos outros produtos químicos. VERONESI, Henry. História de vida e História vivida (a casa, a rua, a fábrica). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 4, p. 24-30, jan. 1991, p. 30.
- 13 João Dal'Mas nasceu em 1918, filho de Victorio Dal'Mas e de Antonia Braido Dal'Mas, em São Caetano do Sul. Ainda menino, junto do pai, trabalhou na Indústria Victorio Dal'Mas & Filho e, posteriormente com os irmãos, continuou como diretor da Dal'Mas S.A. Indústria Agro-Química Brasileira. Faleceu em 15 de julho de 1992. VERONESI, Henry, artigo citado.
- 14 Em 1986, o então vice-presidente da General Motors do Brasil, André Beer, cria o Clube dos 30, com o objetivo de proporcionar às pessoas da terceira idade um espaço com sua linguagem dentro dos clubes da GM. Os programas reúnem esporte, recreação, cultura, lazer, saúde, além de cursos e palestras, sempre sob a supervisão de professores e instrutores especializados. A GM foi pioneira no mundo, entre as montadoras, a manter um espaço específico da terceira idade dentro de um clube social. FIGUEIREDO, João Sperate. ADC General Motors: ponto de encontro da família GM. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 42, p. 13-19, dez. 2010, p. 16.
- 15 Clube dos 30, do qual participam pessoas que tenham 30 anos ou mais de dedicação à General Motors. Entre seus integrantes, há os que continuam na ativa e os aposentados. A empresa incentiva esse clube não só pelos valores nele embutidos, mas pela consciência de ter uma participação considerável na vida de cada um. Toda última quinta-feira do mês é promovido um encontro para que os participantes se confraternizem. Anualmente também é realizado um evento para que novos membros sejam admitidos e, assim, reforcem seus laços com o trabalho, com os colegas e com a empresa. FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL. *General Motors do Brasil e de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.
- 16 Com a interrupção do subsídio fornecido pela GM para a manutenção do Clube dos 30, os membros se organizaram para manter a agenda de eventos e de atividades de lazer pela entidade, que passou a ser denominada Associação Amigos Trintenarios.
- 17 Em contraposição à Matriz Velha, como passou a ser conhecida a Paróquia São Caetano, no Bairro da Fundação, após a construção da Igreja Sagrada Família, situada na Praça Cardeal Arcoverde, no Centro.
- 18 Padre Eúzio Gislimberti apoiou a formação das novas igrejas nas décadas de 1940 e 1950. A construção da Igreja Sagrada Família foi concluída graças aos esforços do pároco. Nascido em 13 de janeiro de 1914, o sacerdote chegou a São Caetano como coadjutor do padre Alexandre Grigolli na Matriz Nova. Trabalhou em diversas paróquias antes de assumir, com o retorno de Grigolli à Itália, a direção do templo hoje situado na Praça Cardeal Arcoverde. (...) Foi deslocado, pelos superiores, para diversas partes do Brasil. Terminou, contudo, por retornar a São Caetano, onde faleceu em 9 de setembro de 2000. Seu corpo está enterrado na Igreja Sagrada Família. RUSSO, Alexandre Toler. *Caminhos da Fé. Itinerário dos tempos religiosos de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004, p. 24.
- 19 Natural de Cordeirópolis (SP), Paulo Campo Dall'Orto (1915 - 1993) foi vigário da Paróquia Sagrada Família. Recebeu o título de Cidadão Sul-Saocaetano em 2000. Seu corpo está enterrado na Igreja Sagrada Família. RUSSO, Alexandre Toler. *Caminhos da Fé. Itinerário dos tempos religiosos de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004, p. 24.
- 20 Movimento católico brasileiro criado em 1936 para atrair maior participação masculina na igreja. Consiste em grupos de homens que rezam o terço semanalmente, geralmente em suas paróquias ou centros comunitários.

Eliane Parmezani

é jornalista, formada pela Faculdade Cásper Líbero. Especialista em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Educação e Jornalismo Literário (ABJL). Em mais de 20 anos de carreira, já passou por redações de revistas noticiosas e temáticas de segmentos diversos. É servidora da Prefeitura de São Caetano do Sul desde 2017, atualmente lotada na Secretaria Municipal de Cultura.

Vanda e Vilma, as gêmeas da Rua Urupema

Maria Angélica Ferrasoli



As gêmeas em
foto da década
de 1950



Acervo/Família Sasso

As moças que chamavam tamanha atenção e, involuntariamente, brilhavam como espelhos refletidos chegaram a São Caetano do Sul no início dos anos 1950, quando a cidade possuía ainda muitos terrenos vazios, casas amplas com jardins na frente e uma próspera indústria de transformação, entre elas a cerâmica. Tinham 15 anos e vinham de uma pequena cidade do interior paulista, Cajobi, localizada no noroeste do estado, a cerca de 430 km da capital.

Vinham, como muitos, em busca de emprego. Em Cajobi tinham trabalhado na colheita de algodão e

Elas eram jovens, lindas e simpáticas. E, melhor ainda: eram exatamente iguais. Vilma e Vanda Sasso, as gêmeas da Rua Urupema, na então Vila Paula (hoje Bairro Oswaldo Cruz), faziam sucesso por onde passavam, despertando a curiosidade de muitos e causando confusões por sua semelhança – algumas, bem divertidas; outras, nem tanto...

café e concluído o curso primário, e parte da família, numerosa, já estava na labuta em São Caetano e proximidades há mais de um ano. A irmã mais velha, Neca (Maria Sasso), tinha passado pela Porcelana Real, em Mauá, e pela Kibon, em São Paulo, e, à época, era servente de café na Arno, também na capital paulista. E o irmão, Neno (Domingos), aprendia a fazer pães como empregado na Padaria Marchigiana, no recém-batizado Bairro da Fundação (anteriormente, Bairro da Ponte).

“Nós chegamos em 1954, e comemoramos nosso aniversário em São Caetano (em 4 de maio). Tinha poucas casas, era tudo mato. As crianças iam no rio na Tijucussu pegar peixinhos com uma peneira”, recorda Vilma. “Era bem diferente de Cajobi, não tinha muita coisa, andávamos até o Bairro Barcelona e era tudo barro, rio e mato, sem casas”, acrescenta Vanda (as entrevistas com as gêmeas foram feitas separadamente, em datas e locais diferentes). Inicialmente, foram morar na Rua Lemos Monteiro, mas logo o pai conseguiu vender os bens no interior, e a família comprou a casa na Rua Urupema, nº 24.

O que já era uma sensação desde o início da vida delas na pequena Cajobi tornou-se então cotidiano para as adolescentes: a surpresa dos novos vizinhos e amigos sul-são-caetanenses pela imensa similitude, característica que as moças adoravam reforçar, pois usavam vestidos e sapatos de modelos idênticos, faziam os mesmos penteados, colocavam brincos, colares e broches iguais. No começo, tinham até emprego nas mesmas empresas, iam a passeios, quermesses e bailinhos sempre juntas. O mesmo tom de voz, os gestos repetidos. Como diferenciá-las?

Surpreender, porém, foi prerrogativa das gêmeas desde a origem: numa época em que filhos gêmeos eram acontecimentos raros e imprevisíveis, quando não havia inseminação artificial, ultrassom ou mesmo pré-natal, descobre-se que elas vieram ao mundo com pou-

cos minutos de diferença (Vanda é cinco minutos mais velha) durante um passeio da mãe até Vila Paraíso, na cidade de Pirangi (SP). Um nascimento com data e resultado totalmente inesperados, pois a família não tinha conhecimento do parto próximo e aguardava apenas mais um integrante, e não dois.

Para diferenciá-las e saber qual havia mamado ou tomado remédio, por exemplo, a mãe colocava nas bebês pulseirinhas de cores diferentes, conta Vanda. Mas, em pouco tempo, até mesmo a matriarca, Cida (Aparecida Garletti Sasso), teve de se render. Um episódio marcante é relatado por Vilma. “Nunca contei isso para ninguém. Mas uma vez minha mãe me disse que, no nosso batizado, um dos padrinhos não pôde comparecer, e uma de nós precisou ser batizada em outro dia. E minha mãe ficou sem certeza se nesse outro dia mandou mesmo a gêmea certa”, revela.

Como a família sempre foi religiosa, a dúvida deve ter angustiado Cida por muito tempo, mas ela mesma pôde comprovar que a troca, se ocorreu, era plenamente justificável e se repetiria muitas e muitas vezes. Por exemplo, quando dizia: “Vanda, vai fazer tal coisa” para Vilma, que então chamava Vanda para executar a tarefa, mas acabava levando bronca: “É você mesma!”, insistia Cida, já sem o recurso das pulseirinhas. Precavido, o pai (Chico Sasso) comprava remédios em dobro quando uma delas adoecia, pois sabia que em breve o mesmo aconteceria com a outra.

Na escola de Cajobi, as gêmeas dividiam amigas e professores, eram chamadas para participar das solenidades (como entregar flores na formatura ou declamar versinhos) e só não confundiam mesmo os irmãos. Na segunda série, Vilma repetiu de ano, mas a ameaça de separação durou pouco: Vanda repetiu a terceira série e voltaram a ficar juntinhas. Se foi de propósito? As duas desconversam.

Questionadas sobre a exigência que se autoimpunham para serem iguais, ambas se recordam que, na formatura da escola, o padrinho de Vilma deu a ela um corte de tecido, que usaram para fazer roupas idênticas. O padrinho de Vanda, porém, ofereceu um broche: e o que fazer com o acessório, se não valia para as duas? Na memória da primeira, o broche não chegou a ser aproveitado; na de Vanda, a irmã Neca conseguiu encontrar um igual para que ambas pudessem usá-lo. Elas fazem questão de afirmar – e com muito orgulho – que simplesmente não admitiam a diferença, por menor que fosse. “Uma vez tivemos sapatos com um laço diferente e não deu certo, a que não tinha o laço reclamou, e meu pai acabou arrancando”, lembra Vilma.

Quando vieram para São Caetano, as gêmeas deixaram para trás as amigas, a casa com um quintal repleto de árvores (uvas, pinhas, laranjas), o comércio do pai (ele fazia canecas e outros utensílios com lata e ia vender nos sítios próximos; depois foi proprietário de bar que reunia amantes de

jogos, como carteadado e bocha), as bonecas feitas com espigas de milho. Algum tempo antes de virem, chegaram a escrever uma carta ao então presidente da República, Getúlio Vargas, pedindo que custeasse a continuidade de seus estudos. Mas, apesar da resposta positiva, o plano não foi adiante.

“Ele (o presidente) respondeu que custearia o estudo para nós duas, mas seria preciso pagar a jardineira também, porque a escola ficava em Olímpia (cidade próxima), e meu pai não podia nos levar”, explicam. A chegada a São Caetano, portanto, marcou para elas o fim da infância e o começo da adolescência, o ingresso nas fábricas, como operárias, e em uma nova comunidade, bem diferente daquela em que viviam em Cajobi.

No início, foram trabalhar em Mauá, na Porcelana Real, cidade onde viviam os parentes do lado materno e se hospedaram. Vanda fazia o cabo das xícaras, e Vilma as lixava, mas o trabalho acabou durando menos de um mês, pois arrumaram outro em São Caetano, na Porcelana Santa Maria. Estabelecidas no município, já na Rua Urupema, a popularidade das gêmeas começou a crescer, e eram constantes as confusões com os novos vizinhos, amigos e até mesmo pretendentes.

Se em Cajobi todos já as conheciam – mais que Vanda e Vilma, elas eram “as gêmeas” –, na nova cidade as “trocas” eram inevitáveis. Às vezes, como ainda hoje costuma acontecer, apesar de já não se parecerem tanto nem vestirem roupas idênticas,

Vilma era cumprimentada como sendo Vanda – e respondia. Ou Vanda levava uma chamada de alguém que não conhecia, pois pensava que ela era Vilma e estava fazendo desfeita. Todas as situações valendo em vice-versa.

É desse período da juventude que elas trazem as recordações mais engraçadas que, muitas décadas depois, ainda arrancam risos das duas. Sempre que podiam, iam a bailinhos nas casas de amigos e conhecidos próximos. E, contam que, após as danças, era comum ter o “bis”, que é quando se baila novamente com o par da dança anterior. Invariavelmente um desses pares se atrapalhava e, mesmo tendo dançado com Vanda, ia pedir o bis para Vilma, ou (de novo) vice-versa. Elas, claro, aceitavam: por que não dançar com dois rapazes? Essa é a única trapaça que confessam ter feito para aproveitar a semelhança: nada de se passar por outra na escola ou no trabalho, garantem. Mas tornam a rir...

Essa fama tão merecida fez com que, em certo dia, batesse ao portão da Rua Urupema, número 24, um rapaz que se identificou como representante de uma rádio local. Queria apresentar as gêmeas a seu público e, muito provavelmente, destacar a imensa aparência. Embora tenha conseguido os dados das moças e até checado a documentação para comprovar que eram duas, não conseguiu seu intento. O velho Chico Sasso proibiu a exposição, e com as decisões dele não se podia negociar.

Amor em dose dupla - As gêmeas adolescentes logo formaram seu grupo de amigas e amigos, com quem se encontravam aos finais de semana. Um dos passeios que faziam era até a capelinha de Nossa Senhora Aparecida, no Bairro da Pauliceia, em São Bernardo, também conhecida como “capelinha da Record”, por ficar perto de uma torre da emissora. Havia ainda bailinhos, quermesses, jardins. Muitas vezes também caminhavam em grupo em direção a seus trabalhos, pois transporte público era raro e precário.

Num desses bailinhos, na casa de uma amiga, Vanda conheceu Alício Paulucci, um ano mais novo do que ela. Ele trabalhava como encadernador gráfico na empresa Poliprint, na Rua Baraldi, e logo a pediu em namoro. A resposta foi, no mínimo, curiosa: um *não* – e não porque desgostasse dele, mas apenas porque a irmã Vilma não tinha namorado! Só que não demorou muito e Vilma encontrou seu primeiro amor: uma amiga apresentou-lhe o irmão, José Alonso Filho, que trabalhava numa empresa de mangueiras no Belenzinho, em São Paulo. Numa quermesse, começaram o namoro.

Também na quermesse Alício reencontrou os três, e não perdeu a oportunidade de dizer a Vanda que agora Vilma já tinha namorado. O resumo da história é que pouco tempo depois eles formavam dois jovens e belos casais, vigiados de perto pela irmã Neca, que, relatam, não dava moleza para ficarem



Foto tirada por ocasião do casamento de Vilma e José Alonso Filho, no dia 16 de dezembro de 1961, na Paróquia Nossa Senhora da Candelária



Com apenas duas semanas de diferença em relação à data de casamento de Vilma, foi realizado o matrimônio de Vanda e Alício Paulucci, também na Paróquia Nossa Senhora da Candelária. Foto de 30 de dezembro de 1961

a sós. Como José já conhecia a família Sasso, namorava na varanda e entrava na casa da Urupema, enquanto Vanda e Alício, segundo este último, ficavam no portão – uma memória que não é consensual entre o casal. De qualquer forma, a rígida disciplina de namoro valia para ambos os rapazes, que tinham que ir embora no horário determinado pelo patriarca – e sem reclamar.

Só uma vez, contam, houve uma pequena confusão entre os quatro na hora do encontro. Alício se aproximou de Vilma achando que era Vanda, mas ela se afastou e ele percebeu o erro. Muito confusos, mesmo, devem ter ficado os funcionários do hotel Continental, em Poços de

Caldas, Minas Gerais, onde os casais passaram a lua de mel com duas semanas de diferença, no mês de dezembro de 1961. “Eles me disseram que há poucos dias uma moça muito parecida comigo tinha se hospedado ali com outro noivo”, lembra Vanda.

Elas só se casaram em dias diferentes porque havia a superstição de que uma poderia “roubar” a felicidade da outra, e também porque Alício não gostou da ideia. Vilma se casou em 16 de dezembro e Vanda no dia 30 de dezembro. Os casamentos aconteceram na igreja da Candelária, ambas com o mesmo penteado, o vestido e os sapatos iguais, e só os noivos fazendo diferença. Embora tenha se casado

primeiro, no dia do casamento da irmã, Vilma voltou a se arrumar como noiva para as muitas fotos em que, mais uma vez, elas parecem espelhos refletidos.

O casamento foi um divisor de águas na vida das gêmeas. No cenário em que reinavam absolutas desde o útero, duas outras pessoas, de temperamentos e visões diferentes, ganharam espaço: os maridos. A primeira surpresa para Vilma foi quando Vanda voltou de Poços de Caldas: vinha com os cabelos cortados; ou seja, estavam fisicamente diferentes. Vanda diz que foi decisão sua, e não do marido, embora ele discorde. Meses depois, Vilma ficou grávida, e as roupas de gestante também contribuíram para diferenciar o vestuário. As gêmeas estavam iniciando uma nova etapa da vida com seus parceiros, mas nem assim deixavam de estar juntas: foram morar na mesma Rua Urupema, no quintal da casa paterna, e se falavam todos os dias.

Antes de se casarem, lembram, já tinham enfrentado uma primeira separação, mas sem grandes consequências. Ao completarem 18 anos, foram demitidas da Porcelana Santa Maria. À época, o salário aumentava com a maioridade, e os patrões preferiam demitir a pagar. A rescisão, assim como acontecia com o pagamento mensal, foi direto para o pai das moças. Vanda encontrou, então, trabalho na Adria, onde já trabalhava a irmã Neca, e Vilma foi para a fábrica de chocolates Pan. Mas, quando anunciaram os casamentos, am-

bas perderam os empregos, pois a maioria das empresas discriminava mulheres casadas.

Seus filhos - De Vilma uma menina, Rita, e de Vanda um menino, Rogério – nasceram com sete meses de diferença. Vilma seguiu trabalhando com a venda de retratos pintados; Vanda arrumou emprego numa fábrica de pintura de louças perto da estação de trem de São Caetano, mas saiu quando se tornou mãe (ela teve mais dois filhos, Rui e Adriana). Como Vilma continuou trabalhando, ajudava a cuidar da sobrinha. Anos mais tarde, ela e o marido decidiram se mudar para outra cidade, Mauá, para construir a casa própria e facilitar a vida de Alício, que trabalhava em Ribeirão Pires.

A separação, dessa vez, foi dura. “Foi a primeira vez que ficamos longe, fiquei triste”, afirma Vilma, que chegou a acompanhar a mudança da irmã e não passou bem naquele dia. Com a distância, já não podiam se ver ou falar diariamente. Mas Vilma e José se uniram a Neca, já então casada, e decidiram comprar um terreno na mesma rua em que Vanda morava – Rua Antônio Loro, no Parque São Vicente, em Mauá. Ali começou novamente a grande confusão de amigos, vizinhos e conhecidos, pois, mesmo vestidas de maneira diferente, continuavam muito parecidas. Havia, também, uma grande sintonia entre elas, e aos finais de semana combinavam os cardápios e era possível começar o almoço na casa de uma e ter-



As gêmeas Vilma (à esquerda) e Vanda em foto atual

minar na de outra, com receitas e pratos iguais.

Quando a família de Vanda se mudou mais uma vez, para Jacareí (São Paulo), seus filhos mais velhos ficaram na casa de Vilma para concluir o ano escolar. Mas a família voltou, e rapidamente a rotina de conversas e encontros das gêmeas retomou seu curso, que segue fluido. De vez em quando, como têm diferenças de personalidade, algumas briguinhas rondam as gêmeas, mas absolutamente nada que as distancie. Discutem de mãos dadas, sorriem uma para a outra, fazem cursos e até viajam juntas sempre que podem nesses dias de maturidade. Quase toda semana, voltam para São Caetano, onde ainda têm amigas e mora a filha de Vilma: fazem aulas de crochê, arte que dominam com excelência, mas estão sempre aprimorando.

“Um dia eu disse para a Vanda que a gente deveria morrer juntas, porque nascemos juntas. Esse é mesmo meu desejo”, afirma Vilma, convicta. A resposta

de Vanda foi comedida: “Isso só Deus é que sabe, né?”. O fato é que, após 86 anos de vida em comum (sem contar os nove meses de gestação), os caminhos cruzados construídos por Vanda e Vilma continuam iluminando as gerações seguintes da família – as gêmeas da Rua Urupema seguem fazendo sucesso e espalhando a beleza de uma imensa amizade fraterna, que ultrapassa o tempo e redimensiona seu sentido.

P.S: Para não correr o risco de desagradar as gêmeas, uma brincadeira: os nomes de ambas são citados no texto em número exatamente igual: 31 vezes cada.

Maria Angélica Ferrasoli

é jornalista e escritora. Formada em Jornalismo, tem pós-graduação em História e mestrado em Comunicação. Desenvolve trabalhos na área de história oral e memória e jornalismo investigativo, com destaque nos impactos da ditadura civil-militar sobre a classe trabalhadora brasileira. Possui premiações nas áreas jornalística e literária e três livros infantis publicados (*A Cueca do Papai*, *Caixa de Palavras* e *Waldemar Relojoeiro*), além de ter lançado recentemente o seu primeiro trabalho de contos, *Rexistências*.

O mais autonomista dos autonomistas!

João Tarcísio Mariani

Acervo/FPMSCS



O líder autonomista Mário Porfírio Rodrigues no momento em que depositava o seu voto na urna, durante o plebiscito de 24 de outubro de 1948

No princípio, era a Palavra e a Palavra era Deus. Tudo foi feito por meio da Palavra e sem ela nada foi feito do que existe. Na Palavra, estava a vida e a vida era a luz dos homens. Veio um homem, enviado por Deus. Ele veio a fim de dar testemunho da luz. Ele não era a luz, mas veio como testemunha.

Na Bíblia, a luz é Jesus Cristo; o homem que veio como testemunha da luz era João Batista. Para São Caetano do Sul, o testemunho da luz da autonomia também veio por um homem e pela palavra, falada e escrita, dele. Esse homem era Mário Porfírio Rodrigues.

Queridos amigos e, especialmente, cidadãos e habitantes desta cidade: saibam todos que São Caetano do Sul só existe municipalmente porque, um dia, um jovem motivou alguns amigos, jovens como ele, para juntos buscarem uma forma de transformar em município um abandonado subdistrito de Santo André.

O jovem sonhador, mas, acima de tudo idealista, Mário Porfírio Rodrigues, nascido em 20 de outubro de 1925, em Ribeirão Claro, norte do Paraná, veio para São Caetano com 5 anos de idade. Começou a trabalhar aos 8 anos e a delinear a figura de autêntico líder aqui, onde gravaria definitivamente o seu nome na história da cidade, à qual dedicou todo o seu esforço, todo o seu idealismo e toda a sua vida.

Ninguém contaria melhor do que o próprio Mário Porfírio o

O jovem sonhador, mas, acima de tudo idealista, Mário Porfírio Rodrigues, nascido em 20 de outubro de 1925, em Ribeirão Claro, norte do Paraná, veio para São Caetano com 5 anos de idade. Começou a trabalhar aos 8 anos e a delinear a figura de autêntico líder aqui, onde gravaria definitivamente o seu nome na história da cidade, à qual dedicou todo o seu esforço, todo o seu idealismo e toda a sua vida.

início de sua trajetória de luta pela nossa autonomia. Eis, portanto, nas palavras dele, como tudo começou:

Os anos de 1944, 1945 e 1946 foram marcantes. Vários jovens sancaetanenses, ávidos por ampliar seus parcos conhecimentos, e como trabalhassem durante o dia, tomavam diariamente o trem das 19h45 para ir estudar em São Paulo, retornando por volta das 23 horas. Durante as viagens, conversavam sobre São Caetano onde, nessa época, havia somente três grupos escolares e uma escola particular de datilografia.

Não existiam escolas secundárias, como também não havia água encanada, esgoto, rua, calçada, hospital e nem mesmo um único jardim público. Desde que os bravos imigrantes italianos chegaram aqui, em 28 de julho de 1877, haviam se passado quase 70 anos, e

o que conseguimos foi apenas ser um subdistrito de Santo André. Assim, já com as várias indústrias importantes aqui instaladas, a ótima arrecadação da cidade era aplicada em melhoramentos na sede do município (Santo André).¹

Não é nossa intenção nesta homenagem ao Mário Porfírio falar sobre a biografia dele, já amplamente divulgada pela mídia por ocasião do seu falecimento, em 12 de janeiro de 2025. Como resumo de seu extenso currículo, damos a seguir um breve relato:

Mário Porfírio Rodrigues cursou Administração e Gerência na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Trabalhou como diretor comercial da Chocolates Pan, diretor da Chocolate Dulcora S/A, gerente geral da Ferros Elétricos Tupy e superinten-



Mário Porfírio Rodrigues (à esquerda) e Luiz Rodrigues Neves, companheiros na luta em prol da autonomia política de São Caetano. Foto do final da década de 1940

dente do Patrimônio Imobiliário da Eletropaulo S/A. Foi fundador e membro do Rotary Club de São Caetano e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo (Algrasp). Recebeu os títulos de Cidadão Sul-São-Caetanense, da Câmara Municipal, e de Professor Emérito, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs).

Por ocasião do falecimento de Mário Porfírio, tivemos a oportunidade de conversar com um dos grandes amigos dele, o sociólogo e historiador José de Souza Martins; sem dúvida, o maior memorialista de São Caetano e do Grande ABC, que assim se manifestou sobre Mário Porfírio:

Mário foi provavelmente o único que fez da autonomia uma questão social e não uma questão pessoal, embora tenha sido a pessoa dedicada por inteiro à concretização da autonomia, para que a população de São Caetano pudesse ter e administrar os meios para viabiliza-

ção das medidas necessárias à solução das graves carências de uma localidade economicamente rica, que era socialmente pobre.

Dos meus muitos conterrâneos, Mário foi o mais sul-são-caetanense dos sul-são-caetanenses. Não houve causa de interesse urgente da população de São Caetano do Sul que ele não perfilhasse com interesse e dedicação, apoiasse, ajudasse. No meu modo de ver, foi o mais autonomista dos autonomistas. Ele se dedicou à causa durante a campanha e pelos muitos anos que se seguiram à formalização da autonomia, em 1948. Ele morreu batalhando pela memória do fato mais importante e civilizado da nossa história. Ele é o meu herói simbólico de São Caetano, o monumento que ainda não lhe foi erguido, além de ter sido grande e exemplar amigo.

Vamos ressaltar duas frases do professor Martins. A primeira: “O Mário morreu batalhando pela memória da nossa história!”. Ela nos per-

mite registrar que, em prol da memória, Mário Porfírio Rodrigues, juntamente com Oscar Garbelotto, criou o Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama), em 30 de abril de 2013.

Nós, do Gama, participamos do último ato da luta pela preservação do feito de 1948 e desfrutamos do legado inestimável deixado por Mário Porfírio. A nós nos cabe continuar com o mesmo ardor dele e empunhar a bandeira da dedicação incondicional ao bem comum.

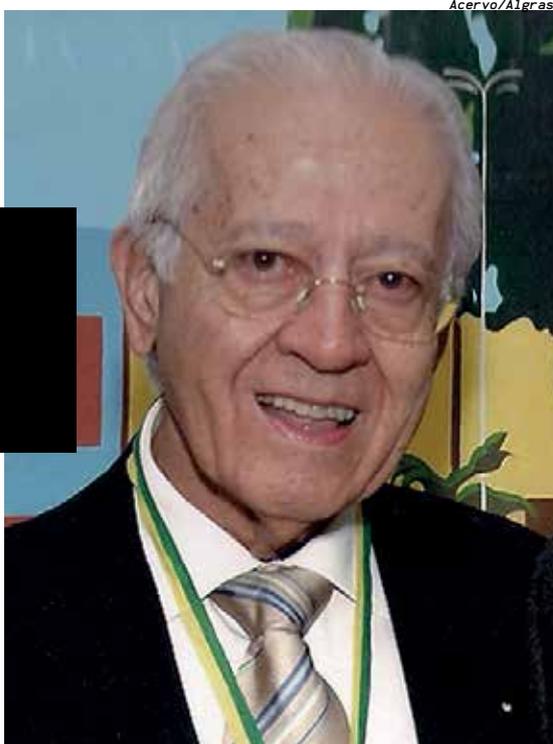
A segunda frase do professor José de Souza Martins: “Ele é o meu herói simbólico de São Caetano!”. Essa frase nos lembrou que, anos atrás, no concurso de redações sobre a autonomia, para alunos da rede municipal de ensino fundamental, uma das redações premiadas tinha o título: *Os verdadeiros heróis!*. A aluna autora da redação escreveu que as pessoas não percebem que os verdadeiros heróis realmente existem, mas não usando uma

Mário Porfírio Rodrigues,
na Academia de Letras
da Grande São Paulo
(Algrasp): cadeira nº. 8
de Monteiro Lobato



capa ou algo do tipo. Os heróis se destacam na sociedade pelas atitudes e a força de vontade de lutar pelo que desejam e sonham. A aluna relacionou todas as dificuldades que os autonomistas tiveram para conquistar a emancipação de São Caetano e finalizou: “Viram como um herói não precisa de superpoderes para melhorar e até salvar a vida de alguém? Que a união é uma grande arma nessa batalha e que se todas as pessoas se ajudarem tudo é possível? Para São Caetano os nossos grandes heróis foram os autonomistas!”.

Conclusão: tanto uma aluna do ensino fundamental quanto um expoente como o professor José de Souza Martins classificam Mário Porfírio Rodrigues como o herói que chegou a uma localidade pobre e a transformou, com sua vida e sua obra, na cidade pujante que temos! Obrigado, Mário Porfírio, por tudo o que devemos a você como cidadãos e como cidade! Gratidão a Deus por nos ter conce-



Acervo/Algrasp

Acervo/Gama



Primeira reunião do Gama, em 30 de abril de 2013. Em pé, a partir da esquerda, Oscar Garbelotto, Ivo Pellegrino, Domingos Glenir Santarneckchi, João Tarcísio Mariani e Humberto Domingos Pastore. Sentados, Mário Dal'Mas (à esquerda) e Mário Porfírio Rodrigues

dido o privilégio de poder compartilhar da excelência de uma criatura fundamental para São Caetano e que mereceu retornar ao seu Criador, que o recebe em seus braços com a certeza de que a criatura honrou o Criador!

É nosso propósito como cidadão, é o objetivo primordial do Gama, e deve ser também a bandeira a ser empunhada por São Caetano jamais esquecer o seu herói: Mário Porfírio Rodrigues!

Nota

¹ RODRIGUES, Mário Porfírio. Participação popular marcou o surgimento do movimento autonomista. *Raízes*, São Caetano do Sul, Edição Especial, p. 59-64, out. 1998, p. 59.

João Tarcísio Mariani

é membro da diretoria do Museu Sagrada Família - Catequese e Arte e do grupo de Educadores da Fé - monitores do Museu. É também membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama).

QUEM FOI?

Cardeal Arcoverde

Em 1914, o conclave que elegeu o Papa Bento XV teve grande destaque na imprensa brasileira: era a primeira vez que um clérigo brasileiro participava do Colégio de Cardeais – e, como os demais participantes, tornava-se um concorrente ao papado. Esse clérigo era o Cardeal Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro, que também seria lembrado pelos esforços para que Nossa Senhora Aparecida fosse oficializada Padroeira do Brasil – o que ocorreria em 1930.

Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti nasceu em Cimbres (PE), no dia 17 de janeiro de 1850. O nome Arcoverde era oriundo da avó materna, indígena tabajara, filha do cacique Arcoverde. Com apenas 13 anos de idade, ele começou a se preparar para o sacerdócio, ingressando em um seminário de Cajazeiras, na Paraíba. Três anos depois, já seguia para Roma para estudar teologia.

Formado pelo Pontifício Colégio Pio Latino-Americano de Roma, ordenou-se sacerdote em 4 de abril de 1874. Foi professor de filosofia e reitor do Seminário de Olinda, além de ter lecionado francês em Recife. Em 1890, sagrou-se bispo de Goiás. Dois anos depois, foi designado bispo auxiliar de Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, arce-



Cardeal Arcoverde em foto da primeira metade do século passado



Credito/Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Arcoverde_de_Albuquerque_Cavalcanti



Arquivo/FPMS

Praça Cardeal Arcoverde em foto da década de 1950



bispo de São Paulo. Com o falecimento dele, foi nomeado seu sucessor, tomando posse em 30 de setembro de 1894.

Com uma trajetória episcopal já consolidada, foi elevado a arcebispo metropolitano do Rio de Janeiro pelo Papa Leão XIII em 24 de agosto de 1897, tomando posse no dia 31 desse mês. Em 1905, por ocasião de sua nomeação cardinalícia, tornou-se o primeiro cardeal brasileiro e da América Latina. Dom Joaquim Arcoverde de Al-

buquerque Cavalcanti faleceu na Sexta-Feira Santa de 1930.

Em 1950, ano do centenário de seu nascimento, o governo brasileiro promoveu um grande festejo comemorativo, em um gesto de admiração e de respeito à memória do cardeal. Em São Caetano do Sul, essa memória encontra-se perpetuada, visto que uma das principais praças da cidade, onde se localiza a Matriz Sagrada Família, leva o seu nome: Praça Cardeal Arcoverde.

Bengala Azul:

uma torcida de futebol diferente, exemplar e disciplinada que encantou o Brasil e tem uma história de mais de 30 anos para ser contada

Luiz Domingos Romano

Em São Caetano, existe uma torcida de futebol diferente, que encantou o país e tem uma história de mais de 30 anos para ser contada. Vamos conhecê-la?

Tudo começa com a fundação de uma nova equipe de futebol profissional na cidade: a Associação Desportiva São Caetano (A.D. São Caetano), em 4 de dezembro de 1989, com a alcunha de “o Azulão do ABC”.

Em 1990, a equipe do Azulão começa a disputar jogos de campeonato de futebol profissional. Realiza os seus jogos no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Com o decorrer dos jogos do Azulão, um grupo de torcedores, amigos da velha guarda, começa a se encontrar e frequentar assiduamente as partidas e os treinos no estádio. O objetivo principal era incentivar e apoiar o novo time de futebol que surgia na cidade.

Os jogos foram acontecendo, e o grupo de torcedores foi aumentando e se empolgando com

o crescimento do time do Azulão nas competições. Esses torcedores acabaram ganhando um espaço reservado no centro do Estádio Municipal Anacleto Campanella para assistir aos jogos.

O pontapé inicial forado - Surge, então, a ideia de se criar uma torcida. E que teve o apoio e incentivo do prefeito da cidade à época e dos dirigentes do clube.

E agora? Que nome dar para a torcida? - Surgem inúmeras sugestões bem-humoradas: Pé na Cova, INSS, Velha Guarda e outras. Mas veio de um torcedor, Armando Romano, que andava com uma bengala de madeira pintada na cor azul, o nome definitivo: “Bengala Azul”, aprovado pelos integrantes da torcida. Essa bengala está guardada com a família do torcedor. A partir da escolha do nome, a torcida começa a ter vida própria. Cria o seu estatuto e inicia a nomeação de seus asso-

ciados. Agora esse grupo, já como torcida organizada, passa a acompanhar os jogos do Azulão na capital e no interior do Estado de São Paulo, com faixas e bandeiras. Passa a ser conhecida nos estádios de futebol, como uma torcida exemplar, disciplinada e com o intuito principal de fazer amizade com as torcidas adversárias.

Nova data de fundação - Devido às exigências da Polícia Militar de São Caetano do Sul, do Estado de São Paulo e da Federação Paulista de Futebol, a Bengala Azul foi obrigada a tornar-se uma torcida oficial, com seu CNPJ, endereço e novo registro de fundação, passando a ser 13 de janeiro de 1998. Montou a sua diretoria e nomeou como presidente Agostinho Folco, um dos fundadores da torcida.

Os anos foram passando, o time do Azulão foi despontando no cenário esportivo do Brasil e da América do Sul, conquistando muitas vitórias e títulos

importantes, e a Bengala Azul cresceu ainda mais na mídia esportiva nacional e internacional.

Essa é uma pequena história de uma grande torcida respeitada por todos.

Palavra do presidente...

Fala, Agostinho! - Ele comenta, com muita alegria, os nossos encontros com os torcedores no Recanto da Bengala Azul, localizado ao lado do estádio. Esse local era o ponto de encontro das nossas reuniões, bate-papos, divertimento com jogos de dominó, cartas, etc. Agostinho Folco fala, com orgulho, da lista de mais de 300 integrantes, todos catalogados e dentro das exigências para ser associado.

Não dá para esquecer as viagens para acompanhar os jogos da A.D. São Caetano em outras cidades. Nós sempre fomos bem recebidos pelas torcidas adversárias, pelos dirigentes dos clubes e sempre com segurança. Um agradecimento especial à nossa enfermeira, Daisy Garcia. Estava sempre conosco em todos os jogos do Azulão, nas viagens pelo Brasil e fora do país. Ela carregava uma maletinha, um “kit de primeiros socorros”, para emergências. Sempre competente e muito prestativa, levava um aparelho para medir a pressão arterial e remédios específicos para a faixa etária dos nossos torcedores.

Folco relembra também o dia em que uma comitiva de turistas japoneses visitou a cidade de São

Caetano do Sul. Conheceram a A.D. São Caetano e a Bengala Azul e gostaram muito do que viram. Ao chegarem ao seu país, produziram um vídeo mostrando a nossa torcida e nos enviaram. Essa fita de vídeo está guardada em nosso memorial.

Para coroar essa nossa trajetória, nos reunimos todos os anos, no mês de dezembro, para comemorar o aniversário do Azulão, no dia 4. Esse encontro é realizado nas dependências do Estádio Municipal Anacleto Campanella. A confraternização, promovida pela Bengala Azul, conta com a colaboração de comerciantes da cidade e de dirigentes do clube. A ideia principal é reunir os integrantes dessa torcida e seus familiares, além de dirigentes do clube, integrantes de outras torcidas e convidados.

Para finalizar, Agostinho Folco diz que fica extremamente feliz, grato aos amigos e orgulhoso quando se refere à torcida Bengala Azul: “Enquanto estiver vivo e com saúde, irei me dedicar à continuidade dessa gloriosa torcida Bengala Azul; minha paixão no futebol!”

Memorial Bengala Azul

- Em meados dos anos 1990, nós, da Bengala Azul, tivemos a ideia de criar um minimuseu. O objetivo era expor a história da Associação Desportiva São Caetano e, também, a nossa história. Pensamos que o ideal é que ele

fosse localizado no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Assim, foi encaminhado um ofício à Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, solicitando um espaço dentro do estádio. O pedido foi aprovado, e o museu foi instalado no lugar cedido sob a arquibancada coberta.

Então, foram feitas algumas melhorias nesse espaço para abrigar nosso memorial. Tudo pronto! Mãos à obra para esse grande projeto; agora, só dependia de nós! E, graças à união de todos, tudo ficou pronto!

Segundo Agostinho Folco, a ideia do minimuseu começou com êxito. Teve a grande colaboração de todos os torcedores do Azulão, trazendo muitas peças para exposição. O sucesso também foi alcançado com as grandes vitórias e conquistas do clube. Hoje, esse espaço é muito visitado por alunos de escolas e faculdades. Muitos historiadores e pesquisadores vêm fazer suas pesquisas.

Ingressar em tal espaço é viajar pela história, não só da Bengala Azul, como do próprio Azulão do ABC, com suas fotografias, estandartes, camisas, troféus, jornais, revistas, faixas, bolas de grandes conquistas, presentes, etc. E todo esse grande patrimônio histórico é administrado e cuidado pelo incansável Agostinho Folco, que completou 91 anos de idade no último dia 3 de maio de 2025.

Bengala Azul, a torcida mais disciplinada do mundo

Você... Tem mais de 60 anos?
Ótimo...

Requisitos para se associar à
BENGALA AZUL

Portador de: reumatismo
crônico, tosse e não ouvir
quase nada.

Andar com dificuldades ou ter
tremedeiras.

Usar óculos, usar ponte ou
dentadura.

Não se preocupe na hora de
gritar goooolll, é só aplaudir.

Ser tremendamente teimoso.

Duas fotos 3x4 e venha
correndo (ou melhor, devagar).

Inscrições ilimitadas.

Não esquecer de trazer pai ou
mãe para assinar a autorização.

Hino da Bengala Azul

Letra e música: Dom Elias

Bengala Azul, Bengala Azul

é o xodó do Azulão

Bengala Azul, Bengala Azul

é o talismã do São Caetano

campeão

pra se inscrever

tem que ter mais de 60

vir acompanhado de pai e mãe

tem que ter tosse, dores nas

costas,

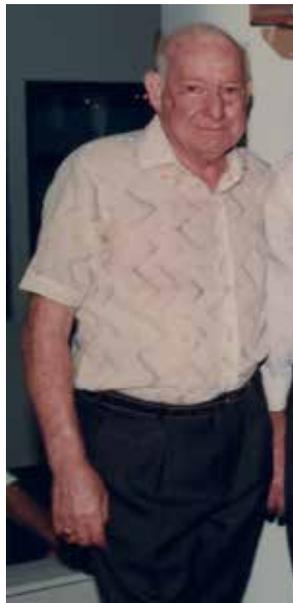
bronquite, reumatismo, ser
teimosão

a enfermeira fica por perto

se se borrar, bota o fraldão

não gritar gol, só aplaudir

pra dentadura não cair.



Acervo/Luiz Domingos Romano



Crédito/Diáspora em: <https://www.ultimadiaviso.com.br/agostinho-folco-e-a-bengala-azul-uma-historia-de-amor-e-dedicacao-pele-sao-caetano/>

Na foto à esquerda, Armando Romano, o dono da bengala de madeira pintada na cor azul que inspirou o nome da torcida

Na outra imagem, Agostinho Folco, presidente e um dos fundadores da torcida Bengala Azul. Foto da década de 1990 tirada no Recanto da Bengala Azul, ponto de encontro de seus integrantes e demais torcedores localizado ao lado do Estádio Municipal Anacleto Campanella



Acervo/Luiz Domingos Romano



Foto 03
Aspecto do Memorial



O incansável Agostinho Folco no Estádio Municipal Anacleto Campanella ostentando a bengala azul original que pertenceu a Armando Romano



Aspectos do Memorial Bengala Azul, um minimuseu criado nos anos 1990 para preservar e divulgar a história da torcida organizada e da própria A.D. São Caetano

Associados da Bengala Azul

Agostinho Folco, Adaiza Martins, Adelino Ramos de Oliveira, Ademar Ferreira de Camargo, Ademir Argentin, Ademir Azzi, Ademir Toschi Rodrigues, Adilson Antonio Gava, Adolfo Mezadri, Adolpho Takashi, Agenor Vieira da Silva, Agnaldo Merenciano, Alaide Manzato Cavinatti, Alberto Luaces, Alberto Livaces, Alcides Garcia de Oliveira, Alcides Gomes, Alcides João Launzani, Alcindo Cecílio, Aldir Cavinatti, Alício Palmeiro, Alma Leda Rocha Curalov, Altahyr Jobes da Silva, Altamiro Petreca, Alzira M. Bizaia, Ambrósio Medeiros, Amélia Navarro Fernandes, André Luiz Galenbes, André Soós, Angelina Gardarelli Picolin, Angelo Meloni, Anísio Franco, Anísio Hilário Guesse, Anselmo Diniz, Antoninho Pavani, Antonio A. Carvalhal, Antonio Acuado Navarro, Antonio Aguado, Antonio Bibiano, Antonio Carlos Batista, Antonio Carlos Francisco, Antonio Carlos Trubiani, Antonio Corrochano, Antonio D. de Oliveira, Antonio de Oliveira e Silva, Antonio Dias Duarte Netto, Antonio Eloy Rosa, Antonio Evangelista de Souza, Antonio Felisbina, Antonio Fonseca Netto, Antonio Francisco Spada, Antonio Gaeta de Aguiar, Antonio Gomes Fernandes, Antonio Guilherme dos Santos, Antonio Jobas, Antonio José dos Santos, Antonio Miguel, Antonio Mosca, Antonio Perino, Antonio Prieto, Antonio Rainha Anastácio, Antonio Rios, Antonio Romero, Antonio Saeta de Aguiar, Antonio Z. Gallo, Aparecida B. da Silva, Aparecida Barreto, Aparecida Ferreira Matarazzo, Aparecido Zaní, Apolinário de Castro, Aracy Fonseca, Araki Ituso, Archimedes Francheli, Argel M. Diaz, Ariovaldo Theodoro, Aristides Marcelli, Aristides N. Santiago, Aristides Rossi, Arlindo Tonhi, Arlindo Zamí, Armando Gazzzi, Armando Romano, Ary Sanches Fernandes, Augustinho Barcauska, Auriano Ribeiro de

Moraes, Avelino Bueno Ribeiro, Belmiro Rey, Benedicto Cepulvida, Benedicto Corrochano, Benedito Meireles, Benedito Valter Gaoldo, Bráz Antonio da Conceição, Candido Guimarães, Carlos Gerchatel, Carlos Harerzatas, Carlos Marcílio, Carlos Roberto Bucci, Carmelia Fernandes, Celso Marques Farias, Cesci Vasi, Cezar Arroio, Claudio Gullone, Claudio Pezzotti, Claudio Prieto, Claudio Roque, Cleide Fuina, Cleide Maria Matias, Cosma Luz de Souza, Dalva China, Daniel Paula Ramos, Darcio Chianha, Deise E. Jendarchiche, Dilermando Paulo Duarte, Dirce Di Buono Parise, Dorival Córnea, Douglas Ferreira, Douglas Luiz Darré, Durval Francisco Alves, Durvalino Pradella, Edison Herrera, Edna Aparecida Silva do Espírito Santo, Eduardo Servilha Carretero, Elizeu Garcia Golçalves, Elvira Fonseca, Eneas Correa Lemos, Enrique Sabo, Enrique Sabo Filho, Euclides Gava, Eugênio Serafin da Costa, Fausto Paulo Cavalheiro, Ferdinando Frattari, Fernando Bergh, Fernando Leal Baptista, Francisco Rodrigues Martines, Francisco G. de Mendonça Filho, Francisco José do Carmo, Francisco Juarez, Francisco Matarazzo, Francisco Olímpio Dantas, Francisco Rodrigues, Francisco Rodrigues de Sousa, Francisco U. Franceschini, Galeano Tardini Filho, Geraldo Pereira, Gilberto Ferreira do Nascimento, Gilberto Gramighani, Guarino Crevin, Guilhermina Pinto da Fonseca, Heitoku Vehara, Helena Barion, Henrique João Capelli, Hermes Guerini, Hermógenes Arroyo, Hilário Aggio, Horácio Aparecido Teixeira, Idalina Pradella, Iraides Roveli Gallo, Ivo Bizzo, Ivo Rezen-de da Silva, Jacinto Elias Aguado, Jaime Soares de Oliveira, Jair Miguel Saliba, Jair Prudente, Jair Soares, Jairo Nogueira, Jamil Gonçalves de Oliveira, Jessé da Silva, Jetúlio José Bueno, João Alonso Garcia, João Antonio Gianasi, João Batis-

ta dos Santos, João Borges Junior, João Carlos Meneghello, João Gomes de Souza, João Jendarchiche, João L. Filho, João Lopes Salemane, João M. Filho, João Pifgardini, João Plínio Spada, João Puffardini, Joãozinho Nespoli, Joaquim Alves Evangelista, Joaquim Garcia Gonçalves, José A. Pedroso, José Aoki, José Berghe, José Bueno, José C. Neto, José Carlos Duran Gimenez, José Carlos Gomes, José Carlos Guisalli, José Domingos Ferrari, José dos Santos Nascimento, José Francisco dos Santos, José Helio Adorno, José Humberto Mendes, José K. Filho, José Laert Migliani, José Luiz Gonçalves, José Manoel da Silva, José Ortega, José Penha de Barros, José Pereira Corrochano, José Peres Cunha, José R. Silva, José Rocha de Barros, José Rodrigues, José Rodrigues Filho, José Sarambone, José Sergio da Silva, José Silva A. Figueira, José U. Moreira Pinto, José Veiga da Silva, Josefa C. Muriel, Juarez Pereira Nunes, Jurandir de Lacerda, Jurema Bem Corbacho, Jurema Carbacho, Lacides Pereira, Laerte Corrêa da Costa, Laerte Raul Carniel, Lenice de Ludes Barontini, Leonel Peres Sanches, Leonilda Frattari, Luiz Antonio Lorencini, Luiz Carlos Carneiro, Luiz Carlos Fuzaro, Luiz Carlos Masson, Luiz Eduardo Lustro, Luiz Henrique dos Santos, Luiz J. Dameto, Luiz Le Pera, Luiz Valini Filho, Luiz Zampieri, Manoel Antonio Pereira, Manoel Carrera Rendo, Manoel João da Silva Filho, Manuel Messias dos Santos, Marcio Tercio Yamasaki, Maria A. Nunes, Maria Imaculada da Silva, Maria Josefina Magno, Maria Maddalena Gianotto, Maria S. Daltio, Mario Betsiol, Mario Donola, Mario Lanuto, Mario Picolin, Matheus Leshin, Maurício Pugeieri, Maximo Corazzini, Meton Falcão Freire Neto, Miguel Araujo da Silva, Miguel Arcanjo da Silva, Miguel Carlos Montiel, Miguel Carmona, Milton

Valdo, Moacir Pascoal Daltio, Moises Cangane, Nelson A. Oliveira, Nelson Batista, Nelson Pavani, Nelson Serafim de Moura, Nereide Romero, Neusa Gonçalves, Neusa Maria Lopes, Nicolau Curalov, Nilton Claudio Viviani, Nilton Urbano, Olímpo Pereira, Onilson Gomes, Onofre Antonio Bernediato, Oscar Pinto, Osemir E. Vassos, Osmar Candido da Silva, Osmar Theophilo, Osmar Viana, Osvaldo Alves Ferreira, Osvaldo Correa da Costa, Osvaldo dos Santos Toreta, Osvaldo Garcia Veiga, Osvaldo Honório, Osvaldo Pereira Rodrigues, Osvaldo Clemente, Osvaldo Gallo, Paulo Akio Kinoshita, Paulo Ernesto T. Vilaça, Paulo Nunes Pinheiro, Pedro Bussolin, Pedro Francisco da Costa, Pedro Furlan Neto, Pedro Gomes Machado Filho, Pedro José Silva, Pedro Martinez, Pedro Pinto Sobrinho, Pedro Ravagnani, Pedro Schur, Percio Pezzo, Rafael Moreno, Raimundo Antonio Bizaia, Raimundo Cunha Alcantara, Ricardo Batista Avellan, Ricardo Garcia, Ricardo Urquizas Fabreti, Roberto Henrique Rodrigues, Roberto Mota, Roberto Pereira Corrochano, Roberto Pirez, Romualdo Sanchez Peres, Ronaldo Robusti, Rubens Ambrósio, Rubens Giralardi, Rudene Derbs, Santo Fernandes, Sebastião Aldo Rodrigues, Sebastião Bergh, Sergio Batistella, Sergio Roque, Sergio Simesik, Sidney Natalino de Campos, Silvina Borges Pirez, Silvino Franco, Sonia Regina Serafin, Tabajara José Del Rey, Tereza T. Kawata, Tolentino José da Silva, Tsuyoshi Yano, Urbano da Conceição, Valdemar Cherotto, Valdir Antunes de Lemos, Valdir do Nascimento, Valmir Ambrósio, Vanderlei Fernandes, Victor Duarte de Campos, Victor Antonio Chiorella, Victor José Montagner, Vitório Alexandre Junovicz, Vitorio Lieuer Isci, Vitório Rodrigues, Waldemir Marques, Xisto Reis Filho.



A partir da esquerda, Toninho, Agostinho Folco, Milton Neves, Daisy Garcia e Edvaldo em foto dos anos 2000

Crédito/Disponível em: <https://x.com/mucamuricoca/status/931545882331316230/photo/1>



Integrantes da Bengala Azul esbanjam alegria e irreverência. A partir da esquerda, Valdomiro Ambrósio, Antônio de Oliveira e Silva, Sidney Natalino de Campos, Aparecido Zani e Agostinho Folco

Boa parte dos associados não está mais conosco, ficando o registro aqui feito como uma singela homenagem a tantos nomes que ajudaram a escrever a história dessa torcida organizada que encantou o Brasil.

Agradecimentos especiais a Agostinho Folco e a Eliane Romano, pelo empréstimo da bengala azul original para fotos.



A famosa bengala azul, que serviu de inspiração para a escolha do nome da torcida

Crédito/Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/sao-caetano/noticia/2022/06/08/na-saude-e-na-doenca-fundador-da-bengala-azul-dedica-vida-ao-sao-caetano.ghtml>
Foto/Marcos Ribolli



Conjunto de carteirinhas de antigos associados da torcida



Acesse o hino da Bengala Azul pelo QR Code

Luíz Domingos Romano

é designer na área de produto e embalagem e pós-graduado em Comunicação Visual. Atualmente, é proprietário da LD Romano Design Ltda. Colecionador, pesquisador e memorialista na área esportiva, é membro do Memofut (Grupo de Literatura e Memória do Futebol), em São Paulo, e conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Os jogos do Santos Futebol Clube em São Caetano do Sul

Momento do gol do craque Vasconcelos (10), observado pelo arqueiro Aldo, do São Bento. Foto de 14 de outubro de 1956



Acervo/Aldo Malagoli

Renato Donisete Pinto

O Santos Futebol Clube foi fundado no dia 14 de abril de 1912, na cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo. Começava ali uma gloriosa trajetória conquistando vários títulos nacionais e internacionais. Formou um dos maiores times do mundo na década de 1960, quando conquistou dois títulos mundiais (1962 e 1963). São Caetano do Sul também faz parte dessa história da equipe santista. Grandes craques desfilaram seu futebol refinado pela nossa cidade, tais como Zito, Del Vecchio, Vasconcelos, Pagão, Rodolfo Rodrigues, Diego, Paulo Henrique Ganso e Neymar, entre outros. Infelizmente Pelé, o rei do futebol, não atuou em nenhuma partida na cidade.

A primeira visita do Santos F.C. a São Caetano do Sul aconteceu em 1942, quando foi realizado um amistoso no antigo campo da Rua Paraíba contra o São Caetano Esporte Clube.



Defesa do Saad segurando o ataque do Santos. Foto de 14 de janeiro de 1973



Foto/João Colovatti

São Caetano E.C. 2x5 Santos F.C - Amistoso realizado no dia 15 de novembro de 1942, no Estádio Conde Francisco Matarazzo. Jogaram pelo São Caetano: Cláudio; Antoninho e Bérnago (Gallet); Escovinha (Lulu), Mário e Mauro; Jurandir, Marinote (Aurélio), Tião, Paulo e Novelli. Santos: Odair; Aníbal, e Américo; Hélio (Figueira), Elesbão e Ayala; Vega (Armandinho), Zoca, Vareta, Lupércio e Ruy. Técnico: Ratto. Árbitro: José Albocini. Gols: Vareta [4], Vega, Tião e Aurélio. Renda: Cr\$ 4.500,00.

O Santos só retornaria a São Caetano do Sul no último dia do ano de 1955, disputando um importante jogo que lhe valeria o título do Campeonato Paulista. Caso vencesse, o Santos seria campeão com duas rodadas de antecedência, mas a Associação Atlética São Bento adiou a comemoração dos santistas.

A.A. São Bento 2x0 Santos F.C. - Jogo pelo Campeonato Paulista realizado no dia 31 de dezembro de 1955, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Jogaram pelo São Bento: Arlindo; Pascoal e Savério; Mauro, Rubens de Almeida e Diogo; Zé Carlos, Bota, Tantos, Dema e Simão. Pelo Santos: Barbosinha; Hélio e Feijó; Ramiro, Zito e Formiga; Alfredinho, Álvaro, Del Vecchio, Vasconcelos e Tite. Técnico: Lula. Árbitro: Carlos de Oliveira Monteiro. Gols: Simão, aos 45 minutos do primeiro tempo, e Dema no segundo tempo. Renda: Cr\$ 236.230,00. Ocorrências: Hélio expulso.

Em partida realizada pelo primeiro turno da Série Azul do Campeonato Paulista de 1956, aconteceu uma goleada santista. No final do certame, o Santos se tornaria bicampeão paulista.

A.A. São Bento 2x5 Santos F.C. - Partida pelo Campeonato Paulista, em 14 de outubro de 1956, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Pelo São Bento jogaram: Aldo; Elpídio e Savério; Maurinho, Rubens de Almeida e Diogo; Marinho, Zé Carlos, Bota, Dema e Varca. Técnico: Hortêncio. Jogaram pelo Santos: Manga; Ramiro e Ivan; Zito, Formiga e Urubatan; Alfredinho, Jair, Pagão, Vasconcelos e Tite. Técnico: Luis Alonso. Árbitro: Paulo Simões. Gols: Bota, aos 5 minutos, Alfredinho, aos 37, e Vasconcelos, aos 44 minutos do segundo tempo. Bota, aos 2 minutos, Pagão, Vasconcelos, aos 38, e Tite, aos 42 minutos do segundo tempo. Arrecadação: Cr\$ 228.520,00. Preliminar: Misto do São Bento 3x1 Misto do Corinthians.

Vale registrar que, em 10 de março de 1963, uma equipe mista do Santos F.C. visitou o Cerâmica São Caetano Futebol Clube no extinto Estádio Fernandinho Simonsen, situado em São Paulo, na divisa com São Caetano do Sul. Cerâmica São Caetano 3x2 Santos.

No início de 1973, o Saad Esporte Clube promoveu uma partida comemorativa para apresentar o veterano craque Coutinho, junto aos ex-santistas Joel Camargo e Dorval na equipe sul-são-caetanense. O grande público que compareceu ao estádio foi presenteado com um gol do atacante. Esse jogo também marcou a estreia do atacante Arlindo Fazolin, que o Saad havia emprestado para a equipe santista.

Saad E.C. 2x2 Santos F.C. - Amistoso realizado em 14 de janeiro de 1973 no Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida (Estádio Anacleto Campanella). Jogaram pelo Saad: Fininho; Celso, Flávio, Oscar e Arnaldo, Joel Camargo e Márcio; Dorval, Coppini, Coutinho (Mário) e Waldir (Fernandes). Técnico: Baltazar. Jogaram pelo Santos: Willians; Altivo, Paulo, Marçal e Turcão; Pitico e Iaponam (Roberto); Manoel Maria (Leacir), Arlindo, Eusébio e Ferreira. Técnico: Formiga. Árbitro: Antonio Carlos Gomes. Gols: Oscar (contra), aos 20, e Coutinho, aos 32 minutos do primeiro tempo. Marçal, aos 2, e Coppini, aos 15 minutos do segundo tempo.

No ano de 1978, aconteceu um empate sem gols em partida amistosa comemorativa do aniversário de São Caetano do Sul. Com portões abertos ao público, o estádio municipal ficou completamente lotado. O Santos compareceu com uma equipe mista.

Saad E.C. 0x0 Santos F.C. - Amistoso ocorrido no dia 28 de julho de 1978, no Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida. Pelo Saad: Carlos; Jaime Pereira, Jair, Rodolfo e Tadeu; Raul (Ademir), Joãozinho, Vicente, Valmir, Serginho e Carlinhos (Antoninho). Técnico:

co: Rubens Cipriano. Pelo Santos: Flávio; Fausto, Gilberto Costa, Fernando e Edson; Toninho Vieira, Rubens Feijão e Alvares (Cardin); Carlos, Claudinho (Esquerdinha) e Márcio. Técnico: Formiga. Árbitro: Nilson Cardoso Bilha.

Em 1985, o vizinho Esporte Clube Santo André utilizou o então Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida como mandante nas primeiras rodadas do Campeonato Paulista daquele ano. Recebeu o Santos em partida válida pela primeira rodada do certame. O Santos se apresentou com vários craques da equipe que havia sido campeã paulista no ano anterior.

E.C. Santo André 0x1 Santos F.C. - Partida válida pelo Campeonato Paulista, realizada em 4 de maio de 1985, no Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida. Jogaram pelo Santo André: Solitinho; Reinaldo, Alaor, Rubão e Gilberto Sorriso; Celso, Jair e Arnaldo; Gerson Lopes, Jenildo e Márcio Fernandes. Técnico: Roberto Lopes. Pelo Santos: Rodolfo Rodriguez; Paulo Roberto, Márcio Rossini (Davi), Toninho Carlos e Paulo Robson; Serginho Carioca, Humberto e Lino; Formiga (Gersinho), Lima e Zé Sérgio. Técnico: Castilho. Árbitro: Ulisses Tavares da Silva Filho. Gol: Márcio Rossini, aos 29 minutos do primeiro tempo. Renda: Cr\$ 32.411.000. Público: 5.624 (5.229 pagantes + 395).

Já em 1994, o Nacional Atlético Clube, da capital paulista, utilizou o Estádio Municipal Anacleto Campanella para disputar um jogo contra a equipe santista, válido pela Copa Bandeirante. Edinho, filho do Rei Pelé, defendeu a meta do alvinegro praiano.

Nacional A.C. 0x4 Santos F.C. - Jogo pela Copa Bandeirante, disputado em 24 de julho de 1994, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Pelo Nacional: Haroldo; Jerry, Juciano, Pedrinho e Paulo Marques; Edmílson, Zé Carlos, Zeomar e Carmo (Juliano); Roberto e Dinei. Pelo Santos: Edinho; Índio, Júnior, Maurício Copertino (Narciso) e Silva (Marcelinho Paraíba); Gallo, Cerezo, Carlinhos e Serginho Fraldinha; Nezinho e Demétrios. Técnico: Serginho Chulapa. Árbitro: José Aparecido de Oliveira. Gols: Nezinho (2 gols), Marcelinho Paraíba e Cerezo. Renda: R\$ 4.272,00. Público: 985 pagantes.

A partir de 2001, o Santos enfrentou a Associação Desportiva São Caetano por diversas oportunidades.

Grandes duelos foram realizados no Estádio Municipal Anacleto Campanella. No primeiro embate entre as equipes na cidade, vitória santista em partida válida pelo primeiro turno do Campeonato Paulista.

A.D. São Caetano 1x2 Santos F.C.

- Jogo do Campeonato Paulista ocorrido em 21 de abril de 2001 no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Jogaram pelo São Caetano: Luciano; Nelsinho (Marlon), Daniel, Serginho (Magrão) e César; Simão, Fabinho, Esquerdinha e Adãozinho (Aílton); Wágner e Márcio Griggio. Técnico: Jair Picerni. Pelo Santos jogaram: Fábio Costa; Russo, Claudiomiro, Galvan e Léo (Michel); Paulo Almeida, Rincón, Renato e Robert (André Luiz); Deivid e Dodô (Elano). Técnico: Geninho. Árbitros: Alfredo Loebeling e João L. Dos Santos. Gols: Renato, aos 15, e Márcio Griggio, aos 44 minutos do primeiro tempo. Rincón, aos 30 minutos do segundo tempo.

No dia 28 de julho de 2001, em partida amistosa, comemorativa dos 124 anos da cidade de São Caetano do Sul, o Santos venceu a equipe sul-são-caetanense. Essa partida marcou a estreia dos atacantes Muller e Sandro Gaúcho, do lateral Bill e do meia Anaílson com a camisa do Azulão.

A.D. São Caetano 0 x 1 Santos F.C.

- Amistoso comemorativo do aniversário da cidade em 28 de julho de 2001, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Escalação do São Caetano: Silvio Luiz; Nelsinho (Sandro Gaúcho), Daniel, Serginho (Dininho) e Bill; Simão, Adãozinho, Anaílson (Márcio Griggio) e Aílton; Muller (Magrão) e Wágner. Técnico: Jair Picerni. Escalação do Santos: Fábio Costa; Preto, Galvan, Orestes (Pereira) e Russo (Valdir); Paulo Almeida, Renato, Robert e Léo; Júlio Cesar (Eldon) e André Dias (Elano). Técnico: Geninho. Árbitro: Silvio Cesar Talarico. Gol: Júlio Cesar, aos 9 minutos do primeiro tempo. Ocorrências: cartão vermelho para Dininho.



Acervo/Diário do Grande ABC - Foto/Cealzo Luiz

Diego realizando um passe acompanhado por Marcelo Mattos. Foto de 3 de abril de 2004



Acervo/Diário do Grande ABC - Foto/Fernando Dantas

André Luis disputando a bola com o atacante Somália, observados pelo meia Renato. Foto de 17 de setembro de 2003

Com a vitória, o São Caetano garantiu sua classificação às quartas-de-final do Campeonato Brasileiro de 2002. Mesmo com a derrota, a equipe santista conseguiu classificar-se também. Esse jogo marcou a 100ª partida do volante Claudécir com a camisa do Azulão, que, aliás, marcou dois gols no jogo.

A.D. São Caetano 3x2 Santos F.C. - Partida do Campeonato Brasileiro disputada em 17 de novembro de 2002 no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Os jogadores do São Caetano eram: Silvio Luiz; Marlon, Serginho, Dininho e Lúcio; Iriney, Magrão, Claudécir e Luiz Carlos Capixaba (Adãozinho); Edu Salles (Anaílson) e Wágner. Técnico: Mário Sérgio. Pelo Santos jogaram: Rafael; Maurinho, André Luís, Alex e Léo; Alexandre, Renato, Elano e Diego (William); Robinho e Douglas (Alberto). Técnico: Emerson Leão. Árbitro: Paulo César de Oliveira. Gols: Claudécir, aos 40 minutos do primeiro tempo; Luiz Carlos Capixaba, aos 8, Alex, aos 13, Claudécir, aos 19, e Alberto, aos 42 minutos do segundo tempo.

Neste jogo de ida, vitória que ajudou o Santos a garantir vaga na fase seguinte da Copa Sul-Americana de 2003 – quando, então, seria derrotado pelo Cienciano do Peru.

A.D. São Caetano 0x1 Santos F.C. - Jogo da Copa Sul-Americana realizado em 17 de setembro de 2003, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Pelo São Caetano: Silvio Luiz; Dininho, Gustavo e Serginho; Ângelo (Anaílson), Marcelo Mattos (Warley), Mineiro, Capixaba e Zé Carlos; Marcinho e Somália (Adhemar). Técnico: Tite. Pelo Santos: Fábio Costa; Reginaldo Araújo, Alex, André Luís e Léo; Daniel, Renato, Elano e Diego (Fabiano); Robinho e William (Alexandre). Técnico: Emerson Leão. Árbitro: Paulo César de Oliveira. Gol: Robinho, aos 5 minutos do segundo tempo. Público: 5.119 pagantes. Renda: R\$ 42.632,00.

Jogo válido pela 36ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2003. No final da temporada, o Santos terminaria em segundo lugar (87 pontos), e o São Caetano, em quarto lugar (74 pontos).

A.D. São Caetano 2x2 Santos F.C. - Jogo do Campeonato Brasileiro realizado em 11 de outubro de 2003, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Jogaram pelo São Caetano: Silvio Luiz; Dininho, Gustavo

(Somália) e Serginho; Capixaba (Mineiro), Marcelo Mattos, Fábio Santos (Thiago), Marcinho e Zé Carlos; Adhemar e Warley. Técnico: Tite. Pelo Santos jogaram: Fábio Costa; Reginaldo Araújo, Preto (Alexandre), Pereira e Léo; Daniel, Renato, Elano e Diego; Robinho e William (Val Baiano). Técnico: Emerson Leão. Árbitro: Anselmo da Costa. Gol: Robinho, aos 12 segundos do primeiro tempo, Marcinho, aos 20, Renato, aos 36 e Marcinho, aos 38 minutos do segundo tempo. Público: 2.013 pagantes. Renda: R\$ 16.570,00. Ocorrências: Cartão vermelho para Adhemar e Pereira.

Jogo histórico. Após empate em três gols na Vila Belmiro, o São Caetano garantiu vaga na final com esta goleada no Estádio Anacleto Campanella. O São Caetano se tornaria Campeão Paulista de 2004.

A.D. São Caetano 4x0 Santos F.C. - Jogo pelo Campeonato Paulista realizado em 3 de abril de 2004, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Escalação do São Caetano: Silvio Luiz; Anderson Lima, Dininho, Serginho e Triguinho; Marcelo Mattos, Mineiro, Fábio Santos e Marcinho; Euller (Somália) e Fabrício Carvalho (Lúcio Flávio). Técnico: Muricy Ramalho. Escalação do Santos: Doni; Paulo César, Alex, André Luiz e Léo; Claiton, Renato, Elano (Robgol) e Diego (Luiz Augusto); Robinho e Basílio. Técnico: Emerson Leão. Árbitro: Sálvio Spínola

Fagundes Filho. Gols: Euller, aos 41 minutos do primeiro tempo, Fabrício, aos 6, e Marcinho, aos 29 e aos 45 minutos do segundo tempo. Público: 16.420 pagantes. Renda: R\$ 232.125,00.

Penúltima rodada do Campeonato Brasileiro. Vitória que ajudou o Santos a se tornar Campeão Brasileiro de 2004, conquistando 89 pontos.

A.D. São Caetano 0x3 Santos F.C. - Partida pelo Campeonato Brasileiro realizada em 12 de dezembro de 2004, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Jogaram pelo São Caetano: Silvio Luiz; Marco Aurélio, Gustavo e Thiago; Mineiro, Marcelo Mattos, Paulo Miranda, Lúcio Flávio e Triguinho; Marcinho e Warley (Neto). Técnico: Péricles Chamusca. Jogaram pelo Santos: Mauro; Paulo César, Leonardo, Ávalos e Léo; Fabinho, Preto Casagrande (Bóvio), Ricardinho e Elano (Marcinho); Deivid e Basílio (William). Técnico: Vanderlei Luxemburgo. Árbitro: Rodrigo Martins Cintra. Gols: Elano, aos 31 minutos do primeiro tempo; Ricardinho, aos 6, e Basílio, aos 16 minutos do segundo tempo. Público: 11.616 pagantes. Renda: R\$ 144.414,00.

Jogo válido pela nona rodada do Brasileirão de 2005, com direito a goleada santista. Não foi um bom campeonato para as duas equipes: o Santos terminou em décimo lugar, e o Azulão, em décimo sétimo.

A.D. São Caetano 1x3 Santos F.C. - Jogo do Campeonato Brasileiro disputado em 26 de junho de 2005, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Pelo São Caetano: Sílvio Luiz; Thiago, Douglas e Neto (Marcelinho); Alessandro, Zé Luiz, Claudécir (Fábio Pinto), Edu Sales (Canindé) e Triguinho; Dimba e Jean. Técnico: Estevam Soares. Pelo Santos: Mauro; Paulo César (Flávio), Altair, Ávalos e Carlinhos (Halisson); Wendell, Bóvio, Elton (Luciano Henrique) e Ricardinho; Giovanni e Deivid. Técnico: Gallo. Árbitro: Paulo César de Oliveira. Gols: Deivid, aos 23 segundos, Alessandro, aos 25, e Ricardinho, aos 45 minutos do primeiro tempo; Giovanni, aos 32 minutos do segundo tempo. Público: 3.823. Renda: R\$ 30.444,00.

Vitória que ajudou a equipe santista a tornar-se campeã paulista de 2006 no final do campeonato, somando 43 pontos em 19 jogos, um ponto a mais que o vice-campeão,

São Paulo. A A.D. São Caetano terminou o Paulistão em quinto lugar.

A.D. São Caetano 2x3 Santos F.C. - Jogo do Campeonato Paulista disputado em 1º de março de 2006, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Pelo São Caetano jogaram: Silvio Luiz; Thiago, Gustavo e Cleber (Paulo Miranda); Ânderson Lima, Zé Luiz, Marabá, Leandro Lima (Canindé) e Alex; Marcelinho e Igor (Dimba). Técnico: Nelsinho Batista. Pelo Santos: Roger; Luis Alberto, Ronaldo Guiaro e Domingos; Fabinho Alves, Heleno (Wendell), Cleber Santana, Rodrigo Tabata (Neto) e Kleber; Magnum (Léo Lima) e Geílson. Técnico: Vanderlei Luxemburgo. Árbitro: Elcio Paschoal Borborema. Gols: Rodrigo Tabata, aos 23, Fabinho Alves, aos 31, Marabá, aos 37 minutos do primeiro tempo; Léo Lima, aos 23, e Marcelinho, aos 35 minutos do segundo tempo. Público: 3.574. Renda: R\$ 45.787,00.

Partida válida pela décima segunda rodada do Brasileirão de 2006. Vitória do São Caetano com dois gols de pênalti convertidos pelo lateral Ânderson Lima. Com uma fraca campanha, o Azulão seria rebaixado para a Série B. Já o Santos, comandado por Vanderlei Luxemburgo, terminaria em quarto lugar.

A.D. São Caetano 2x0 Santos F.C. - Jogo do Campeonato Brasileiro disputado em 16 de julho de 2006, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Escalação do São Caetano: Mauro; Ânderson Lima, Thiago, Gustavo e Triguinho; Daniel, Rafael Muçamba, Élton e Canindé (Fábio Luís); Wellington Amorim (Igor) e Marcelinho (Preto). Técnico: Emerson Leão. Escalação do Santos: Fábio Costa; Manzur, Ávalos e Ronaldo Guiaro; Dênis, Wendell (Carlinhos), Maldonado, Rodrigo Tabata e Kleber; Rodrigo Tiuí (André) e Reinaldo (Fabiano Vieira). Técnico: Vanderlei Luxemburgo. Árbitro: Wilson de Souza Mendonça. Gols: Ânderson Lima, aos 34 e 43



Acer/vo/Diário do Grande ABC - Foto/Caseo Luiz



Moradei protegendo a bola do craque Neymar. Foto de 4 de abril de 2010

minutos do segundo tempo. Público: 4.060 pagantes. Renda: R\$ 44.703,00.

Goleada santista na penúltima rodada da fase de classificação. Jogo que teve gol do craque Neymar. O Santos se tornaria campeão do certame estadual de 2010. Já o São Caetano conquistaria o vice-campeonato do Torneio do Interior.

A.D. São Caetano 1x3 Santos F.C. - Campeonato Paulista, 4 de abril de 2010, Estádio Municipal Anacleto Campanella. Jogaram pelo São Caetano: Luiz; Moradei, Anderson Marques, Marcelo Batatais e Romário; Jairo, Lucas, Fernandes e Éverton Ribeiro (Luciano Mandi); Wanderley e Hugo (Eduardo). Técnico: Roberto Fonseca. Pelo Santos: Felipe; Pará (Rodrigo), Edu

Dracena, Durval e Léo; Arouca, Wesley e Marquinhos; Neymar (Maikon Leite), Robinho (Zé Eduardo) e André. Técnico: Dorival Júnior. Árbitro: Guilherme Cereta de Lima. Gols: Marquinhos, aos 2, Hugo, aos 38 minutos do primeiro tempo; Neymar, aos 22, e Robinho, aos 34 minutos do segundo tempo. Público: 3.793 pagantes. Renda: R\$ 150.250,00. Ocorrências: Cartão amarelo para Marcelo Batatais, Jairo, Lucas, Pará e Rodrigo; cartão vermelho para Léo.

Com os craques Paulo Henrique Ganso e Neymar em campo, o São Caetano surpreendeu com uma vitória de virada e se livrou do rebaixamento. Mas o Santos conquistaria o tricampeonato do Paulistão.

A.D. São Caetano 2x1 Santos F.C. - Partida pelo Campeonato Paulista em 8 de abril de 2012, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Jogaram pelo São Caetano: Luiz, Marcone, Gabriel, Eli Sabiá e Diego; Augusto Recife, Moradei, Anselmo, Marcelo Costa e Kleber (Ailton); Geovane. Técnico: Márcio Araújo. Pelo Santos jogaram: Rafael; Fucile (Elano), Edu Dracena, Durval e Juan; Arouca, Henrique, Ibson

(Reinteria) e Paulo Henrique Ganso; Neymar e Borges (Alan Kardec). Técnico: Muricy Ramalho. Árbitro: Mauricio Antonio Fioretti. Gols: Neymar, aos 30 minutos do primeiro tempo; Geovane, aos 12, e Marcelo Costa, aos 21 minutos do segundo tempo. Renda: R\$ 187.210,00 (4.283 pagantes).

São Caetano do Sul já foi a casa do Santos - Prezado leitor, você sabia que o Santos Futebol Clube utilizou o Estádio Municipal Anacleto Campanella para mandar os seus jogos em quatro oportunidades?

No Campeonato Brasileiro de 2005, o Santos teve dois jogos realizados com portões fechados, já que o Estádio Urbano Caldeira (Vila Belmiro) estava interdito. Em abril, aplicou uma goleada no Paysandu (PA) e, em novembro, levou uma goleada do Internacional de Porto Alegre (RS).

Santos F.C. 4x1 Paysandu S.C. - Partida do Campeonato Brasileiro realizada no dia 23 de abril de 2005, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Jogaram pelo Santos: Henao; Paulo César, Ávalos, Leonardo e Léo; Fabinho, Bóvio, Zé Elias (Edmilson) e Ricardinho; Robinho e Deivid. Técnico: Gallo. Pelo Paysandu: Ronaldo; Alemão, Flávio Tanajura, Alex Pinho e Renatinho; Donizete Amorim, Vanderson, Jobson (Lecheva) e Rodrigo (Rodrigo); Róbson e Zé Augusto (Balão). Técnico: Vágner Benazzi.

Árbitro: Clever Assunção. Gols: Deivid, aos 4 minutos, Robinho, aos 20 minutos do primeiro tempo; Leonardo contra, aos 22 minutos, Edmilson, aos 24 minutos, e Deivid, aos 45 minutos do segundo tempo.

Santos F.C. 0x4 S.C. Internacional - Jogo pelo Campeonato Brasileiro disputado em 13 de novembro de 2005, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Jogadores do Santos: Mauro; Zé Leandro, Matheus, Luís Alberto e Kleber; Fabinho (Zé Elias, depois Bruno), Heleno, Wendell e Giovanni (Luciano Henrique); Geílson e Claudio Pitbull. Técnico: Nelsinho Batista. Jogadores do Internacional: Clémer; Ceará, Ediglê, Edinho e Alex; Perdigão, Gavillán, Ricardinho (Márcio Mossoró) e Tinga (Wellington); Fernandão (Iarley) e Rafael Sóbis. Técnico: Muricy Ramalho. Árbitro: Wallace Nascimento Valente. Gols: Alex, aos 27 e 33 minutos do primeiro tempo, Rafael Sóbis, aos 31 e 44 minutos do segundo tempo. Ocorrência: Cartão vermelho para Kleber.

Em 2006, apesar do tropeço frente à Portuguesa Santista, como citado anteriormente, o Santos conquistaria o título de Campeão Paulista.

Santos F.C. 1x2 A.A. Portuguesa (Santos) - Partida válida pelo Campeonato Paulista disputada em 5 de fevereiro de 2006, no Estádio Mu-

nicipal Anacleto Campanella. Jogaram pelo Santos: Fábio Costa; Fabinho Alves, Manzur, Luís Alberto e Kleber; Maldonado, Léo Lima (Neto), Cleber Santana e Rodrigo Tabata; Jonas (Gilmar) e Galvão (Reinaldo). Técnico: Vanderlei Luxemburgo. Pela Portuguesa Santista jogaram: Ronaldo; Marco Aurélio, Joel, Mauro Magalhães e Jáilson; Emerson, Júlio César, Alex Silva e Rodrigo (Carlinhos); Rodrigues (Daniel) e Leo Mineiro (Fabão). Técnico: Sérgio Guedes. Árbitro: Anselmo da Costa. Gols: Leo Mineiro, aos 12 minutos do primeiro tempo, Júlio César, aos 16, e Luís Alberto, aos 24 minutos do segundo tempo. Público: 7.322 pagantes. Renda: R\$ 109.560,00.

Com o gramado da Vila Belmiro em reforma, o Santos transferiu o jogo da segunda rodada do Campeonato Paulista de 2012 para a cidade de São Caetano do Sul.

Santos F.C. 2x1 Ituano F.C. - Jogo do Campeonato Paulista disputado em 26 de janeiro de 2012, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Escalação do Santos: Aranha; Maranhão, Bruno Rodrigo, Vinicius Simon, Emerson (Crystian), Anderson Carvalho, Ibson, Felipe Anderson, Tiago Luís (Tiago Alves), Alan Kardec e Reinteria (Dimba). Técnico: Muricy Ramalho. Escalação do Ituano: Roberto; Alex, Thiago Gomes, Anderson Salles, Alan

Mota, Gustavo, Bruno Martins (Escobar), Alemão, Kleyton Domingues, Jefferson Luiz (Otacilio Neto) e Vando (Chapinha). Técnico: Ruy Scarpino. Árbitro: Alessandro Darcie. Assistentes: Humberto Lellis Talarico Leite e Maria Nubia Ferreira Leite. Gols: Kleyton Domingues, aos 26 minutos do primeiro tempo, e Alan Kardec, aos 28 e aos 44 minutos do segundo tempo. Ocorrências: Cartão amarelo para Emerson, Thiago Gomes, Alan Mota e Alex Ferreira. Público: 2.203 pagantes. Renda: R\$ 48.645,00.

Referências bibliográficas

- AMISTOSO: Saad 2, Santos 2. *Folha de São Paulo*, 15 jan. 1973.
BASSAN, Thiago. Azulão se livra da degola sobre o Peixe. *Diário do Grande ABC*, 9 abr. 2012.
BORBA, Marco. Azulão perde segunda em casa para invicto Timão. *Diário do Grande ABC*, 19 fev. 2012.
CONTRA o Saad, o empate. *O Estado de São Paulo*, 16 jan. 1973.
CRISTOFANI, Analy. Azulão cai e fica longe do título sul-americano. *Diário do Grande ABC*, 18 set. 2003.
— Peixe voa e Azulão afunda no Paulista. *Diário do Grande ABC*, 22 abr. 2001.
— Santos reage e corta asas do Azulão. *Diário do Grande ABC*, 27 jun. 2005.
— Santos vence e reassume liderança. *Diário do Grande ABC*, 13 dez. 2004.
— São Caetano arrasa o favorito Santos e alcança final inédita. *Diário do Grande ABC*, 4 abr. 2004.
— São Caetano é derrotado pelo Santos no aniversário da cidade. *Diário do Grande ABC*, 29 jul. 2001.
— São Caetano e Santos têm 'empate quente'. *Diário do Grande ABC*, 12 out. 2002.
— S. Caetano vence Santos e espera o Fluminense. *Diário do Grande ABC*, 18 nov. 2002.
FATTORI, Anderson. Letal, Santos detona Azulão por 3 a 1. *Diário do Grande ABC*, 5 abr. 2010.
GOL de Márcio garante vitória do Santos contra Santo André. *Folha de São Paulo*, 5 mai. 1985.
GOLEADO o São Bento pelo Santos por 5 a 2. *O Esporte*, 15 out. 1956.
LAURO Gomes lotado vê Saad x Santos sem gol. *Diário do Grande ABC*, 29 jul. 1978, p. 13.
MÉDICI, Ademir. *Uma história de campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano: São Caetano Esporte Clube, 2003.
NASCIMENTO, Guilherme. *Almanaque do Santos FC*. São Paulo: Magma, 2012.
PINTO, Renato Donisete. Coutinho, um craque desfilando sua categoria em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 59, p. 86-89, jul. 2019.
— Futebol profissional nos festejos do aniversário de São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 64, p. 83-89, dez. 2021.
RAMOS, Raphael. Peixe não vê ninguém à sua frente. *Diário do Grande ABC*, 2 mar. 2006.
— S. Caetano 'mata' Peixe nos pênaltis. *Diário do Grande ABC*, 17 jul. 2006.

Agradecimentos: Vitória Santos (Banco de Dados/ DGABC).

Renato Donisete Pinto

é pedagogo e professor de Educação Física. Membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul e do Memofut (grupo de Literatura e Memória do Futebol), é autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013) e coautor do *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos Autores, 2019). Participou da antologia *Bola na Rede* (InHouse, 2023).

Uma declaração curiosa e anticomunista

Acervo/FPMSCS



Em sua edição de 13 de maio de 1950, o *Jornal de São Caetano* publicou uma curiosa declaração de autoria de Frederico Fedato, a qual transcrevemos abaixo:

“Eu, Frederico Fedato, residente nesta cidade de São Caetano do Sul, à rua Gonçalves Dias, 196, declaro, para os devidos fins, que deixei de ser comunista e de ter ideias comunistas.

São Caetano do Sul, 8 de maio de 1950.
Frederico Fedato (firma reconhecida)”

A iniciativa de publicar declaração de tal teor no principal veículo de imprensa da cidade pode ser inserida na esteira dos reflexos oriundos das restrições impostas ao comunismo no país. Vale lembrar que essas restrições tiveram como ponto alto a decretação, em maio de 1947, da ilegalidade do Partido Comunista do Brasil (PCB) – posteriormente, Partido Comunista Brasileiro. Eram filiados ao partido nomes da cena política regional, como, por exemplo, o do marceneiro Armando Mazzo, deputado estadual eleito pelo PCB, que teve seu mandato cassado pelo governo.

A presença maciça da classe operária na São Caetano daquela época contribuiu para a mobilização da esquerda política na localidade e para a adesão de moradores à ideologia comunista, como foi o caso do nosso personagem, Frederico Fedato. Informações sobre o período de sua militância e as razões que o levaram a deixá-la não temos por ora. Entretanto, não nos furtamos de compartilhar com vocês, leitores, o registro dessa declaração curiosa e anticomunista!



Armando Mazzo em retrato da década de 1930. Ele foi uma das principais figuras do comunismo na região

O patinete e eu

Angelo Honorato Zucato

Acervo/Angelo Honorato Zucato



Sobrado dos Cappellis, construído por Onorato Cappelli nos anos 1920, na antiga Rua Pitagueras, nº 21, atual Major Carlo Del Prete

Angelo Honorato Zucato com o seu patinete



Acervo/Angelo Honorato Zucato



Eu devia ter de 4 para 5 anos de idade nesta foto tirada na casa de minha avó Ugolina, no jardim do sobrado construído pelo meu avô Onorato Cappelli na Rua Pitagueras, nº 21, atual Rua Major Carlo Del Prete. O patinete teria sido feito pelo meu pai, Angelo Zucato.

Era período do pós-guerra. Contava minha mãe que a calça que visto foi aproveitada de roupas velhas, que ela virava do avesso e costurava para nós.

A foto foi tirada por meu tio, Giorgio Cappelli – que, mais tarde, como arquiteto, viria a participar do projeto da Concha Acústica e do Viaduto dos Autonomistas de São Caetano do Sul.

Angelo Honorato Zucato

é formado em Engenharia Mecânica pelo Instituto Mauá de Tecnologia e em Administração pela Fundação Getúlio Vargas e pela Universidade da Califórnia (EUA).

Um passeio na primeira perua policial de São Caetano do Sul

Moacir Ricci

Em outubro de 1948, após pleito de autonomia política, os apoiadores do “Sim” venceram e tornaram a cidade absolutamente livre e independente. Em seguida, uma eleição municipal foi realizada e eleitos prefeito, vice-prefeito e vereadores.

O primeiro prefeito de São Caetano foi Ângelo Raphael Pellegrino. A partir de sua eleição, uma escalada de trabalho começou a ser realizada na cidade. Com a saída de Santo André da administração, foram retirados funcionários e equipamentos usa-

dos para a manutenção geral do município, e várias medidas foram tomadas com o objetivo de compor o quadro de funcionários administrativos e operacionais.

Em seguida, o município preocupou-se em adquirir um “camburão”, um carro de polí-

Acervo/FPMSCS



Foto tirada por ocasião da entrega da primeira perua da Delegacia de São Caetano do Sul, no dia 21 de maio de 1950. Ao centro, o prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, e, à sua esquerda, o padre Ézio Gislimberti

cia para patrulhamento e uso em ocasiões necessárias. Ocorre que o custo do veículo era incompatível com os recursos da prefeitura na época. Assim, foi elaborado um plano de ação para a aquisição do veículo por meio de contribuição pessoal dos moradores.

Uma campanha foi articulada e dirigida aos moradores. Um pequeno folheto com os dizeres e objetivos da arrecadação foi espalhado por toda a cidade, solicitando uma contribuição no valor de Cr\$ 5,00 (Cinco Cruzeiros). O folheto trazia a imagem de uma perua – a ave “mulher do peru” – porque a cidade objetivava adquirir uma “perua”, como chamavam, então, o veículo utilitário.

Com a obtenção do recurso, a prefeitura finalmente comprou

o veículo. Houve uma celebração no dia da entrega da perua à população. Após a benção do padre, o prefeito Ângelo Raphael Pellegrino fez a saudação e entregou o veículo para uso.

Nesse dia, eu estava na casa do meu amigo Claudio Marafioti, que residia próximo à minha casa no Bairro Barcelona. Tínhamos, ambos, 10 anos de idade. O policial destacado para conduzir a perua era Nicola Marafioti, pai do meu amigo Claudio. Após a cerimônia de entrega, o senhor Marafioti foi mostrar o veículo nos bairros da cidade.

Ao chegar à sua casa e após uma breve apresentação do veículo, abriu a porta e convidou o Claudio e eu para entrarmos. Havia dois pequenos bancos.

Fechou a porta e saiu com a sirene tocando, bem alto, pelas ruas do bairro; depois nos deixou novamente em casa.

Então, tivemos a oportunidade de ser os dois primeiros usuários da primeira perua policial de São Caetano do Sul.

Histórias que gosto de contar.

Moacir Ricci

é formado em Química Industrial e Administração de Empresas (Uscs). Foi fundador e diretor do programa *Entre Estudantes*, da Rádio Cacique, no ar entre 1964 e 1967. Teve forte atuação no Grêmio da Escola de Química do ABC e no Diretório Acadêmico Catorze de Outubro, do antigo Imes.

O meu bairro também tem a sua história

\\ Sonia Cordeiro

A história da cidade de São Caetano do Sul consta nos órgãos oficiais de memória e em outras fontes passíveis de consulta. Em síntese, foram terras doadas, depois leiloadas e, por fim, loteadas. O que se pode verificar é que foi um processo longo; portanto, me aterei apenas ao bairro em que nasci e às memórias que tenho co-

mo qualquer munícipe filho deste São Caetano pequeno gigante.

Meus pais, Lino e Rosa, ficaram os pés nesta cidade em 1942, quando adquiriram um lote de terra num tempo em que alguns bairros mais periféricos começavam a se desenvolver. Eram colonos em Minas Gerais e, posteriormente, em Ribeirão

Preto (SP), trabalhando nas lavouras de café e de cana. Trabalharam muito e, ainda jovens e com poucos recursos, adquiriram um lote numa vila em desenvolvimento, hoje Bairro Nova Gerty ou Gerti – a grafia tem mudado ao longo dos anos.

Acredito que tenha sido um tempo desafiador. Meu pai tra-



Avenida Tietê
em foto da
década de 1960

balhou na Cerâmica por muitos anos. Lembro que ele me contava que, quando comprou o terreno por aqui, os amigos perguntavam se ele vinha caçar onça. Enquanto ele trabalhava na Cerâmica, minha mãe ajudava com alguns trabalhos de costura que conseguia.

O fato é que existia muito mato que, aos poucos, foi cedendo lugar às primeiras moradias. Ainda me lembro, quando menina, da Mata da Viúva – local de muitas brincadeiras. Lembro-me também de quando descíamos para o Bairro São José, antes de se formar o Bairro Mauá: havia por ali uma trilha que levava direto ao que se chamava Buracão da Cerâmica. Era mesmo muito mato.

Por aqui na vila, os terrenos eram grandes e cultivava-se o que fosse possível. No meu quintal, havia pés de goiaba, laranja, manga, ameixa, café e, nas épocas certas, mandioca e milho ainda eram plantados, o que ajudava no sustento da família. Ah, havia

também uma videira; e como era lindo acompanhar o desenvolvimento dos frutos e colhê-los logo que amadureciam! Era um bairro pobre, mas de uma vizinhança rica em harmonia, pronta para socorrer quem quer que fosse a qualquer hora. As casas eram separadas apenas por cercas de ripa ou bambus; sobre elas as vizinhas se debruçavam para trocar algumas palavras ou dividir o que tinham quando alguém estava em apuros.

Não havia, como hoje, água encanada e ruas asfaltadas. Na maioria das casas, existiam poços, sempre com um balde pendurado para retirar a água utilizada em todos os afazeres domésticos. Nas ruas, um ou outro automóvel circulando, ou charrete vendendo coisas, e o caminhão de gás que sempre atolava quando chovia. O senhor Abraão que vendia roupas a prestação (crédito) de porta em porta, o homem com seu chapéu de couro e sua carriola de madeira que vendia batata doce assada, o outro com

seu tabuleiro de quebra-queixo, o garoto negro de olhos azuis que vendia pirulito de açúcar queimado. Ainda hoje, quando fecho os olhos, consigo ouvir o som da matraca do vendedor de biju.

Minha vila estava sempre em festa. Durante o dia, antes ou depois das aulas, a menina fazia incursões pela Mata da Viúva, apostava corridas pelo campinho logo ao lado ou caçava tanajuras no alto do morro, onde hoje é a APCD (Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas), ali na Avenida Tietê. As crianças trocavam figurinhas, jogavam bola, bolinha de gude, soltavam pipa, faziam guerra de mamona e, quando enfadadas, desciam o morro em pedaços de papelão em verdadeira algazarra. À noite, a garotada permanecia na rua até mais tarde, um tempinho após o jantar. Brincava-se segundo o grupo etário de cada um sem muita distinção de gênero, o que só ocorria com os mais velhos. Enquanto os mais novos brincavam de mãe da lata, esconde-esconde, ciranda, pula-pula ou corda, os mais velhos preferiam brincar de passa-anel, cor, fruto ou fantasia, beijo ou aperto de mão. Sempre sob a vigilância de algumas mães, que, vez ou outra, saíam para ver o que estava acontecendo.

Havia, então, o bar do senhor Franciso – na verdade, uma mercearia, quase no final da Rua Vieira de Carvalho. Ele era um

português sisudo, mas amoroso. Com a ajuda dos filhos, abastecia o bairro de gêneros alimentícios. Naquele tempo, o sistema de compra era diferente, não existia um mercado ainda. Comprava-se de tudo na mercearia, as compras eram anotadas em uma caderneta, e o pagamento era realizado no final do mês. Mais acima, na esquina da Rua Aguapeí com a Avenida Tietê, havia o bar do senhor Rodrigues, o pai do querido e falecido Moacir Guirão. Esse bar também abastecia o bairro com pão fresquinho, leite e algumas variedades de suprimentos.

O bairro cresceu muito, embora ainda mantenha muitos dos descendentes de seus moradores antigos. Hoje, somos bem atendidos em transporte, com várias linhas ligando as cidades vizinhas, UBSs implantadas e um querido e amado Centro de Terceira Idade, graças àqueles que se empenharam para um melhor atendimento aos idosos do bairro e das adjacências. Temos ótimas escolas e tudo bem pertinho. O bairro também mudou muito. Já não há espaço para as plantas no quintal, temos as ruas que reclamam cuidados constantes pelo excesso de veículos em circulação e os celulares que roubam a capacidade de interlocução... mas é o bairro em que nasci, o meu recanto, o lugar em que tenho minhas raízes e amo, assim como minha cidade.

Minha cidade tem mais que palmeiras

Minha cidade é pequena
E muito bem arborizada
Distribui a sua flora
Pelas ruas, parque, calçadas

É caminhar devagarinho
Ter atenção para olhar
Tem Ipês por todo lado
E tem até Jacarandás

Tem Flamboyant, tem Resedá
Tem buganvílias e muito mais
Flores que enfeitam os
caminhos
Trazendo alegria e muita paz

E dos frutos nem se fale
Jatobá se vê também
Bem pertinho aqui na vila
Na escola Leandro Klein

São muitas árvores perfumadas
E pelo chão muitas sementes
Eu encontrei pimenta-rosa
Lá no Parque Chico Mendes

Caminho sempre observando
Vi o que não imaginaria
Caqui, carambola e muito
jambo
Lá no Parque Santa Maria

Perto do Burkart tem café
Jaca no Paulo Machado
Seriguela no Coriolano
Abacate um punhado

Muito mais sei que existe
Que não cabe nessa versada
Como o canteiro da Kennedy
Que tem até jabuticaba.

Minha cidade é bem pequena
Mas aqui é meu recanto
Tem também aves bonitas
Que me encantam com seu
canto

Esta é uma forma singela
De descrever minha cidade
Que mantém os idosos sadios
Nos centros de terceira idade

Quis descrevê-la em poucos
versos
Mas me estendi por demais
Mas minha cidade é tão linda
Que falar pouco não fui capaz

Tem aqui um povo antigo
Que mantém seus descendentes
Sonham que o crescimento da
cidade
Não tire essas belezas da gente.

Sônia Cordeiro

é bacharel em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo e em Biologia pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Pós-graduada pela Universidade Federal de Lavras, foi docente na rede estadual nas disciplinas de Psicologia, Filosofia, Sociologia e Biologia entre 1993-2000. Possui poesia publicada na Antologia do I Concurso de Poesia da *Revista Literária*, do Grupo Editorial Scortecci (2010). Foi responsável pela elaboração do livro *Educação e Gestão Participativa - Biomapa e Horta nas Escolas*, do Clube de Autores (Ebook, 2016), participou do livro *Do Viver e Da Vida - Um Sonho a Dois*, da editora Casa do Novo Autor (2018), além de artigo publicado em coautoria na edição 58 da Revista *Raízes* (dez. 2018), quando participava do Conselho Municipal da Comunidade Negra.

Luiz Pasqualini

Luiz Pasqualini é artista visual com produção voltada para a pintura a óleo. Nasceu em São Caetano do Sul, em 1986, tem se dedicado ao trabalho artístico nos últimos anos e é representado pela Oma Galeria, com participações em feiras de arte e mostras nacionais e internacionais. Auto-didata no início de sua formação, estudou, posteriormente, com professores como Edson Raposeiro, artista também conhecido na cidade. Contudo, na fase adulta, afastou-se das artes enquanto se dedicava a outra profissão.

Há cerca de oito anos, retornou para a produção artística, estabelecendo-se profissionalmente a partir da participação

em diversas exposições, sobretudo salões de arte e mostras coletivas, como a tradicional *Vitrine*, organizada pela Pinacoteca Municipal com o objetivo de mapear e dar luz à produção contemporânea de São Caetano do Sul.

Sua obra condensa as cenas cotidianas da boemia e das vidas urbana e doméstica. A pintura aqui apresentada, intitulada *A espera*, é uma doação recente, que demonstra um momento maduro de sua produção. Tal obra foi exposta no Salão de Arte de Praia Grande (SP) em 2023, sendo o segundo trabalho do artista a integrar o acervo da Pinacoteca Municipal.

A espera
Óleo sobre tela
130 x 150 cm
2022



Acervo/Pinacoteca Municipal (FPMSCS)
Foto/Paulo Cesar Ribeiro (Secretaria Municipal de Cultura de São Caetano do Sul)



Acervo/Museu Histórico Municipal (FPMCS)
Foto/Fausto Cesar Ribeiro (Secretaria Municipal de Cultura de São Caetano do Sul)

✓ Rádio portátil

Entre a grande variedade de objetos do acervo do Museu Histórico Municipal, encontra-se um simpático exemplar de aparelho de rádio portátil da marca alemã Nordmende. Referência na produção de televisores e de uma gama diversa de eletrodomésticos, iniciou suas atividades na década de 1920 como uma marca de rádio.

Do final dos anos 1950 aproximadamente, o modelo que contemplamos nesta edição de *Raízes* está no rol seletivo dos aparelhos icônicos produzidos pela Nordmende. Foi doado ao Museu Histórico por Euclides Caetano Molinari em 12 de julho de 2007.

Praça São Caetano Di Thiene e suas configurações

Localizada no quadrilátero constituído pelas avenidas Goiás e Dr. Augusto de Toledo e pelas ruas Oswaldo Cruz e Marechal Deodoro, a Praça São Caetano Di Thiene foi inaugurada durante a gestão do prefeito Raimundo da Cunha Leite (1977-1982). Sua denominação foi instituída pelo decreto n.º 4.722, de 12 de novembro de 1979. Meses depois, mais precisamente no dia 27 de julho de 1980, foi inaugurado nela o busto em homenagem a Victorio Dal'Mas, elaborado pelo artista italiano Ulderico Gentili e, posteriormente, restaurado por Paulo Tachinardi Domingues.

As remodelações pelas quais passou concederam ao seu espaço configurações distintas nas décadas de 1980 e 1990 e também nos anos 2000. Em 2008, recebeu o prédio do Centro Digital do Ensino Fundamental (Secretaria Municipal de Educação), o que determinou uma requalificação estrutural e estética na área, cujo entorno voltou a ser de acesso livre, sem os gradis que foram instalados em meados do decênio de 1980.

Situada junto a um dos locais de maior movimento da cidade, a Praça São Caetano Di Thiene constitui exemplo emblemático do quanto as transformações ocorridas na cenografia urbana estão articuladas ao dinamismo imposto pelo próprio curso da história, com suas demandas, tendências, interesses e conjunturas. Enquanto palco vivo de variados enredos, a cidade não passa incólume às incidências das tramas históricas, que se revelam, sobretudo, no conjunto arquitetônico de prédios, praças e demais logradouros da urbe, referências por excelência de uma época ou de um tempo.



Aspecto panorâmico da Praça São Caetano Di Thiene no início da década de 1980, aproximadamente. Ao fundo, a Rua Marechal Deodoro



A praça sob um ângulo oposto, tendo ao fundo a Avenida Goiás. Foto do início da década de 1980



Parte de trás das instalações do prédio do Centro Digital, inaugurado em 2008 na quadra da praça fronteira à Avenida Goiás



Entrada da praça em foto do início da década de 1990. Toda a sua área já aparece cercada com os gradis



Aulas particulares em 1950



Acervo/FPMSCS



Esquina da Rua José Paolone (rua na qual residia a professora Romélia) com a Avenida Goiás, na década de 1950

O *Jornal de São Caetano*, principal veículo da imprensa local e grande articulador da vida cidadina, acumulando, em sua trajetória, a promoção de campanhas do porte do Movimento Autonomista e da construção de um hospital (campanhas que foram decisivas para a criação do município sul-são-caetanoense), reservava, em suas páginas, espaço para anúncios que serviam de “indicadores profissionais”. Pela importância e alcance do periódico na cidade, não é difícil supor que muitos moradores devem ter recorrido aos diferentes serviços nele divulgados, beneficiando-se dos préstimos de pessoas qualificadas em áreas variadas de atuação.

Romélia da Costa Azevedo Meyer, residente na Rua José Paolone, nº 156, Bairro Santa Paula, encontrava-se nesse rol, conforme constatara o anúncio publicado na edição de 13 de maio de 1950 do jornal. Em tal anúncio, a informação de que se tratava de “professora formada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas” aparece inicialmente, com destaque. Na sequência, a indicação de que lecionava latim, francês, espanhol e português em seu domicílio.

Com um currículo dessa envergadura acadêmica – algo raro, na época, ao universo das mulheres, cuja grande maioria ainda se encontrava em seus lares dedicando-se às tarefas domésticas e às suas respectivas famílias –, é possível aventar a hipótese de que Romélia Meyer tenha conseguido angariar muitos alunos, deixando em cada um deles as marcas de seu conhecimento e erudição.

EXPOSIÇÕES

Nossos Bairros

A exposição *Nossos Bairros*, a primeira promovida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano em 2025, contempla, por meio de oito painéis fotográficos, momentos variados dos 15 bairros do município, destacando os seus cenários, referências e lugares (alguns deles já desaparecidos, em razão das transformações urbanas).

Instituídos pelo decreto municipal nº 3.064, de 15 de fevereiro de 1968, que objetivou promover o reordenamento do perímetro urbano, os bairros da cidade procedem de antigos loteamentos, cujas origens remontam ao início do século passado, quando São Caetano vivia sob um já significativo processo de urbanização e industrialização.

Essa mostra marcou a reabertura, no dia 20 de maio, do Espaço do Forno, local cultural sob a responsabilidade da Pró-Memória e destinado à apresentação de exposições fotográficas de caráter histórico. Detentor de um valor patrimonial inestimável, tal espaço consiste em um remanescente do conjunto de fornos intermitentes utilizados na produção de refratários da Cerâmica São Caetano, uma das principais fábricas da história da industrialização da localidade, em atividade entre as déca-

das de 1920 e 1990 na área hoje ocupada pelo Espaço Cerâmica. Abrigará a exposição até o fim de agosto.



Travessias:

Da Itália ao Núcleo Colonial de São Caetano, a trajetória dos primeiros imigrantes e dos seus descendentes na cidade

O ano de 2025 celebra os 148 anos da fundação do Núcleo Colonial de São Caetano, episódio que está vinculado ao processo de estabelecimento de imigrantes italianos no território brasileiro, a partir do final do século 19, com o prenúncio da abolição da escravatura. Para marcar essa data, a Fundação Pró-Memória organizou a exposição fotográfica *Travessias: Da Itália ao Núcleo Colonial de São Caetano, a trajetória dos primeiros imigrantes e dos seus descendentes na cidade*.

Em cartaz no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes desde o dia 28 de julho, a exposição apresenta os principais momentos do percurso de

imigrantes dos primeiros grupos aqui instalados. São revividos aspectos essenciais dessa trajetória: do embarque no Porto de Gênova (Itália), em 1º de julho de 1877, no vapor Europa (navio que trouxe a primeira leva estabelecida na localidade), passando pela chegada ao então Núcleo Colonial de São Caetano, em 28 de julho daquele ano, até o início de sua caminhada em terras sul-são-caetanenses. Destacam-se as atividades econômicas, sociais e culturais mais importantes desses grupos e de seus descendentes na luta pela sobrevivência.

A mostra poderá ser prestigiada até o dia 3 de outubro, de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, com entrada gratuita e faixa etária livre.



EVENTOS

V Simpósio Internacional Comunicação e Cultura:

aproximações com memória e história oral – Os desafios da interculturalidade

Entre os dias 5 e 7 de maio, a Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, sediou a quinta edição do *Simpósio Internacional Comunicação e Cultura: aproximações com memória e história oral – Os desafios da interculturalidade*. Uma das instituições organizadoras do evento, ao lado da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), da Universidade de Colima (UdeC, México), da Universidade de Medellín (Colômbia), do Centro de Produção de Leituras, Escrituras e Memórias (LEM, México) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a Fundação Pró-Memória participou da mesa *Centro de Estudos da Memória: empreendedorismo cultural*, além de ter coordenado o Grupo Temático *Cultura e Memória: patrimônio e acervo cultural*.

As rodas de conversa, mesas e painéis promovidos geraram diálogos proveitosos, encaminhando reflexões acerca de categorias como patrimônio, identidade, memória e interculturalidade.

A próxima edição do *Simpósio Internacional Comunicação e Cultura* será em 2027, na cidade mexicana de Puebla.



O desafio da difusão:

expor e pesquisar o acervo de arte da Pinacoteca Municipal

Como parte da programação da 23ª Semana Nacional de Museus – iniciativa do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), que, neste ano, apresentou o tema *O futuro dos museus em comunidades em rápida transformação* –, a Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal e do Centro de Documentação Histórica, duas de suas frentes de atuação, promoveu, no dia 15 de maio, o bate-papo *O desafio da difusão: expor e pesquisar o acervo de arte da Pinacoteca Municipal*.

Pensar o legado, as maneiras de aquisição e como um acervo se mantém em movimento diante das pesquisas documental e expositiva é essencial para a dis-

cussão a respeito das formas de difusão em arte e da memória de uma sociedade. Tendo isso em vista, o bate-papo proposto foi conduzido pela supervisora da Pinacoteca Municipal, Bruna Marassato, e pela coordenadora do Centro de Documentação Histórica, Léia Cassoni. Com o objetivo de elucidar as dinâmicas entre artista e instituição, considerando a temática da exposição *Legado, Aquisições e um Acervo em Movimento*, então em cartaz na Pinacoteca Municipal de São Caetano, o bate-papo teve como eixo as perspectivas curatorial e documental. Os participantes puderam conhecer a exposição e como ela foi organizada, bem como o Centro de Documentação, responsável pelo gerenciamento e pela salvaguarda dos materiais bibliográficos dos artistas.



AÇÕES

Revitalização da vitrine arqueológica

A vitrine arqueológica situada junto a uma das laterais externas do templo da Paróquia São Caetano (Matriz Velha), no Bairro da Fundação, sob a responsabilidade da Fundação Pró-Memória, passou, no mês de abril, por um processo cuidadoso de revitalização. O trabalho compreendeu ações em seus setores interno (pintura e troca das luminárias) e externo (lavagem). Na ocasião, foi feita também a troca da placa alusiva ao espaço, que traz um texto explicativo de autoria de José de Souza Martins a respeito dos materiais expostos em seu interior.

Tais materiais consistem em uma estrutura de lajotas perfiladas, medindo 9,50 metros de comprimento por 0,45m de largura. Remontam ao ano de 1772 e se constituem no alicerce da capela da antiga Fazenda Beneditina de São Caetano. Trata-se de material revelado pelas escavações arqueológicas realizadas entre 1991 e 1992 em área situada no entorno da igreja que abriga a Paróquia São Caetano, construída a partir do fim do século 19 sobre a estrutura daquela capela.

O projeto referente a tais escavações foi fruto de convênio firma-

do entre a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, o Museu Histórico Municipal da cidade e a Universidade de São Paulo (USP). Os trabalhos realizados na área tiveram a coordenação científica da professora Margarina Davina Andreatta (Museu Paulista, USP), pioneira no Brasil em pesquisas de arqueologia histórico-industrial.

Os objetos que se encontram em exposição permanente na vitrine arqueológica são vestígios do período histórico desenrolado em São Caetano antes da fundação do núcleo colonial, em 28 de julho de 1877, e da chegada dos primeiros imigrantes originários do Vêneto, na Itália.



PARCERIAS

Fundação Pró-Memória e Coordenadoria Municipal da Terceira Idade

A Fundação Pró-Memória firmou uma parceria com a Coordenadoria Municipal da Terceira Idade (Comtid), por meio da qual são promovidas visitas monitoradas dos Centros Integrados de Saúde e Educação (Cises) da cidade aos espaços sob a responsabilidade da instituição.

A primeira etapa da série de visitas aconteceu nos dias 4, 6, 11, 13 e 17 de junho junto à vitrine arqueológica, situada em uma das laterais externas do templo da Paróquia São Caetano, no Bairro da Fundação. Integrantes dos sete centros da terceira idade do município receberam, durante as visitas, monitoria por parte da equipe técnica da Fundação Pró-Memória, com explicações sobre a importância histórica e arqueológica do material que se encontra permanentemente exposto em tal vitrine.

No decorrer dos próximos meses, será estabelecido um novo roteiro de visitas, de modo que possam ser contemplados os demais espaços expositivos da Pró-Memória.



Edifício
que abrigou
o antigo
Ginásio do
ABC entre
1963 e 1972.
Situava-se
na Avenida
Goiás, nº
2.594



Acervo/FPMSCS

Paróquia
Nossa
Senhora da
Prosperidade,
vista da
Praça da
Riqueza



Acervo/FPMSCS

Acervo/FPMSCS



Prédio do primeiro pavilhão da Fábrica de Correntes São Caetano, na Rua Prudente de Moraes, em foto de 1949. Tal fábrica foi fundada em 1947 e possuía como sócios Isidoro de Santis, Ângelo Saconi, José Pelegrino Ferrer e Sebastião Sampaio de Assis. Tinha como slogan: “Só correntes, por isso podemos fabricá-las melhor”

Acervo/FPMSCS



Prédio do antigo Hospital Bartira, que ficava na esquina das ruas Oswaldo Cruz e Marechal Deodoro. Ao fundo, vê-se parte das instalações da Ferro Enamel. Foto da década de 1950

Conjunto de casas operárias da Vila Tupan, na Rua Senador Fláquer, no Bairro São José. Essa vila foi construída pela Cerâmica Tupan em meados da década de 1940



Acervo/FPMSCS



Acervo/FPMSCS

Esquina das ruas Piauí e Amazonas em foto do final da década de 1970, aproximadamente



Esquina das ruas Manoel Coelho e Alagoas, no centro de São Caetano, em foto do início da segunda metade do século passado

Prédio do então Parque Infantil (hoje Escola Municipal de Educação Infantil - Emei) Fernando Piva, na Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano, nº 1.050, Bairro Olímpico. A escola foi inaugurada no dia 21 de janeiro de 1968



Esquina da Rua Visconde de Inhaúma com a Avenida Paraíso em foto do final da década de 1970. Na época, o edifício em destaque era ocupado pela Faculdade Paulista de Serviço Social. Atualmente, esse endereço abriga a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio (EMEFM) Arquiteto Oscar Niemeyer

Acervo/FPMSCS



Prédio da antiga Companhia Telefônica da Borda do Campo, na Rua Monsenhor Francisco de Paula, em foto de 1958

Preparativos na Rua Maceió (esquina com a Rua Natale Furlan) para a procissão de Corpus Christi organizada pela Paróquia Nossa Senhora Aparecida na década de 1970



Acervo/FPMSCS

Vista do prédio do Moinho Santa Clara, localizado na então Rua Senador Lacerda Franco (atual Rua Heloísa Pamplona, Bairro da Fundação), em foto da primeira metade do século 20



Acervo/FPMSCS

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

SEDE ADMINISTRATIVA
PINACOTECA MUNICIPAL
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
São Caetano do Sul - SP
(11) 4223-4780
fpm@fpm.org.br
pinacoteca@fpm.org.br
centro.documentacao@fpm.org.br

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122
São Caetano do Sul - SP
(11) 4229-1988
museu@fpm.org.br

SALÃO EXPOSITIVO
ESPAÇO VERDE CHICO MENDES
Avenida Fernando Simonsen, nº 566
São Caetano do Sul - SP

ESPAÇO CULTURAL
CASA DE VIDRO
Praça do Professor
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)
São Caetano do Sul - SP

ESPAÇO DO FORNO
Praça do Forno
Espaço Cerâmica
São Caetano do Sul - SP



fpmscs_oficial



promemoria.caetano

WWW.FPM.ORG.BR